

ORDALHA CRISTINA MARIANO ALVES DE SOUZA

A ARTESANIA DA PALAVRA:

UM ESTUDO DOS NEOLOGISMOS DERIVACIONAIS EM MANOEL DE BARROS

**TRÊS LAGOAS/MS
2015**

ORDALHA CRISTINA MARIANO ALVES DE SOUZA

A ARTESANIA DA PALAVRA:

UM ESTUDO DOS NEOLOGISMOS DERIVACIONAIS EM MANOEL DE BARROS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Literários) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kelcilene Grácia-Rodrigues

**TRÊS LAGOAS/MS
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM LETRAS**

ORDALHA CRISTINA MARIANO ALVES DE SOUZA

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* de Três Lagoas, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Kelcilene Grácia-Rodrigues

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Orientador / Presidente)

Prof. Dr. Marcelo Marinho

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA, Foz do Iguaçu).

Profa. Dra. Aparecida Neri Isquerdo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Descobrir que afinal de contas não possui nenhuma queixa
e que está sem nenhuma tristeza para dizer no momento
Lembrar que não sente fome, que os olhos estão perfeitos...
Para falar a verdade, sentir-se quite com a vida.

(BARROS, 1956, p.31)

À minha mãe, a quem Deus concedeu o dom de me trazer ao mundo e me educar para a vida, e que continua a cumprir seu papel com muito amor.

Ao meu pai, que se foi, mas deixou seu exemplo de persistência, amor e fé.

Ao meu marido, que acredita nos meus sonhos e investe neles como se fossem seus.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me dar sabedoria e força;

À Profa. Dra. Kelcilene Grácia-Rodrigues, amiga, professora e orientadora, que acreditou em mim e concordou em orientar a elaboração deste trabalho com carinho e dedicação;

Ao meu marido José Luís, amigo de todas as horas, que me acompanha enquanto leio, estudo ou participo de algum evento, sempre me incentivando a seguir em frente;

Aos meus filhos Luís Henrique e Ana Flávia, que souberam valorizar cada momento dividido com eles e tornaram mais feliz este instante de minha vida;

Aos meus netos *Laura* e *Miguel*, que chegaram enquanto eu fazia o Mestrado, alegrando ainda mais a minha vida;

Aos meus queridos Vinícius e Francine, genro e nora tão especiais;

Aos meus irmãos e cunhadas pela confiança e apoio; aos meus sobrinhos, por se orgulharem de sua titia-aluna;

Às minhas amigas queridas Aline, Érica, Eloiza, Kátia, Maysa, Milena, Paulo, Raysa, pelos momentos compartilhados. Saibam que ficarão para sempre em meu coração!

Aos professores Clara, Rauer, Ricardo, Sales, Wagner, e à Coordenação do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, pelo carinho com que me receberam, tratando-me mais como uma companheira de trabalho do que como aluna;

À diretora Magnólia Segura Dias, que me oportunizou o cumprimento dos créditos, ajustando o horário de aulas às minhas necessidades de afastamento;

À Sandra Regina Ferreira, que cuida da minha casa e de mim há quase trinta anos, deixando-me livre de preocupações com a rotina;

À Secretaria de Estado de Educação de São Paulo, pela bolsa do Programa Mestrado/Doutorado;

A todos aqueles que me incentivaram e apoiaram, orgulhando-se de terem uma amiga no Mestrado.

SOUZA, Ordalha Cristina Mariano Alves de Souza. *A artesanía da palavra: um estudo dos neologismos derivacionais em Manoel de Barros*. Três Lagoas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2015. (Dissertação de Mestrado)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar e apresentar os neologismos derivacionais de oito títulos de Manoel de Barros, sendo eles *Poemas concebidos sem pecado* (1937), *Face imóvel* (1942), *Poesias* (1956), *Gramática expositiva do chão* (1969), *Matéria de poesia* (1974), *Arranjos para assobio* (1982), *O livro das ignoranças* (1993) e *Ensaio Fotográficos* (2000), organizados em fichas numeradas e em ordem alfabética contendo as unidades léxicas, a provável base lexical, os sentidos atribuídos à palavra de acordo com o contexto, o número de ocorrências do neologismo no *corpus* analisado, a abonação e um comentário linguístico de acordo com o suporte teórico utilizado. Inicialmente, apresentamos a biografia de Manoel de Barros, seguida de parte de sua fortuna crítica, organizada de acordo com as citações de Castro (1992), Silva (1998), Béda (2002) e Grácia-Rodrigues (2006), entre outros, composta por vinte e seis livros que tratam principalmente do trabalho que o poeta realiza com a linguagem. Para subsidiar nosso trabalho, apresentamos uma explanação sobre a estilística da palavra, o estilo, a formação e classificação dos neologismos e o processo de formação de palavras derivadas pelo acréscimo de um afixo, de acordo com Carvalho (1974), Câmara Junior (1977), Biderman (1978), Barbosa (1981), Basílio (1987), Sandmann (1992), Lapa (1998), Alves (2007) e Martins (2011). Utilizamos como ferramenta para a manipulação do *corpus* o programa *Microsoft Word*, que possibilitou o armazenamento do conteúdo para confirmação do neologismo, processo que foi feito através de consulta aos dicionários *Novo Dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986), na versão eletrônica do *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2009), e na versão eletrônica do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva (1755-1824). Foram elencados 65 neologismos, sendo 34 substantivos, 17 adjetivos, 10 verbos e 4 advérbios. Observamos que os neologismos refletem o amplo conhecimento que Manoel de Barros possui da língua, uma vez que suas criações não se distanciam da gramática normativa, já que os neologismos são formados a partir do acréscimo de um afixo, sendo 6 prefixos e 19 sufixos, com reincidência do prefixo “des-” e do sufixo “-oso”.

Palavras-chave: Manoel de Barros; Contexto poético; Neologismos; Significado das palavras.

SOUZA, Ordalha Cristina Mariano Alves de Souza. *A artesanaria da palavra: um estudo dos neologismos derivacionais em Manoel de Barros*. Três Lagoas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2015. (Dissertação de Mestrado)

ABSTRACT

This study aims to identify and introduce the neologisms of eight titles from Manoel de Barros writings, whose names are *Poemas concebidos sem pecado* (1937), *Face imóvel* (1942), *Poesias* (1956), *Gramática expositiva do chão* (1969), *Matéria de poesia* (1974), *Arranjos para assobio* (1982), *O livro das ignorâncias* (1993) e *Ensaio fotográficos* (2000). They were organized in cards, in alphabetical order and numbered containing the neologisms, the probable lexical basis, the meanings that each word received according to the context, the frequency of the occurrences into the analysed corpus, the sample sentences and a linguistic comment related to the theoretical support. At first, Manoel de Barros's biography was introduced followed by part of his "critical fortune", according to Castro (1992), Silva (1998), Béda (2002) and Gracia-Rodrigues (2006) listed from twenty six books that deal with mainly from the work the poet builds with the language. An explanation about the stylistic word, the style itself, the neologisms formation and classification and the word formation process derived by adding an affix was prepared to support our study in agreement with Carvalho (1974), Câmara Junior (1977) Biderman (1978), Barbosa (1981), Basílio (1987), Sandmann (1992), Lapa (1998), Alves (2007) and Martins (2011). It was used the Microsoft Word program as a tool for the manipulation the New Dictionary of the Portuguese language dictionaries, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2 ed, Rio de Janeiro, New Frontier, 1986), the electronic version of the Concise Oxford Electronic Dictionary (2009), and the electronic version of the Dicionário of the Portuguese Language by Antonio de Moraes Silva (1755-1824). They are listed in 65 neologisms, classified in 34 nouns, 17 adjectives, 10 verbs and 4 adverbs. These neologisms reflect the large knowledge that Manoel de Barros owns about the language itself, since his creations are not far from the normative grammar because the neologisms are formed adding an affix, totalizing 6 prefixes and 19 suffixes, there are coincidence on the prefix "des-" and the suffix "-oso".

Key words: Manoel de Barros. Meaning of words. Poetic context.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 MANOEL DE BARROS: VÁRIOS OLHARES, MUITOS CAMINHOS	16
1.1 Manoel de Barros, o poeta.....	17
1.2 Manoel de Barros, muitos olhares, vários caminhos.....	19
1.3. O poeta e as palavras	21
1.3.1 Quadro síntese das obras elencadas no item 1.3	40
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	44
2.1 Formação dos Neologismos.....	46
2.2 Classificação dos Neologismos	47
2.2.1 Neologismos sintáticos	48
2.2.2 Neologismos fonológicos	49
2.2.3 Neologismos semânticos	49
2.2.4 Conversão	50
2.2.5 Neologismo por empréstimo.....	50
2.2.6 Truncação, Palavra-valise, Reduplicação e Derivação regressiva	51
2.3 Neologismos sintáticos formados pelo processo de derivação	51
2.3.1 Derivação prefixal.....	52
2.3.1.1 Os prefixos	52
2.3.2 Derivação sufixal	55
2.3.2.1 Os sufixos	57
2.4 Derivação parassintética.....	63
3 APRESENTAÇÃO DOS NEOLOGISMOS	65
3.1 Fichas dos neologismos.....	67
3.2 Considerações gerais sobre os neologismos	101
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICE A – Lista de neologismos por obra	116
APÊNDICE B – Lista de neologismos por obra e por classe gramatical	119

Abreviaturas, Siglas e Sinais convencionais utilizados nesta pesquisa

A.	<i>Dicionário Aurélio</i> (2004)
adj.	adjetivo
adv.	advérbio
A.M.S	<i>Dicionário da Língua Portuguesa</i> , de Antonio de Moraes Silva (1724 – 1883)
APA	<i>Arranjos para assobios</i>
conf.	conforme
EF	<i>Ensaio fotográficos</i>
FI	<i>Face imóvel</i>
GEC	<i>Gramática expositiva do chão</i>
H.	<i>Dicionário Houaiss</i> (2009)
LI	<i>O livro das ignoranças</i>
MB	Manoel de Barros
MP	<i>Matéria de poesia</i>
N/C	não consta
P	<i>Poesias</i>
PCSP	<i>Poemas concebidos sem pecado</i>
subst.	substantivo
V	verbo
/	Indica mudança de verso
//	Indica mudança de estrofe
*	Utilizado para separar duas abonações

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Frequência de ocorrências de neologismos encontrados no <i>corpus</i>	102
GRÁFICO 2	Frequência de ocorrências de prefixos e sufixos na criação dos neologismos	103
GRÁFICO 3	Frequência de ocorrências do prefixo des- na criação dos neologismos	104
GRÁFICO 4	Frequência de ocorrências de sufixos nominais, verbais e adverbiais na criação de neologismos.....	105
GRÁFICO 5	Frequência de ocorrências de substantivos, adjetivos, advérbios e verbos	106

INTRODUÇÃO

Nosso primeiro contato com a poesia de Manoel de Barros aconteceu quando da leitura do poema “Auto-retrato falado”¹ (BARROS, 1994, p. 107). Durante muitos dias o verso “Agora eu sou tão ocaso!” ficou ecoando em nosso subconsciente. Não que não soubéssemos o que significa a palavra “ocaso”, mas aquele uso tão particular nos surpreendeu. Uma consulta ao dicionário “Aurélio” nos levou à seguinte acepção: “3. *Fig.* Termo, fim, final: o ocaso da vida; “No meu encontro com Getúlio Vargas, naquela hora final do seu ocaso, estava eu longe de adivinhar o desfecho trágico da manhã de vinte e quatro de agosto.” (Augusto Frederico Schimidt, *As florestas*, p. 211)” (FERREIRA, 1986, p. 1212). Manoel de Barros não criara aquele significado, ele estava ali, ao alcance de todos, mas nunca havíamos ouvido alguém utilizá-lo, muito menos com tanta beleza. Aquele eufemismo tornara a ação de envelhecer um tanto quanto suave.

Depois dessa leitura, vieram outras: muitos neologismos, tema desta pesquisa, novos usos para velhas palavras, inversões na ordem das palavras nas frases e outros tantos recursos continuaram a surpreender e nos fazer admirar ainda mais Manoel de Barros, pois somente alguém com um conhecimento intenso da língua poderia utilizá-la com tanta propriedade. E, em uma dessas leituras, encontramos outros versos do próprio poeta que confirmaram a nossa conclusão: “A única língua que estudei com força foi a portuguesa. / Estudei-a com força para poder errá-la ao dente.” (BARROS, 2000, p. 17)

Ou seja, o poeta não errara a língua, ele apenas colocara em prática o que o Padre Ezequiel, seu preceptor, lhe recomendara, após perguntar-lhe se ele não era bugre, quando Barros ainda era um menino de treze anos: “Pois é nos desvios que [bugre] encontra as melhores surpresas e os aritícuns maduros. / Há que apenas saber errar bem o seu idioma.” (BARROS, 1994, p. 89). E Manoel de Barros continua a “encantar” seus leitores com seus “erros” tão acertados.

Além de encantar seus leitores, o trabalho de manipulação da linguagem realizado por Manoel de Barros é citado por estudiosos que se debruçam sobre sua obra. Mesmo que o objetivo seja abordar o tema, a poética ou o estilo, entre tantos outros assuntos, há sempre um momento de reflexão sobre o uso da palavra pelo poeta. Verificando a fortuna crítica do poeta, percebemos que, embora citado na maioria dos trabalhos sobre a produção literária de

¹ Optou-se por manter a grafia original do título do poema.

Manoel de Barros, não há um estudo que contempla de forma sistematizada a “artesanaria” da linguagem, sendo este o objetivo do projeto que está sendo desenvolvido pela Prof.^a Dr.^a Kelcilene Grácia-Rodrigues, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, intitulado *A (re) invenção lexical em Manoel de Barros*, do qual esta pesquisa é parte integrante.

O termo “artesanaria”, adotado no título deste trabalho como sinônimo de toda manipulação da linguagem feita pelo poeta, trata-se de um estrangeirismo e foi utilizado por Manoel de Barros no documentário “Só dez por cento é mentira” ao se referir à poesia. De acordo com Barros: “Poesia é o belo trabalhado, é uma ‘artesanaria’.” (BARROS, 2008)

Manoel de Barros publicou de 1937 a 2010 os seguintes títulos: *Poemas concebidos sem pecado* (1937), *Face imóvel* (1942), *Poesias* (1956), *Compêndio para uso dos pássaros* (1961), *Gramática expositiva do chão* (1969), *Matéria de poesia* (1974), *Arranjos para assobio* (1982), *Livro de pré-coisas* (1985), *O guardador de águas* (1989), *Gramática expositiva do chão* (Poesia quase toda) (1990), *Concerto a céu aberto para solos de ave* (1991), *O livro das ignoranças* (1993), *Livro sobre nada* (1996), *Retrato do artista quando coisa* (1998), *Exercícios de ser criança* (1999)*,² *Ensaaios fotográficos* (2000), *O fazedor de amanhecer* (2001)*, *Poeminhas pescados numa fala de João* (2001)*, *Tratado geral das grandezas do ínfimo* (2001), *Cantigas por um passarinho à toa* (2003)*, *Memórias inventadas: a infância* (2003), *Para encontrar o azul eu uso pássaros* (2003), *Poemas rupestres* (2004), *Memórias inventadas: A segunda infância* (2006), *Memórias inventadas: A terceira infância* (2008), *Menino do mato* (2010)* e *Escritos em verbal de ave* (2011).

Diante da necessidade de delimitar o *corpus* desta pesquisa, visto ser este um trabalho de dissertação e o tempo não nos permitir abarcar toda a obra de Manoel de Barros, escolhemos, entre os títulos publicados, oito livros, de acordo com os seguintes critérios:

1. Adotar uma obra por década;
2. Caso o autor tenha publicado mais de uma obra na década, optar por aquela que possui um número significativo de neologismos.

Vale ressaltar que somente *Poemas concebidos sem pecado* (1937) e *O livro das ignoranças* (1994) não constituem a primeira edição de cada título da obra publicada por Manoel de Barros.

Após a primeira delimitação, o *corpus* ficou assim estabelecido: *Poemas concebidos sem pecado* (1937), *Face imóvel* (1942), *Poesias* (1956), *Gramática expositiva do chão*

² Os livros assinalados com asteriscos são encaixados na categoria infantojuvenil.

(1969), *Matéria de poesia* (1974), *Arranjos para assobio* (1982), *O livro das ignoranças* (1993) e *Ensaio Fotográficos* (2000).

Diante da necessidade de uma nova delimitação, optamos por inventariar as palavras criadas a partir do processo de derivação, uma vez que observamos que, independente da vertente analisada, ao estudar a obra de poeta, autores como Sanches Neto (1997), Silva (1998), Spironelli (2002) e Azevedo (2007), entre outros, não deixam de se referir, principalmente, à reincidência do prefixo “des-” e do sufixo “-oso” na criação de novas palavras pelo poeta.

Esta pesquisa está dividida em quatro capítulos. No primeiro, *Manoel de Barros, muitos olhares, vários caminhos*, apresentamos o poeta e vinte e seis estudos, entre teses, dissertações, artigos e ensaios, que tratam principalmente do léxico na obra de Manoel de Barros, com o objetivo de subsidiar o nosso trabalho e também de outros pesquisadores.

A pesquisa bibliográfica nos permitiu verificar que, mesmo quando o objetivo dos autores era o estudo da poética, a comparação com diferentes autores, os temas desenvolvidos nos poemas, entre outros, os pesquisadores não deixaram de se referir ao trabalho de Manoel de Barros com a linguagem, o que nos levou a incluí-los entre as sinopses apresentadas, citando, em especial, os trechos que se referem ao processo de formação de palavras por derivação.

No segundo capítulo, intitulado *Fundamentação teórica*, apresentamos os conceitos de Estilística e Estilo segundo Câmara Júnior (1977) e Martins (2011); a definição e classificação dos neologismos segundo Biderman (1978), Carvalho (1984) e Alves (2007), e o processo de formação de palavras *derivação* de acordo com Bechara (1982), Basílio (1987), Cunha (1997), Lapa (1998), Alves (2007) e Martins (2011).

As dissertações de Mestrado de Nilce Aparecida Alves Cardoso (2006), *As criações neológicas em Monteiro Lobato: para a construção de um glossário*, e Noslen Nascimento Pinheiro (2008), *A expressividade dos neologismos sintagmáticos na prosa de Mário de Andrade*, serviram de inspiração para o nosso trabalho, uma vez que, embora tratando de outros autores, o objetivo das duas pesquisas é o mesmo: elencar os neologismos utilizados pelos autores Monteiro Lobato e Mário de Andrade, respectivamente, já que intentamos elencar as palavras criadas por Manoel de Barros pelo processo de derivação.

No terceiro capítulo, intitulado *Apresentação dos neologismos*, apresentamos a metodologia do trabalho, os neologismos criados por Manoel de Barros organizados em fichas divididas em 6 campos, nos quais elencamos o neologismo, a provável base lexical, o

sentido atribuído à palavra após o trabalho do poeta com a linguagem, o número de ocorrências, a abonação e algumas observações que poderão subsidiar outras leituras. Após as fichas, apresentamos algumas considerações gerais sobre os neologismos.

Consideramos como neologismos as palavras presentes nas oito obras de Manoel de Barros que não constam na versão impressa do dicionário: *Novo Dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986), por ser um material de referência entre os dicionários da língua portuguesa falada no Brasil, na versão eletrônica do *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2009), organizado por Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, por apresentar ferramentas sofisticadas que proporcionaram maior precisão ao trabalho e na versão eletrônica do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva (1755-1824).

A escolha do dicionário de autoria de Antonio de Moraes Silva se fez pela referência do poeta, verbalizada em: “Pelo menos uma vez por dia me vou no Morais / ou no Viterbo - / A fim de consertar a minha ignorãça, / mas só acrescenta.” (BARROS, 1994, p. 29).

No quarto capítulo, apresentamos as considerações finais sobre a realização desta pesquisa, que nos permitiu verificar que as criações neológicas nasceram com o poeta, já em seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado* (1937), e se intensificaram a partir do quarto livro. A reincidência do prefixo “des-” e do sufixo “-oso” chama a atenção pelo grande número de palavras, além da substituição de sufixos já consagrados por outros que surpreendem o leitor em um leque de possibilidades, causando estranheza e admiração ao mesmo tempo. Ao inventar palavras ou utilizá-las em novas construções o poeta se reinventa e reinventa seu mundo.

É importante ressaltar que esta pesquisa está aberta a acréscimos, correções e aprimoramento. Todas as observações serão bem-vindas e enriquecerão ainda mais nosso trabalho.

1 MANOEL DE BARROS: MUITOS OLHARES, VÁRIOS CAMINHOS

Em seus quase trinta livros publicados, Manoel de Barros, com seu olhar de menino, busca nas coisas inúteis a matéria de sua poesia; no trabalho de “artesanias” com as palavras, uma forma diferente de expressar o mundo; na liberdade da forma, a autonomia para escrever; na elaboração de imagens inéditas, um contato íntimo com o leitor que tenta delas se apropriar; na unificação dos seres dos reinos mineral, vegetal e animal, um sentimento de pertencimento; nas pessoas com quem conviveu, as memórias desses encontros; nas experiências vividas, a infância nunca esquecida; ora o poeta vive a realidade das cidades e se encanta com o mar, ora é um menino correndo pelos campos do “seu” Pantanal, em meio a árvores, lesmas e caramujos.

Os “deslimites” têm despertado muitos olhares, estudiosos se debruçam sobre seus livros em busca de um caminho, estes também são muitos: 1) Estudos Comparados, entre os quais podemos citar os de Penna Filho (2000), Jesus (2005), Grácia-Rodrigues (2006), Fraga (2009), Moraes (2014); 2) trabalhos sobre o fazer poético de Manoel de Barros, como os de Fernandes Filho (1987), Camargo (1988), Batista (1989), Menegazzo (1991), Castro (1992), Camargo (1996) e Silva (1998); 3) trabalhos acadêmicos que descrevem os processos léxicos, sintáticos e semânticos de Manoel de Barros, sendo eles de autoria de: Camargo (1999), Landeira (2000), Spironelli (2002), Marchesini (2002), Martins e Marinho (2002), Béda (2003), Ramires e Russeff (2004), Carrijo (2004) e Spironelli e Isquierdo (2004); 4) a reincidência do tema infância, apresentada por Peregrino (2010) e Torres (2011); 5) memória e imaginação, como no estudo de Almeida (2012).

Vale ressaltar que esses são apenas alguns dos temas abordados pelos autores, ávidos por compreender a obra do poeta, que tantas possibilidades de pesquisa oferece.

Independente da vertente, os estudiosos são unânimes em reconhecer o trabalho ímpar que o poeta realiza com a linguagem: arcaísmos, regionalismos, coloquialismos, uso de vocábulos eruditos e neologismos, entre outros recursos, compartilham espaços nas páginas dos livros e tornam inéditos os poemas do autor.

Neste capítulo, intentamos, entre tantos caminhos apresentados pelos autores, apresentar o poeta Manoel de Barros e alguns olhares dos estudiosos sobre sua obra, sendo nosso objetivo maior elencar trabalhos que tratem especificamente do léxico e a inovação vocabular através do processo de derivação.

1.1 – Manoel de Barros, o poeta.

Me lembra que o único riso solto que encontrei
era pago!
É preciso AÇÃO AÇÃO AÇÃO
Levante desse torpor poético, bugre velho (BARROS, 1937, p.56)

Manoel de Barros nasceu em 1916, em Cuiabá, no Beco da Marinha, beira do rio Cuiabá, onde morou por poucos meses, tendo se mudado com seus pais para Corumbá, de onde saiu, com oito anos para um colégio interno em Campo Grande. Logo depois foi para o Rio de Janeiro estudar. Faleceu em 13 de novembro de 2014, em Campo Grande / MS, aos 97 anos de idade.

Apesar de ter seu primeiro livro publicado aos vinte e um anos de idade, é o próprio Manoel de Barros quem nos revela que o “nascimento de um poeta” aconteceu bem antes, quando ele ainda era interno em um colégio de padres, no Rio de Janeiro:

No recreio havia um menino que não brincava
Com outros meninos
O padre teve um brilho de descobrimento nos olhos
- POETA! (BARROS, 1937, p. 53)

Manoel de Barros, em entrevista à *Revista Grifo*, diz não ter se sentido compelido a “retesar versos frouxos ou endireitar sintaxes tortas” (BARROS, 2008, p. 308), nem à volta aos sonetos. Para ele, a sua inaptidão para o diálogo gerou o poeta; um bom escutador e um *vedor* melhor, que tem como matéria da poesia as árvores, as pedras e o cisco.

O reconhecimento aconteceu na década de 1980, quando Millôr Fernandes, em sua coluna para a revista *Istoé*, apresentou o poeta e transcreveu um de seus poemas. Grácia-Rodrigues (2006, p. 32) acrescenta que para isso “contribuíram o filme de Joel Pizzini, *Caramujo-flor*, e a edição da revista espanhola *El Paseante*, dedicada ao Brasil, com grande destaque para Barros. ”.

Para o poeta, sua poesia é fertilizada pelo sol, pelas águas, pelo chão do Pantanal, mas não o Pantanal que conhecemos, e sim aquele que está nas lembranças de Manoel de Barros, no qual ele vai buscar inspiração.

Grácia-Rodrigues (2006) ao refletir sobre a paisagem que encontramos descrita nos poemas de Manoel de Barros afirma:

A paisagem que enforma o universo de Barros não é, portanto, a descrição acurada de uma realidade física da terra pantaneira, mas antes a recriação complexa, sem fronteiras, de outra, criada por um ato de palavra que se revela por um especial uso da linguagem poética, povoada de imagens capazes de iconizar, indiciar e representar o poeta e seu mundo. (GRÁCIA-RODRIGUES, 2006, p. 33)

Tendo o Pantanal como cenário e utilizando as lembranças da infância, as brincadeiras das quais participou, as experiências que teve e as pessoas que passaram por sua vida ou personagens que ele criou como tema de seus escritos, Manoel de Barros realiza um trabalho único com a linguagem.

Seus versos são repletos neologismos³. O poeta utiliza as palavras a seu serviço, explora ao máximo seus significados já consagrados, os desconhecidos e aqueles que ele cria em novos relacionamentos entre elas. Somente alguém que dispõe de pleno domínio da linguagem e do conteúdo de dicionários e gramáticas pode realizar tal intento.

O processo de “artesanía” teve início já em seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado* (1937), logo nos primeiros versos do primeiro poema, encontramos um neologismo para indicar o ato de limpar a remela dos olhos:

- Vai *disrremelar* esse olho, menino!

- Vai cortar esse cabelão, menino

Eram os gritos de Nhanhá.

(BARROS, 1937, p. 51, grifo nosso)

Esse modo aparentemente simples e desprezioso de utilizar a língua tem feito com que inúmeros estudiosos se debrucem sobre os poemas de Manoel de Barros, buscando entender seu real significado, aquilo que não está dito, mas está ali para ser descoberto, que surpreende até o leitor mais desatento, que não consegue passar pelos poemas do poeta sem ser contagiado pelo reino das “despalavras”.

³ No segundo capítulo, com base nos trabalhos de Biderman (1978), Carvalho (1984), Basílio (1987), Lapa (1998), Alves (2007) e Martins (2011), entre outros, definiremos neologismo.

1.2 – Manoel de Barros, muitos olhares, vários caminhos

Dizer que não há muitos estudos sobre Manoel de Barros é uma afirmação que não se confirma atualmente. Inúmeros estudiosos têm se debruçado sobre a obra do poeta em busca de entendimento.

Observamos que, devido à escassez no número de dissertações e teses, os primeiros trabalhos sobre o poeta se basearam em teorias, artigos, entrevistas e outros textos publicados na imprensa, o que não acontece hoje.

Em seu livro *A poética de Manoel de Barros* (1992), Afonso de Castro elenca, no primeiro capítulo, uma apreciação de onze artigos de jornais e revistas publicados sobre Manoel de Barros e sua obra, que, segundo o autor, apresentam o poeta e sua inaptidão com as palavras, constituindo uma pequena fortuna crítica.

Na sequência, o autor cita como referência apenas o livro *A loucura da palavra* (1987), de José Fernandes, que apresenta “uma apreciação sobre a poética de Manoel de Barros” (CASTRO, 1992, p. 63) e uma seleção de cinco entrevistas que tratam da influência de outros artistas, matéria de sua poesia, inspiração, trabalho com as palavras e a preferência pelo isolamento.

Em sua dissertação de Mestrado, intitulada *A poética de Manoel de Barros: um jeito de olhar o mundo* (1998), Kelcilene Grácia da Silva apresenta, no segundo capítulo, um levantamento e sinopses de seis trabalhos acadêmicos que tratam da poética de Manoel de Barros. Quanto aos artigos e textos publicados na imprensa, Silva (1998) conclui, sem desconsiderar sua importância para conhecimento e divulgação da obra do poeta, que:

Diante do exposto, a maioria do conjunto de artigos da imprensa periódica limita-se ao ato de divulgação do poeta. Muitos artigos enfatizam os traços mais relevantes da biografia de Barros, a sua tendência de privilegiar os seres ínfimos do Pantanal, sua timidez e algumas constantes de seu trabalho com a linguagem. (SILVA, 1998, p. 80)

Walquíria Gonçalves Béda (2002), em *Inventário bibliográfico sobre Manoel de Barros ou me encontrei no azul de sua tarde*, reuniu uma lista de 549 textos, entre resenhas, entrevistas, reportagens, ensaios ou monografias, teses ou livros, correspondência passiva, textos da internet e homenagens ao poeta publicados entre 1942 e 2002, “visando tornar conhecida a bibliografia crítica sobre Manoel de Barros e oferecer subsídios a outros pesquisadores interessados na poesia do autor.” (BÉDA, 2002, p. 6).

Béda organizou seu trabalho em oito seções, sendo que na seção *Sinopse dos textos*, encontramos um pequeno resumo de cada um dos 549 textos que tratam da bibliografia do autor. O estudo atinge um dos objetivos da autora, que é subsidiar outros pesquisadores interessados na poesia do autor, uma vez que a consulta ao trabalho da estudiosa leva o pesquisador a informações sobre o texto que contempla seu objeto de estudo, desde que tenha sido publicado entre 1942 e 2002.

Em sua tese de doutorado, Kelcilene Grácia-Rodrigues (2006) elencou dez trabalhos acadêmicos que descrevem os processos léxicos, sintáticos e semânticos de Manoel de Barros, apresentando uma sinopse sobre cada um, constituindo uma pequena fortuna crítica.

Tivemos acesso também ao Trabalho de Iniciação Científica desenvolvido por alunos da UFMS, campus de Três Lagoas, sob coordenação da Prof.^a Dr.^a Kelcilene Grácia-Rodrigues e do Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues, no qual são elencados 34 textos que abordam o léxico na obra de Manoel de Barros. O trabalho faz referência a 03 três títulos que tratam sobre a poesia de Manoel de Barros; 19 artigos, 03 capítulos de livros, 07 dissertações, 02 teses e 01 resumo específicos sobre o estudo do léxico.

Seguindo os passos de Castro (1992), Silva (1998), Béda (2002), Grácia-Rodrigues (2006), e visando subsidiar o trabalho de outros pesquisadores, procuramos elencar estudos que tratam principalmente do léxico nos poemas de Manoel de Barros ou que façam referência a ele. A busca por esse material de pesquisa nos permitiu concluir que quase todos os estudiosos, independente da vertente abordada, referem-se ao trabalho ímpar do poeta com a linguagem.

A subversão às regras gramaticais, a busca pela palavra sem máculas, os novos relacionamentos entre elas, os neologismos criados pelo poeta, aparecem, ora um, ora outro, ora todos, como recursos utilizados por Manoel de Barros em sua obra e se transformam em objeto de estudo ou de referência.

Na organização do material, procuramos seguir a data de publicação dos textos, do mais antigo para o mais recente. Apenas quando mais de um trabalho foi elaborado pelo mesmo autor, colocamos em sequência, sem considerar a data de publicação, a fim de facilitar a leitura.

Não dividimos os textos de acordo com sua estrutura: artigo, dissertações, teses, capítulos de livros ou livros, apenas citamos o autor, o título, a data de publicação, a instituição de ensino ou publicação para a qual foram apresentados, seguidos de uma sinopse

de seu conteúdo, sempre privilegiando as observações quanto ao léxico na obra de Manoel de Barros.

1.3 – O poeta e as palavras

Afonso de Castro publicou, em 1992, sua dissertação de Mestrado defendida no ano anterior na Universidade de Brasília. Denominado *A poética de Manoel de Barros*, o livro foi dividido em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, o estudioso apresenta os dez primeiros livros do poeta, comentando o amadurecimento do seu projeto poético e como isso aparece em cada uma das obras.

Dos dez livros elencados, seis títulos do poeta fazem parte do *corpus* desta pesquisa e sobre cada um o autor, além de algumas considerações sobre o fazer poético, expõe um comentário sobre o trabalho de Manoel de Barros com as palavras, que resumiremos a seguir.

De acordo com Castro (1992), *Poemas concebidos sem pecado* (1937), o primeiro livro publicado de Manoel de Barros, apesar da influência de outros poetas, determina desde início a originalidade de sua escrita. Sobre a linguagem, o autor observa:

É marcante o aproveitamento do linguajar local por meio de termos ou expressões populares ou de criação do poeta: *disremelar, disilimina, passa taligrama, desaprender, barbaruches, produra, sesso, bigiando*, ou resgatando o uso de outros como algaravia, pirizeiro, ou construção própria como *estar na draga, viver na draga*. (grifo no original) (CASTRO, 1992, p. 20)

Face imóvel, publicado em 1942, apresenta-se com formato próprio, os versos são mais comedidos e sóbrios e “A linguagem é funcional e simples” (CASTRO, 1992, p. 22), Manoel de Barros não explora os significados das palavras, adere aos mais comuns.

Em seu terceiro livro, *Poesias*, publicado em 1956, de acordo com o estudioso, o poeta resgatou palavras inusuais como “desplanar”, “revelhos”, “jiboiar”, mas ainda não retomou o processo neológico iniciado em seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado* (1937).

Para Castro, em *Gramática expositiva do chão* (1969), Barros marca um novo caminho no projeto estético, que “[...] deixa-se levar pelo encadeamento sonora das palavras,

ironizando, o próprio jogo da forma que permite a presença de palavras vazias. ” (CASTRO, 1992, p. 32).

No comentário que se refere ao livro *Matéria de Poesia* (1974), Castro observa que o poeta avança em seu projeto estético e tem a própria poesia como tema de seus poemas. Sobre a linguagem, o estudioso acrescenta:

A palavra, e as palavras abandonadas, em contato com o poeta, reinventam-se, ganham vida e retribuem ao poeta a visão e a concretização deste estado instaurador para onde são lançadas e que são submetidas. É o caso de afirmar-se que as palavras malandras explodem toda malandragem sem limites dentro do delírio de Liberdade que o poeta lhes oferece. (CASTRO, 1992, p. 36)

Arranjos para assobio (1982), de acordo com Castro, ratifica a originalidade do poeta e representa a plenitude estética. Neste livro, Manoel de Barros apresenta em *Glossário de Transnomações* pequenas definições para algumas palavras como “poesia”, “água”, “poeta” que incorporarão esse novo significado sempre que utilizadas.

Os livros *O livro das ignoranças* (1993) e *Ensaio fotográficos* (2000), por terem sido publicados depois do livro de Castro (1992), não constam da apreciação do autor.

No segundo capítulo o autor apresenta o suporte teórico de seu trabalho.

No terceiro e quarto capítulos, Castro propõe descortinar os mistérios da linguagem poética de Manoel de Barros, uma vez que:

Nos livros de Manoel de Barros, aparecem vocábulos provenientes de diversas áreas: palavras da fala cotidiana ao lado de outras do português erudito; palavras da região do pantanal e palavras que ele inventou através dos processos comuns oferecidos pela língua, ou assumidas da língua regional arcaica, ou de sua pura criatividade. Não se pode esquecer que também palavras existem em seus poemas cujas raízes estão em outros idiomas: inglês, espanhol, árabe. (CASTRO, 1992, p. 117)

Goiandira de F. Ortiz de Camargo apresentou, em 1996, sua tese de doutorado intitulada *A poética do fragmentário, uma leitura da poesia de Manoel de Barros*, à Universidade Federal do Rio de Janeiro com o objetivo de fazer “uma leitura reflexiva sobre algumas constantes da lírica moderna presentes na poesia de Manoel de Barros. ” (CAMARGO, 1996, p. 13). O trabalho foi dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo, a autora aborda a poesia barreana no contexto da arte moderna apresentando as afinidades e convergências do poeta com autores como Oswald de Andrade, Rimbaud, entre outros; no segundo, a fragmentação do sujeito, característica da arte moderna, e como isso aparece na obra de Manoel de Barros.

No terceiro capítulo, *Consciência criadora*, com a pretensão de “extrair dos poemas de Manoel de Barros uma poética articuladora de um projeto estético subjacente à sua obra”, a estudiosa observa:

A visão sobre a poesia; a opção pelo universo das coisas ordinárias; o sentimento do fragmentário de um homem que acompanhou várias referências culturais se desmoronarem e que compõem o seu verso em consonância com esse sentimento; a busca da palavra incorporante, adâmica, que seja sinal de escolha do autor pelas coisas do chão e seja, também desejo, promiscuidade, filiada ao princípio do prazer; a utopia de legislar sobre o mundo recuperando uma linguagem perdida; a unidade original, capaz de criar interações entre homens, animais e vegetais, estabelecendo uma ética de compensação mútua; enfim, a contradição de compor uma poesia sempre em ruptura, mas cantando profundamente a unidade paradisíaca perdida, são propostas que podemos encontrar nos poemas de Manoel de Barros. (CAMARGO, 1996, p. 203-204)

Especificamente sobre o trabalho do poeta com as palavras, a autora cita a influência de Oswald de Andrade e o desejo do autor de *Poemas concebidos sem pecado* de recuperar a linguagem perdida ou de reinventá-la a fim de reescrever o mundo. Para isso, observa Camargo (1996), Manoel de Barros utiliza neologismos, como “luaçal” e “passarinhal”, “andorinhar” e “horizontar”; insiste na utilização do prefixo “des-”, como em “deslimites” e “desmorrer” e transforma substantivos em verbos, como em “Ele me rã” (grifo nosso).

Para a estudiosa, “A consciência criadora de Manoel de Barros está sempre em movimento, pesquisando, indagando a linguagem nas suas nuances mais profundas.” (CAMARGO, 1996, p. 280).

Em ensaio publicado na *Revista Princípios*, intitulado “A lírica impertinente de Manoel de Barros” (1999), Camargo, após apresentar Manoel de Barros, considera a hipótese de existirem poucos estudos sobre a obra do poeta na época da publicação de seu texto (1999) por seu reconhecimento ter acontecido quase cinquenta anos depois da publicação de seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado* (1937) e, após elencar as semelhanças entre ele e outros escritores como Oswald de Andrade, Murilo Mendes e Guimarães Rosa, afirma: “Depois de Rosa, na série literária brasileira, só Manoel de Barros afiança essa liberdade de inventar no espaço poético.” (CAMARGO, 1999).

Para a autora, o ser avesso às conversas encontra nas palavras escritas uma maneira “... de recuperar a linguagem culturalmente perdida ou senão, a partir desse sentimento das origens, criar uma linguagem que reescreva no mundo, reinventando os sistemas de conhecimento que o regem” (CAMARGO, 1999)

Camargo (1999) finaliza seu texto citando a presença dos neologismos, entre outros recursos, na obra de Manoel de Barros, segundo ela:

Explorando as virtualidades de produção de palavras da língua, o poeta cria e dá especial atenção aos neologismos: aguaçal, desmorrer, insetal, horizontal. São esses neologismos, a didática da invenção, a destruição das classes das palavras e uma outra sintaxe que compõem o idioleto manoelês arcaico. (CAMARGO, 1999)

Miguel Sanches Neto, em ensaio intitulado “Achados do chão” (1997), apresenta uma leitura dos três primeiros livros de Manoel de Barros, *Poemas concebidos sem pecado* (1937), *Face imóvel* (1942) e *Poesias* (1956), com o objetivo de “Ver as relações entre a palavra submersa e as palavras em voga” (SANCHES NETO, 1997, p. 6).

Sobre a linguagem utilizada pelo poeta no primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado* (1937), o autor cita a recorrência do uso do prefixo negativo “des” e sua variante “dis” em palavras já dicionarizadas e em outras criadas por Manoel de Barros e observa:

Tal preferência revela uma poética da negação, que se alicerça numa mudança de perspectiva. Isso vai ser desenvolvido por seu projeto de valorização das coisas jogadas fora, dos trastes, que ganharão grande importância na poesia posterior de Manoel. Para amar o negativo é necessário recorrer a uma linguagem de desleitura. (SANCHES NETO, 1997, p. 11)

Para Sanches Neto (1997), a infância e a cor local, temas utilizados pelo poeta, mostram a ligação com o projeto modernista dos anos 20, que procurava representar de forma moderna a realidade nacional.

Para o estudioso, em *Face imóvel* (1942), Manoel de Barros procura retratar o homem e não as pessoas marcantes de sua infância, utilizando uma linguagem poética, na qual o Pantanal dá lugar a uma certa indefinição geográfica e “o localismo cede espaço para o universalismo.” (SANCHES NETO, 1997, p. 12)

Poesias (1956), de acordo com o autor, apresenta poemas escritos entre 1942 e a data de sua impressão, época em que o estilo do poeta se consagra. “Torna-se um estilo individual, com formas e palavras exclusivas.” (SANCHES NETO, 1997, p. 19).

Na conclusão, conceituando o “bricoleur” como “um ser que, através de uma coleção de imagens, representa o universo” (SANCHES NETO, 1997, p. 74), o autor compara Manoel de Barros a um “bricoleur”, pelo trabalho que o poeta faz com as coisas em estado de lixo. “Através da prática do reaproveitamento, o poeta opera o mundo que o cerca, trazendo para o convívio humano, as coisas e os seres que a sociedade consumista legou à lata de lixo.” (SANCHES NETO, 1997, p. 75)

Kelcilene Grácia da Silva apresentou, em 1998, sua dissertação de Mestrado intitulada *A poética de Manoel de Barros: um jeito de olhar o mundo* à UNESP, Faculdade de

Ciências e Letras de Assis, com o objetivo de estudar a metáfora na poética de Manoel de Barros. A pesquisa está dividida em quatro capítulos: no primeiro, a estudiosa elenca “um quadro razoavelmente amplo do caminhar poético de Manoel de Barros” (SILVA, 1988, p.15); no segundo, é apresentado um levantamento dos trabalhos acadêmicos sobre o autor já citados neste trabalho; no terceiro, a fundamentação teórica para o estudo da metáfora e no quarto, uma apreciação geral da linguagem poética do autor.

Ao se referir à linguagem utilizada por Manoel de Barros, Silva (1998) observa que, na obra do poeta, as palavras são vivas “estão sempre em constante ânsia de emergir com todos os seus desejos, seus arduos, os seus murmúrios” (SILVA, 1998, p. 14).

Quanto à importância das palavras para o fazer poético do autor, a pesquisadora acrescenta:

Manoel de Barros centraliza o seu trabalho nas palavras, promovendo os seus “arejamentos” e “inventando para elas novos relacionamentos”, convertendo-as em pesquisa do ser e das coisas, constituidora da imagem poética. (SILVA, 1998, p. 29)

Os neologismos formados através do processo de derivação também constituem objeto de reflexão para a pesquisadora, segundo Silva (1998): “Manoel de Barros é, também, um criador de neologismos. A aderência de sufixos a radicais substantivos é um processo que o poeta utiliza para criar as palavras [...]” (SILVA, 1998, p. 121).

A autora observa a reincidência no uso do prefixo “des-” com função negativa como em “deslimite” ou com função de inverter a ação como em “desmedir”:

Por exemplo, em *O livro das ignoranças*, percebemos a utilização acentuada do prefixo de negação “des-”. Temos “deslimite”, “desmorrer”, “desinventar”, “descomeço”, “descomo”, “desmedir”, “desmerece”, “desprefere” entre outros. Em desobediência aos padrões convencionais, tudo é permitido na poesia de Manoel de Barros. (SILVA, 1998, p. 125).

Para Silva (1998), o poeta Manoel de Barros é um “mágico das palavras” (SILVA, 1998, p. 144), pois através delas cria uma nova realidade, onde a palavra sempre pode ter um novo significado, diferente daquele apresentado nos dicionários.

Kelcilene Grácia-Rodrigues apresentou, em 2006, sua tese de doutorado intitulada *De corixos e de veredas: a alegada similitude entre as poéticas de Manoel de Barros e de Guimarães Rosa*, à UNESP de Araraquara, com o objetivo de elencar as semelhanças e diferenças entre a poética de Manoel de Barros e Guimarães Rosa.

Na pesquisa, a autora não deixa de mencionar o trabalho ímpar do poeta com a linguagem.

Dividida em cinco seções, Grácia-Rodrigues apresenta no primeiro capítulo da quinta seção, intitulado *O discurso poético*, a poética e o estilo em Manoel de Barros e Guimarães Rosa, elencando as semelhanças nos processos de criação de palavras utilizados por ambos. São expressões regionalistas, arcaísmos, uso de vocábulos eruditos e criações neológicas, entre outros recursos.

Para a pesquisadora, “A poesia barreana é o verbo desnomeado pelo olhar insano que renova a língua ao decompô-la liricamente.” (GRÁCIA-RODRIGUES, 2006, p. 162). Quanto aos neologismos criados por Barros, ainda que em número menor que os criados por Guimarães Rosa, Grácia-Rodrigues (2006) cita a reincidência do prefixo “des-”, em palavras como “desandando”, “disremelar”, desempenhando “função negativa, intensiva ou de inverter a ação e a qualidade implícita na palavra-base.” (GRÁCIA-RODRIGUES, 2006, p. 170) da mesma forma que acontece na obra do autor de *Sagarana*.

Segundo a autora, o poeta utiliza os sufixos “-eiro” e “-oso” para formar substantivos e adjetivos, como em “chalaneiro” e “erroso”. Em palavras como “cabelão” e “benzinho”, os sufixos aumentativo e diminutivo “manifestam um julgamento de valor com relação ao referente, expressando afetividade e, em alguns casos, diminuição e aumento de tamanho.” (GRÁCIA-RODRIGUES, 2006, p. 171). Vale ressaltar ainda, a criação de verbos a partir de substantivos, como “andorinhar” de “andorinha” ou “borboletar” de “borboleta” (GRÁCIA-RODRIGUES, 2006, p. 172); de adjetivos, como “nafegar” de “náfego”; de verbo, como “botação” de “botar”, de outros substantivos, como “parenteza” de “parente”; de adjetivos, como “grandura” de “grande”, e de advérbios, como “longura” de “longo”.

A pesquisadora também elenca os adjetivos formados a partir de substantivos, como “valsante” de “valsa”; e advérbios a partir de substantivos, como “mulhermente” de “mulher”, e de outro advérbio, com “antesmente” de “antes”.

Ao final de seu trabalho, a estudiosa conclui que: “A comparação entre ambos desvenda, portanto, a grandeza de personalidades díspares, com visões de mundo quase antagônicas e projetos literários bastante particulares.” (GRÁCIA-RODRIGUES, 2006, p. 272)

José Luis Landeira apresentou, em 2000, a sua dissertação de mestrado intitulada *A construção do sentido na poesia de Manoel de Barros: estudo de elementos expressivos fonéticos e morfossintáticos*, à USP – São Paulo / SP, com o objetivo de “realizar um estudo do perfil estilístico de Manoel de Barros, analisando elementos expressivos de natureza

fonética e morfossintática em um corpus determinado de poemas. ” (LANDEIRA, 2000, p. 116).

Dividida em duas partes, o autor apresenta nos capítulos de três a seis análises estilísticas de seis poemas de três livros de Manoel de Barros: *Arranjos para assobio* (1982), *O livro das ignoranças* (1993) e *Livro sobre o nada* (1996).

De acordo com o estudioso, Manoel de Barros utiliza a derivação como um dos principais processos na formação de neologismos, o que confere um resultado altamente expressivo ao estilo único do poeta, além de revitalizar o acervo lexical do português.

Entre outras ocorrências, Landeira (2000) analisa a formação dos vocábulos “descomeço”, “inutensílio”, “desutilidade”, “dessaber” e “desvãos”, os possíveis significados que eles assumem dentro do poema e como isso se reflete no leitor pela sensação de estranhamento que provoca.

Para José Landeira (2000):

O poeta constrói, na linguagem, um elo de aproximação entre a sua interioridade e o seu leitor. Essa interioridade, porém, não é claramente definível, mas apresenta-se como ausência, à qual se chega pela reformulação do raciocínio lógico, que a converte em emoção. (LANDEIRA, 2000, p. 118)

No artigo “Linguagem, razão e transcendência: uma abordagem estilística da poesia de Manoel de Barros”, Landeira (2009) apresenta uma análise do poema “No descomeço era o verbo” com base na Estilística da palavra, com o objetivo de mostrar “[...] considerar, a partir do estudo estilístico do discurso poético, o modo pelo qual a linguagem, na poesia barrosiana constrói outro conceito de racional, distanciado daquele mais assentado no senso comum. ” (LANDEIRA, 2009, p. 92)

Para o estudioso, Manoel de Barros é um profundo conhecedor do fazer poético, seu trabalho com as palavras é extremamente racional, dando ao leitor a oportunidade de descobrir novas formas de se dizer uma mesma coisa ou formas semelhantes de se dizer coisas variadas. Segundo Landeira (2000):

A língua encontra no fazer poético barrosiano a possibilidade de revelar seu tempo de transcendências. De modo muito particular, encontramos, nos poemas, o uso dos prefixos na construção de neologismos com grande carga expressiva. (LANDEIRA, 2009, p. 99)

A construção de neologismos com grande carga expressiva é retomada na análise do poema “No descomeço era o verbo”, quando o autor comenta o uso do prefixo “des-”, recorrente na obra de Manoel de Barros. Para o estudioso, a formação do neologismo

“descomeço” apresenta dois sentidos: negação em relação à palavra “começo” e reforço, quando o começo é “confirmado e fortalecido e o verbo ganha uma dimensão humana e objetiva.” (LANDEIRA, 2009, p. 102).

Esse estranhamento diante do novo é o que possibilita ao poeta surpreender o leitor e levá-lo a buscar se renovar enquanto homem.

Em sua dissertação de Mestrado, apresentada em 2002, à UFMS / Três Lagoas/ MS, intitulada *O vocabulário de Manoel de Barros: construindo sentidos por meio da expressividade da palavra* (2002a), Simone Cristina Spironelli realizou um levantamento do vocabulário utilizado por Manoel de Barros em três livros do poeta, *Poemas concebidos sem pecado* (1937), *Livro de pré-coisas* (1985) e *Ensaio Fotográficos* (2000), com o objetivo de “analisar a questão da expressividade dos recursos vocabulares empregados pelo poeta no seu fazer poético” (SPIRONELLI, 2002a, p.08).

Dividida em três capítulos, a autora apresenta, no primeiro capítulo, uma breve biografia do autor e um resumo de catorze obras utilizadas para estudo; no segundo, a fundamentação teórica que embasa os estudos à luz da Lexicologia e da Estilística das Palavras e, no terceiro, a estudiosa apresenta a descrição e análise dos dados coletados.

Para Spironelli (2002a), Manoel de Barros utiliza seus conhecimentos sobre a língua para apresentar novas formas de utilizar as palavras, “o poeta vale-se da construção poética, da invenção das palavras, do resgate de lexias ouvidas na infância e da formação de novos itens lexicais por meio dos mais variados processos que a língua lhe oferece.” (SPIRONELLI, 2002a, p. 61)

Segundo a autora, Manoel de Barros, muitas vezes, na criação de um neologismo “une à base um afixo inesperado, o que demonstra a exploração pelo poeta do conflito entre o sistema e o uso.” (SPIRONELLI, 2002a, p. 82), como pode ser verificado em “erroso” (BARROS, 1997, p. 34), utilizado no lugar de “errado”, já dicionarizado.

Ao exemplificar o processo de formação de palavra por sufixação, Spironelli (2002a) afirma que “a sufixação permite ao poeta revelar a existência de uma igualdade essencial entre as ‘coisas’ que se tornam diferentes por meio de certos atributos.” (SPIRONELLI, 2002a, p. 91). São exemplos da autora: “mansura” e “ovura”.

Quanto ao processo de formação de palavras por prefixação, a estudiosa afirma que se mostra como economia linguística, antes de exemplificar com vários neologismos criados por Manoel de Barros, como, por exemplo, “desacontecem” e “desmoçar”.

Em 2002, Spironelli apresentou o artigo “Vocabulário de Manoel de Barros: questões estilísticas”. Nesse trabalho, com base na Lexicologia e na Estilística da Palavra e tendo como *corpus* o *Livro de pré-coisas* (BARROS, 1997), a autora considera que examinar a expressividade dos processos de formação de palavras – particularmente as anômalas – é muito importante para a compreensão da linguagem literária, para tanto, elenca a utilização do sufixo “-al” em palavras como “agroval” e “insetal”, entre outras. De acordo com Spironelli (2002b):

A opção por formar novas palavras a partir do processo de sufixação permite ao poeta revelar a existência de uma igualdade entre todas as “coisas” e demonstrar que, apenas por meio de certos atributos, cada “coisa” pode transformar-se em algo totalmente diferente (SPIRONELLI, 2002b)

Aparecida Negri Isquerdo e Simone Cristina Spironelli, em 2004, publicaram no livro *Ensaio Farpados* o artigo intitulado “O vocabulário de Manoel de Barros: um estudo sobre os neologismos”, tendo como objetivo analisar a questão da expressividade dos elementos vocabulares empregados por Manoel de Barros com base no aporte teórico fornecido pela Lexicologia e pela Estilística das Palavras. As pesquisadoras não deixaram de ressaltar a “artesanaria” do poeta com as palavras:

Percorrendo o fazer poético de Barros nota-se que ele é um conhecedor do léxico de sua língua, pois utiliza os mais variados recursos linguísticos para criar, explorar e enriquecer o seu universo lexical. Em sua obra poética localizamos vários tipos de criações lexicais, extremamente expressivas, que revelam o grande potencial do poeta inventor que ativa a língua, buscado sempre um equilíbrio entre sua criação, o contexto e o entendimento do leitor. (ISQUERDO; SPIRONELLI, 2004, p. 193)

Especificamente quanto aos neologismos sintagmáticos, as autoras observam:

Outro tipo de neologia bastante produtivo nos poemas de Manoel de Barros é a *sintagmática* (grifo das autoras), que se classifica em duas modalidades de construção: derivação e composição. [...] importa registrar que o processo de criação sintagmática é bastante fértil nas obras do autor e que, ao utilizá-lo, o poeta transmite vida a uma nova palavra e o texto ganha em expressividade. (ISQUERDO; SPIRONELLI, 2004, p. 195)

Spironelli, no artigo “O vocabulário de Manoel de Barros: construindo sentidos por meio das palavras” (2006), publicado na revista *Ave Palavra*, reforça que o incansável trabalho do poeta com a linguagem a torna atraente e fascinante para o leitor, que se vê diante de versos nos quais a matéria da poesia são as coisas simples, como os bichos do chão, os bêbados e tudo aquilo que é considerado sem importância. A autora conclui que:

Assim, as criações vocabulares presentes na obra do autor, além de enriquecer, sobremaneira, o léxico da língua portuguesa, expressam com naturalidade o jeito especial de o “poeta do Pantanal” conceber o mundo. E é desta forma que Manoel de Barros demonstra ser um artesão da poesia que, para ele, é linguagem. (SPIRONELLI, 2006)

Waleska R. O. M. Martins e Marcelo Marinho, em artigo intitulado “A obra poética de Manoel de Barros: o processo de criação de neologismo” (2002), utilizando como suporte teórico a classificação proposta por Mary Lou Daniel ao estudar os neologismos em João Guimarães Rosa, discutem dois tipos de neologismos presentes na obra de Manoel de Barros: Neologismo de Forma e Neologismo de Significado, sem deixar de citar a possibilidade de Neologismos de Função, tema proposto para outro trabalho. Exemplificando principalmente com versos retirados de o *Livro Sobre Nada* (1996), os autores demonstram que, ao utilizar Neologismos de Significado como o adjetivo *gordo*, que aparece em “O rio deve estar mais *gordo*” (BARROS, 1996, p. 32), o poeta faz uso de uma linguagem própria do imaginário infantil, misturando realidade e fantasia.

Ao apresentar os Neologismos de Forma, os autores citam a predominância do prefixo “des-” na mesma obra, “cujo emprego, segundo lembra Mary Lou Daniel, serve, em conformidade com o prefixo latino “dis-”, para negar ou inverter o sentido da ação ou da qualidade implícitas na palavra-base. ” Tal ideia se confirma em versos como “Meu *desnome* é Antônio Ninguém” (BARROS, 1996, p. 79) e “Sou um sujeito *desacontecido*” (BARROS, 1996, p.55), nos quais o prefixo “des-” acrescentado às palavras-base “nome” e “acontecido” formam os neologismos “desnome” e “desacontecido” para indicar a falta de importância de alguém cujo antropônimo é Antônio e o sobrenome Ninguém, e de um sujeito que se considera “desacontecido”.

Quanto à derivação, os autores apoiam-se nos estudos de Mary Lou Daniel e Cavalcanti Proença para citar o uso do sufixo “-al” bastante utilizado por Manoel e Barros para formar neologismos como nos versos “Não tinha entidade pessoal, só *coisal*” (BARROS, 1996, p. 15) e “Tinha um aspecto *moscal*” (BARROS, 1996, p.81), o primeiro indicando um ser desprovido de valor e o segundo, um ser humano com um aspecto repugnante.

Para Silvana Augusta Barbosa Carrijo Silva, em seu estudo intitulado “A poética manoelina: travessuras poéticas” (2004), enquanto os gramáticos normativos se dobram às normas da língua, os poetas buscam utilizá-la a seu serviço, experimentando novas formas de dizer, reinventando palavras, dando-lhes novos sentidos ou criando outras que reflitam suas aspirações. Para a estudiosa:

Escritores que se preocupam com realizações metalinguísticas são, via de regra, verdadeiros estudiosos da língua, o que lhes permite conhecer um maior número de entradas lexicais. Tal conhecimento, adicionado ao desejo de alcançar um grau máximo de inventividade, novidade, beirando à ousadia, faz com que a competência lexical de tais escritores preveja algumas realizações lexicais não previstas do ponto de vista da competência lexical de um falante comum. (SILVA, 2004, p. 154)

Ao analisar as palavras advindas do processo de derivação sufixal, como recurso recorrente na obra de Manoel de Barros, a mesma estudiosa afirma:

Manoel de Barros, porém, ignora o bloqueio por meio de uma propositada troca de sufixos, cujo objetivo é justamente o de despertar a atenção do leitor e cuja consequência é a obtenção de uma palavra inusitada, “travessa”, ousada, apta a causar estranhamento. (SILVA, 2004, p. 157)

Quanto ao processo de formação de palavras através da derivação prefixal, a autora observa que o prefixo “des-” é recorrente, sendo o de maior incidência no *corpus* analisado, indicando que:

Assim é que o poeta prefere desacontecer num mundo moderno, onde se sente despróprio. Nostálgico em relação à origem humana, prefere o mundo das descoisas. Sua postura caracteriza-se pelo descomportamento: por não querer a matéria produzida por esse mundo moderno, desinventa objetos, produzindo desobjetos. Linguisticamente, via neologismos, descreve a língua, essa língua comportada, pura, imaculada: “(Para limpar das palavras alguma solenidade – uso bosta)” (LSN, p. 43) e assim atinge o reinado da despavira, os deslimites da palavra, criando o seu “manoeles”. (SILVA, 2004, p. 171)

Em seu estudo sobre o poema “O fotógrafo”, texto de abertura do livro *Ensaio Fotográficos* (2000), Emanuela Maria Gemignani Ramires e Ivan Russeff (2004, p. 129-139), em artigo intitulado “Aspectos semânticos e lexicais da obra poética de Manoel de Barros” (2004), mesmo apresentado suas considerações com base na Semântica da Enunciação, não deixam de mencionar o aspecto criador de Manoel de Barros, como podemos observar em:

Portanto, o leitor de poesia deve estar ciente de que estará lendo invenções do poeta, a partir de um idioleto original do enunciador, como é o caso do poema “O fotógrafo”: um verdadeiro idioleto edênico, a ser devassado pelos leitores-enunciatórios. (2004, p. 135)

Para os autores, o poeta subverte a gramática em favor da poesia, o que não serve para o mundo é matéria de poesia.

Tendo como objeto de estudo alguns textos do livro *Ensaio fotográficos*, Luciete Bastos, em seu artigo “Fazendeiro de poesias: uma leitura do livro Ensaio fotográficos de

Manoel de Barros” (2004), se propõe a abordar a desconstrução da linguagem, a metalinguagem, a invenção linguística e a construção da imagem.

Ao versar sobre a invenção linguística, a estudiosa afirma que Manoel de Barros “tem o dom de enlouquecer os verbos, desprezando palavras e frases acostumadas” (BASTOS, 2004, p. 87), alterando a ordem e a classe das palavras e fazendo uso pessoal da pontuação. A autora também compara o poeta a Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, na busca por uma “poesia substantiva, objetividade e precisão dos vocabulários” (BASTOS, 2004, p. 89), aparando as sobras.

A busca pela palavra primitiva e o uso dos neologismos são vistos por Bastos (2004) como uma forma de inovar, de tirar as palavras de seu uso comum, além de ampliar a língua, o que só pode ser realizado por um poeta como Manoel de Barros, que conhece bem o seu idioma, que pode se libertar das normas gramaticais e livrar as palavras de suas amarras, dando-lhe novos relacionamentos, novos sentidos, nova vida.

A preferência no uso do prefixo “des-” pelo poeta em palavras como “desconstruir”, “desverbada”, “desobjetos”, motivam dois questionamentos: “Tentativa de mudar a ordem das coisas? ” “Ou o emprego desses prefixos se justificam pela força expressiva que indica ação contrária? ” (BASTOS, 2004, p. 91). Para a autora, ambas as respostas levam ao isolamento temporário do pantaneiro, pelas águas, e do poeta, pelo processo de criação.

Renata Beatriz Brandespin Rolon apresentou, em 2006, sua dissertação de Mestrado intitulada *A prosa poética de Manoel de Barros: lirismo, mitos e memórias* (2006), apresentada à Universidade Federal de Mato Grosso / Campus de Cuiabá / MT, com o objetivo estudar a prosa poética como modalidade literária em alguns textos que compõem os livros *Livro de pré-coisas* (1997) e *Memórias inventadas – A infância* (2003). A estudiosa não deixa de observar o uso particular e criativo com a linguagem realizado pelo poeta.

Dividido em três capítulos, o estudo aborda, no primeiro capítulo, a prosa poética na obra de Manoel de Barros e o uso surpreendente da linguagem pelo poeta logo em seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado* (1937), no qual o vocabulário, aparentemente usual é utilizado com significações diferentes, retratando o falar do povo pantaneiro.

No segundo capítulo, Rolon (2006), ao tratar da linguagem poética na estrutura narrativa, observa que o diferencial em Manoel de Barros, assim como outros escritores a partir da década de 40, está na sua forma de dizer, na busca pelo novo, pelo que ainda não foi dito. De acordo com a estudiosa:

Na proclamação desse mundo “pré-coisal”, Barros em sua prosa poética utiliza palavras que podem significar coisas diferentes, que são reorganizadas através dos sons, das letras, que podem representar coisas por similitude. Esses recursos criam outras palavras, outros modos sintáticos, assim como também a palavra inaugural, a “despalavra”. Estas conduzem o conhecedor dessa poética a um novo mundo. Para ler essa prosa poética é preciso desligar-se dos sentidos restritos da palavra e aderir ao sentido metafórico da linguagem. (ROLON, 2006, p. 32-33)

No terceiro capítulo, a autora analisa alguns textos de Manoel de Barros, em sua maioria do livro *Memórias inventadas – A infância* (2003), e conclui que os fatos narrados de memória pelo poeta são capazes de elucidar acontecimentos de seu passado, sem se referir ao aspecto criativo no uso da língua realizado por Barros.

Em seu artigo “A ‘desutilidade poética’ de Manoel de Barros: questão de poesia ou filosofia” (2007), Cristiane Sampaio de Azevedo parte do primeiro poema do *Livro sobre nada* (1996) para exercitar a reflexão em torno da relação que há entre poesia e filosofia. A observância do grande número de neologismos formados a partir do prefixo “des”, não só nesse poema como em outras obras, como “desutilidade”, “dessaber”, “desúteis”, “desaprender”, “desinventar” leva a autora a concluir que “A poesia do ‘des’ em Manoel de Barros é a poesia da negação, da desconstrução incessante e radical, é a poesia do sempre inatingível e, portanto, obscuro.” (AZEVEDO, 2007, p. 2). Para ela, o uso das palavras por Manoel de Barros busca representar a realidade como ela se apresenta, pura, originária, sem máculas, a fim de que o poeta participe do processo de criação.

Não há como falar em Manoel de Barros sem se referir aos recursos que ele utiliza tanto nos poemas como na prosa, como a autora nos mostra em um estudo analítico do poema “Mundo renovado”, de *Livro de pré-coisas* (BARROS, 1985), entre outros, no qual a pouca utilização dos verbos é compensada pelo uso ímpar das palavras, na busca incessante do poeta pelas novas formas de dizer.

Wanêssa Cristina Vieira Cruz apresentou, em 2009, sua dissertação de Mestrado intitulada *Iluminuras: a imaginação criadora em Manoel de Barros à UFMG*. A partir da perspectiva fenomenológica de Gaston Bachelard, a pesquisadora reflete acerca do modo como Manoel de Barros utiliza as palavras, objetivando recuperar seu sentido original, numa busca incessante pela palavra pura, “tornando possível dizer o indizível” (CRUZ, 2009, p. 15). Para a estudiosa, “Manoel escreve com quem faz escavações. Há uma busca por uma linguagem nova, uma estética inaugural instaurando um ato reflexivo no qual a palavra retorna à fonte original para recuperar a linguagem perdida” (CRUZ, 2009, p. 14)

Utilizando como corpus as obras *Compêndio para uso de pássaros* (1960), *Arranjos para assobio* (1982), *Livro de pré-coisas* (1985), *O guardador de águas* (1989), *Livro das ignoranças* (1993), *Livro sobre nada* (1996), *Retrato do artista quando coisa* (1998) e *Ensaio fotográficos* (2000), e outros títulos do autor quando necessário, a autora antecipa: “Aqui nos interessa o procedimento que traz à plena luz a tomada de consciência de um sujeito maravilhado pelas imagens poéticas.” (CRUZ, 2009, p. 20)

De acordo com a estudiosa:

Com a metalinguagem, o poeta lambe as palavras; com onomatopéias, o poema emite som; com os neologismos, o poeta se reinventa; com as metáforas e metonímias, o poema adquire cor, forma, visibilidade; com as combinações sinestésicas, o poema ganha cheiro, toque, se enche de sentidos e com a hipérbole, o pequeno agiganta-se. (CRUZ, 2009, p. 30)

Quanto aos neologismos, Cruz (2009) observa que são utilizados pelo poeta com dois objetivos principais: ampliar o vocabulário e sair da mesmice, como em “pedral” e “olhoso”, ressaltando a reincidência do prefixo “des-”, utilizado para negar ou inverter o sentido da ação, como em “deslimite” e “deslimite”, através dos quais mostra seu lado nostálgico e busca a palavra pura, ainda não dicionarizada.

Para Célia Sebastiana Silva, em seu artigo “Manoel de Barros: sem margem para as palavras” (2009), há dois pontos a considerar na obra de Manoel de Barros: o criancimento das palavras, que consiste em uma “aparente falta de lógica, comum na linguagem infantil (na qual) esconde-se uma profunda consciência da criação poética.” e “o objetivo, em se tratando da linguagem poética, de renovar as mesmices e de fugir à esclerose dos lugares-comuns”. (SILVA, 2009, p. 544)

A autora cita o deslocamento da classe gramatical das palavras e o acréscimo de afixos como processos utilizados pelo poeta para criar sua “artesanias”, sendo o prefixo “des-” o mais recorrente, o que mostra a negatividade, característica comum à lírica moderna e completada pelo campo semântico utilizado por Manoel de Barros. Palavras como “nada”, “ocaso”, “ruínas”, entre outras, estão presentes em toda a obra do poeta.

Nas palavras de Nhanhá, de um vaqueiro, do próprio Cabeludinho, do padre, entre tantas outras personagens, descobrimos o velho e o novo, o existente, o inventado e o rearranjado, numa miscelânea de saberes e de falares tão naturais e conjugados, capazes de levar o leitor para o baú de lembranças de Manoel de Barros.

Em artigo intitulado “O neologismo como recurso pós-moderno na poética de Manoel de Barros” (2009), Kelcilene Grácia-Rodrigues e Waleska Rodrigues de Matos

Oliveira Martins, após apresentarem a sociedade pós-moderna como imediatista e consumista, discutem como a pós-modernidade atravessa a poética de Manoel de Barros, tornando-se necessário identificar e analisar algumas das características do Pós-Modernismo, entre elas os neologismos.

Quanto aos Neologismos de Forma, as autoras citam a derivação prefixal como um dos processos mais numerosos na poética do poeta mato-grossense. Destacando os prefixos “des-”, “de-”, “a-”, “trans-”, “em-” (“en-”), sendo o primeiro (“des-”) empregado com mais frequência, tanto com o intento negativo como em “desnome”, como em função intensiva como em “dessaber”.

O estudo revelou que os sufixos “-oso” e “-al”, ambos formadores de adjetivo como “coisal” e “insetoso”, atribuem características de coisa ou inseto aos seres animados.

As autoras concluem que “A poética contemporânea de Manoel de Barros apresenta-se à altura desse processo pós-moderno e reflete esse mundo veloz, repleto de “recortes”, em que há (ou não?) uma tênue linha limitante entre o real e o abstrato, entre a loucura e a lucidez.” (GRÁCIA-RODRIGUES; MARTINS, 2009, p. 45)

Tânia Regina Vieira e Ofir Bergemann de Aguiar publicaram, em 2009, o artigo intitulado “A (re) criação do idioleto manoelês”, na *Revista de Letras*, no qual analisam dois poemas de *O livro das ignoranças*, sendo o primeiro, “Didática de uma invenção”, traduzido para o espanhol e para o francês, e o segundo, “Mundo pequeno”, traduzido para o francês e para o inglês, por acreditarem “como René Etiemble e Ezra Pound, que o estudo das traduções ou o ato de traduzir constituem as melhores formas de se conhecer bem o trabalho de um autor” (VIEIRA; AGUIAR, 2009, p. 9). As autoras citam o Pantanal como cenário de um mundo em que homem e natureza se integram, o cotidiano do poeta aparece como fonte de inspiração e não deixam de abordar o trabalho criativo de Manoel de Barros com as palavras.

Em Barros, a poesia local dá origem a um linguajar inovador, repleto de neologismos, que, no limite da agramaticalidade, liga a língua portuguesa a suas raízes mais profundas, a seus mistérios mais primitivos, instaurando um mundo tão novo como o que existia no momento seguinte ao da criação, ainda não organizado, em metamorfose, em estado de nascimento. (VIEIRA; AGUIAR, 2009, p. 10-11)

Para as autoras, o trabalho de Manoel de Barros com as palavras busca restituir o “vínculo imediato entre o nomeador, a nomeação e a coisa nomeada” (VIEIRA; AGUIAR, 2009, p. 11), o momento da criação, a volta ao estado sentido original da palavra, comportando-se como uma criança que faz experimentos com as palavras explorando seus inúmeros significados.

Elton Luiz Leite de Souza publicou, em 2010, o livro *Manoel de Barros: a poética do deslimite*, com o objetivo de estudar a poética de Manoel de Barros e as implicações filosóficas que seus poemas e entrevistas suscitam.

Dividido em quatro partes, o autor apresenta na terceira parte, *O deslimite da natureza*, suas observações sobre o uso constante do prefixo “des-” pelo poeta. De acordo com o estudioso, na obra de Manoel de Barros, o prefixo exprime um sentido diferente de “negação”, “ação contrária”, “privação”, passando a indicar na palavra em que é utilizado o sentido de “transfazer”, ou seja, “retirar delas as suas utilidades”, como exemplo ele cita os versos em que o poeta propõe tirar do pente a função de pentear até que ele possa ser transformado em begônia ou gravanha. (SOUZA, 2010, p. 71).

Quanto aos neologismos, o autor se manifesta de forma diferente, considerando que o acréscimo do prefixo “des-” à palavra base não forma uma nova palavra, ao contrário, é um reinventar para as palavras já existentes, como se observa em:

Em suas poesias e entrevistas podemos encontrar os principais frutos desse instinto: *desformar, desnome, desútil, des-ser, desinventar, descomer, desabrir, desuntensílio, desobjeto, desler, despavira*, enfim, *deslimite*. Note-se que não são exatamente neologismos tais expressões. Não são palavras novas, e sim o reinventar, o “transfazer”, das mesmas palavras ordinárias. ” (SOUZA, 2010, p. 72, grifo no original).

Ao concluir, Souza (2010) retoma seu pensamento observando que Manoel de Barros, na escrita de seus poemas, renova o mundo num trabalho interminável.

Juliane Kely Zanardi, em seu artigo intitulado “O delírio do verbo: a agramática de Manoel de Barros” (2011), utiliza como suporte teórico principal os estudos de Nilce Sant’Anna Martins (2003) para discutir a questão estilística na obra de Manoel de Barros em quatro aspectos a saber: estilística do som, estilística da palavra, estilística da frase e estilística da enunciação. Quanto à estilística da palavra, tema desta pesquisa, Zanardi (2011) cita exemplos de palavras formadas a partir do processo de derivação, tanto prefixal, como “descomeço” e “agramática”, quanto sufixal, como “limpamento”, “desviação” e “manoeles”, antes de concluir que o poeta “faz uso da norma a seu favor”, pois, mesmo para a criação de seus neologismos, Barros “não pode escapar das normas impostas pela estrutura da própria língua” (ZANARDI, 2011, p. 2141).

Adris André de Almeida apresentou, em 2012, sua dissertação de Mestrado à Universidade Federal de Santa Catarina, intitulada *As raias da memória e da imaginação em Manoel de Barros*, com o objetivo de inquirir a relação entre memória e imaginação que se

estabelece em *Memórias inventadas, a terceira infância* (BARROS, 2008), de Manoel de Barros.

Dividida em cinco capítulos, o estudioso apresenta no quinto capítulo da Dissertação, denominado *Poesia do Deslimite*, os sentidos que o prefixo “des-” apresenta na obra de Manoel de Barros, desde o seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado* (BARROS, 1937) com o neologismo *desremelar*, no qual o prefixo denota o sentido de “ação contrária”, retomado em *Livro de pré-coisas* (BARROS, 1985), no qual, segundo Almeida: “Nesse livro, o oitavo de Manoel de Barros, o prefixo “des-” é redescoberto como uma fórmula mágica para desviar os primeiros significados das palavras.” (ALMEIDA, 2012, p. 150) O autor cita os neologismos “desacontecer”, como uma negação do tempo, um realizar-se na irrealização; “descoisas”, no qual o prefixo “des-” nega e afirma ao mesmo tempo, como uma “não-coisa” que também é coisa para a poesia; “desteoria”, que segundo o autor é uma teoria para o mundo da imaginação e “desescrevem”, como o ato de escrever subvertendo o modelo, ou seja, a gramática.

Do livro *O guardador de águas*, o estudioso cita o neologismo “desexplicar” como sinônimo de “inserir dobras na dobra”, “envolver”, “confundir”.

Em *O livro das ignoranças*, Almeida registrou o termo *desinventar*, já presente no *Dicionário on-line Caldas Aulete*, tendo como exemplo de uso os versos de Manoel de Barros. De acordo com o pesquisador:

Os versos colhidos em Manoel de Barros que o Aulete usa para explicar a palavra “desinventar” não são bons exemplos para o sentido que o dicionário dá ao vocábulo. “Desinventar”, nesse contexto poético, não é “retroceder”; mas “proceder” a metamorfose que toda invenção sofre quando capturada pelo poema. (ALMEIDA, 2012, p. 154)

De *Livro sobre nada*, o estudioso cita “deslendo”, com o sentido de ler de trás para adiante, ou seja, de forma contrária às normas.

“Despalavra”, palavra rica em significados, segundo o autor, aparece em *Retrato do artista* quando coisa significando, para Almeida, a palavra que não pode ser dita nem escrita, anterior ao verbo; já no livro *Ensaio Fotográficos*, apresenta o sentido de transcender a própria palavra, quando o poeta atinge o reino da “despalavra”.

Em *Tratado geral das grandezas do ínfimo*, o pesquisador registra a palavra “desorgulhoso” significando o orgulho dos humildes, que zomba do orgulho que a sociedade geralmente julga importante.

A palavra “desagero” aparece em *O livro das ignoranças e Tratado geral das grandezas do ínfimo*, significando o exagero da escassez.

O verbo “desver” aparece em *Menino do mato* denotando ver com todo o corpo.

Após discorrer sobre os significados da palavra “deslimite” de acordo com Suttana (2009) e Souza (2010), Almeida (2011) conclui que há um ponto comum entre os autores e ele: não há sinonímia entre “deslimite” e “não-limite”, pois “deslimite” é um movimento que age dentro do limite, levando-o para o vago.

Paulo Eduardo Benites de Moraes apresentou, em 2014, sua dissertação de Mestrado à UFMS / Campo Grande, intitulada *Manoel de Barros: poeta antropófago* com o objetivo de estabelecer relações entre Manoel de Barros e Oswald de Andrade.

Dividido em três capítulos, o texto apresenta um estudo comparado entre o fazer poético de Manoel de Barros e Oswald de Andrade, a fim de estabelecer a influência que este exerce sobre Manoel de Barros até que este constitua seu próprio projeto poético.

Para o estudioso:

Manoel de Barros é um poeta que privilegia em sua obra o trabalho laboral com as palavras. Assim, compreender sua poesia implica investir em uma leitura atenta quanto ao uso lexical – novo, arcaico, culto, popular etc. – para perceber a criação poética. (MORAES, 2014, p. 78)

Na formação dos neologismos, o autor cita o prefixo “des-”, com sentido de negação em palavras como “despalavra”, “deslimite” e “descomeço” que refletem o sentimento de busca pelo poeta daquilo que ainda não existe.

O autor conclui que o poeta não é influenciado apenas por Oswald de Andrade, pois “Todo o universo poético de Manoel de Barros descende de sua ética da desleitura de seus precursores.” (MORAES, 2014, p. 108)

Como se observa nos 26 trabalhos elencados sobre Manoel de Barros, a obra do poeta oferece uma gama de possibilidades de estudo, entre as quais podemos retomar o trabalho de Castro (1992), que apresenta o amadurecimento do projeto estético de Manoel de Barros; Camargo (1996), que apresenta as afinidades e convergências do poeta com outro autores; Silva (1998), que estuda a metáfora na poética de Manoel de Barros; Grácia-Rodrigues, que elenca as semelhanças e diferenças entre o fazer poético de Manoel de Barros e Guimarães Rosa.

Vale ressaltar que, embora o estudo do vocabulário não seja o objetivo principal dos trabalhos, em algum momento o foco dos mesmos autores se direciona para a criação de

palavras pelo poeta, como Castro (1992), que cita a reincidência na criação de palavras com o acréscimo do prefixo “des-”; Camargo (1996), que não deixa de se referir à busca do poeta pela palavra adâmica; Silva (1998), que ressalta a criação de neologismos pelo acréscimo de sufixos a radicais substantivos; Grácia-Rodrigues, que apresenta as semelhanças nos processos de criação de palavras utilizados por Manoel de Barros e Guimarães Rosa, e os demais estudiosos aqui citados que, mesmo não sistematizando o estudo do vocabulário, são unânimes ao afirmar que, mais que um poeta, Manoel de Barros é um artesão que utiliza a palavra como matéria-prima de seus poemas.

Esta matéria-prima, ou seja, os neologismos criados por Manoel de Barros através do processo de formação de palavras por derivação constituem o tema deste trabalho e será abordado no próximo capítulo.

Apresentaremos a seguir um quadro-síntese dos 26 trabalhos elencados neste capítulo, de acordo com a data de publicação dos textos, do mais antigo para o mais recente.

1.3.1 QUADRO SÍNTESE DAS OBRAS ELENACAS NO ITEM 1.3

Ano	Autor	Título	Categoria	Síntese do trabalho	Apresentação
1992	CASTRO, Afonso de	<i>A poética de Manoel de Barros</i>	Livro	Apresentar o amadurecimento do projeto estético de Manoel de Barros.	Universidade de Brasília
1996	CAMARGO, Goiandira de F. Ortiz	<i>A poética do fragmentário, uma leitura da poesia de Manoel de Barros</i>	Tese de Doutorado	Apresentar a influência de Oswald de Andrade na obra de Manoel de Barros e o desejo do autor de recuperar a linguagem perdida ou de reinventá-la a fim de reescrever o mundo.	Universidade Federal do Rio de Janeiro
1997	SANCHES NETO, Miguel	<i>Achados do chão</i>	Livro	Relacionar as palavras submersas e as palavras em voga na obra de Manoel de Barros.	Editora UEPG
1998	SILVA, Kelcilene Grácia da	<i>A poética de Manoel de Barros: um jeito de olhar o mundo</i>	Dissertação de Mestrado	Estudar a metáfora na poética de Manoel de Barros.	UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Assis
1999	CAMARGO, Goiandira de F. Ortiz	<i>A lírica impertinente de Manoel de Barros</i>	Ensaio	Analisar as vertentes que compõem a poética de Manoel de Barros.	Revista Princípios
2000	LANDEIRA, José Luís	<i>A construção do sentido na poesia de Manoel de Barros: estudo de elementos expressivos, fonéticos e morfossintáticos</i>	Dissertação de Mestrado	Realizar um estudo do perfil estilístico de Manoel de Barros.	Universidade São Paulo / SP

2002a	SPIRONELLI, Simone Cristina	<i>O vocabulário de Manoel de Barros: construindo sentidos por meio da expressividade da palavra</i>	Dissertação de Mestrado	Analisar a questão da expressividade dos recursos vocabulares utilizados por Manoel de Barros no seu fazer poético.	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Três Lagoas / MS
2002b	SPIRONELLI, Simone Cristina	<i>Vocabulário de Manoel de Barros: questões estilísticas</i>	Artigo	Examinar a expressividade dos processos de formação de palavras – particularmente as anômalas – a fim de embasar a compreensão da linguagem literária.	GEL- Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo
2002	MARTINS, Waleska; MARINHO Marcelo	<i>A obra poética de Manoel de Barros: o processo de criação de neologismos</i>	Artigo	Analisar os Neologismos de Forma e Neologismos de Significado.	Editora Letra Livre
2004	ISQUERDO, Aparecida Negri; SPIRONELLI, Simone Cristina	<i>O vocabulário de Manoel de Barros: um estudo sobre os neologismos</i>	Artigo	Analisar a questão da expressividade dos elementos vocabulares empregados por Manoel de Barros com base no aporte teórico fornecido pela Lexicologia e pela Estilística das Palavras.	Editora Letra Livre
2004	SILVA, Silvana Augusta Barbosa Carrijo Silva	<i>A poética manoelina: travessuras poéticas</i>	Artigo	Analisar os neologismos presentes na obra de Manoel de Barros.	Editora Letra Livre
2004	RAMIRES, Emanuela Maria Gemignani; RUSSEF Ivan	<i>Aspectos semânticos e lexicais da obra poética de Manoel de Barros</i>	Artigo	Analisar os aspectos semânticos e lexicais nos poemas de Manoel de Barros	Editora Letra Livre
2004	BASTOS, Luciete	<i>Fazendeiro de poesias: uma leitura do livro Ensaios Fotográficos de</i>	Artigo	Analisar a desconstrução da linguagem, a metalinguagem, a invenção linguística e a construção da imagem	Revista Letras de Hoje

		<i>Manoel de Barros</i>			
2006	GRÁCIA-RODRIGUES, Kelcilene	<i>De corixos e de veredas: a alegada similitude entre as poéticas de Manoel de Barros e de Guimarães Rosa</i>	Tese de Doutorado	Elencar as semelhanças e diferenças entre Manoel de Barros e Guimarães Rosa.	Universidade Estadual de São Paulo – Araraquara / SP
2006	SPIRONELLI, Simone Cristina	<i>O vocabulário de Manoel de Barros: construindo sentidos por meio das palavras</i>	Artigo	Analisar o trabalho poético de Manoel de Barros.	Revista Ave Palavra
2006	ROLON, Renata Beatriz Brandespin	<i>A prosa poética de Manoel de Barros: lirismo, mitos e memórias</i>	Dissertação de Mestrado	Estudar a prosa poética como modalidade literária	Universidade Federal de Mato Grosso/ Campus de Cuiabá / MT
2007	AZEVEDO, Cristiane Sampaio de	<i>A “desutilidade poética” de Manoel de Barros: questão de poesia ou filosofia</i>	Artigo	Refletir sobre a relação que há entre poesia e filosofia	Revista. doc.
2009	GRÁCIA-RODRIGUES, Kelcilene; MARTINS, Waleska R.M.O,	<i>O neologismo como recurso pós-moderno na poética de Manoel de Barros</i>	Artigo	Discutir como a pós-modernidade atravessa a poética de Manoel de Barros	Revista Carandá
2009	LANDEIRA, José Luís	<i>Linguagem, razão e transcendência: uma abordagem estilística da poesia de Manoel de Barros</i>	Artigo	Considerar o modo pelo qual a linguagem, na poesia barrosiana constrói outro conceito de racional, distanciado daquele mais assentado no senso comum.	Revista Philologus

2009	CRUZ, Wanêssa Cristina Vieira	<i>Iluminuras: a imaginação criadora em Manoel de Barros</i>	Dissertação de Mestrado	Uso das palavras por Manoel de Barros e a busca pela palavra pura	Universidade Federal de Minas Gerais
2009	SILVA, Célia Sebastiana	<i>Manoel de Barros: sem margem para as palavras</i>	Artigo	Analisar o criancamento das palavras e a renovação da linguagem na obra de Manoel de Barros.	Revista FronteiraZ
2009	VIEIRA, Tânia Regina; AGUIAR, Ofir Bergemann	<i>A (re)criação do idioleto manoelês</i>	Artigo	Apresentar o estudo das traduções como uma das melhores formas de se conhecer o trabalho de um autor.	Revista das Letras
2010	SOUZA, Elton Luiz Leite de	<i>Manoel de Barros: a poética do deslimite</i>	Livro	Estudar a poética de Manoel de Barros e as implicações filosóficas que seus poemas e entrevistas suscitam	Editora 7letras
2011	ZANARDI, Juliane Kely	<i>O delírio do verbo: a agramática de Manoel de Barros</i>	Artigo	Discutir a questão estilística na obra de Manoel de Barros em quatro aspectos: estilística do som, estilística da palavra, estilística da frase e estilística da enunciação	Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia - RJ
2012	ALMEIDA, Adris André de	<i>As raias da memória e da imaginação em Manoel de Barros</i>	Dissertação de Mestrado	Inquirir a relação entre memória e imaginação que se estabelece em “Memórias inventadas”, de Manoel de Barros. Para isso.	Universidade Federal de Santa Catarina
2014	MORAES, Paulo Eduardo Benites de	<i>Manoel de Barros: poeta antropófago</i>	Dissertação de Mestrado	Estabelecer relações entre Manoel de Barros e Oswald de Andrade	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As coisas sem importância são bens de poesia
(BARROS, 1970)

Quando Martha Barros perguntou a Manoel de Barros se, em poesia, o mais importante era o assunto ou o modo de dizê-lo, o poeta respondeu: “Então, o que se pode fazer de melhor é dizer de outra forma. É des-ter o assunto. Se for para tirar gosto poético, vai bem perverter a linguagem. Não bastam as licenças poéticas, é preciso ir às licenciosidades.” (BARROS, 1996, p. 312).

Como o adjetivo “licencioso”, de acordo com o *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* versão 5.0 (FERREIRA, 2004), pode apresentar a acepção “que ou aquele que revela desregramento em seus atos, escritos e palavras; depravado, libertino”, cabe ao leitor entender como Manoel de Barros, com seu estilo único, revela esse desregramento em seu processo de *artesanía* com as palavras.

Mais uma vez, o próprio autor vem em seu socorro, ao discorrer sobre o trabalho do poeta:

Poeta tem de imprimir sobre esse barro a sua técnica, escolhendo, provando, cortando as palavras, até que as coloque à sua feição, e ganhe uma estrutura própria, com um sentido, um som e um ritmo próprios. (BARROS, 1996, p. 309)

Como se pode perceber, para Manoel de Barros, o poeta é responsável por libertar as palavras de suas amarras, buscar relacionamentos que lhes permitam adquirir um sentido diferente daquele a que o leitor está acostumado ou dar às palavras um novo som, um novo ritmo ou uma nova forma. Os versos feitos, os sentidos consagrados, os usos comuns das palavras devem ser substituídos por outros que deixem no mundo a marca do poeta.

E qual seria a “marca” de Manoel de Barros?

A “marca” ou estilo de um autor é objeto de estudo da estilística.

Para Câmara Junior: “A estilística é a ciência da linguagem expressiva, independentemente do âmbito particular em que a expressividade linguística funciona.” (CÂMARA JUNIOR, 1977, p. 25), uma vez que, mesmo preexistindo nos indivíduos, a aquisição da língua pressupõe uma escolha individual em relação ao modelo e sua utilização, além de refletir uma época, um local e um comportamento social, emerge da necessidade de comunicação do falante.

Martins conceitua o termo estilística como “[...] uma das disciplinas voltadas para os fenômenos da linguagem, tendo por objeto o estilo...” (MARTINS, 2011, p. 17), o que leva a outra pergunta: o que é estilo?

Para a estudiosa, o conceito de estilo é variável e, hoje, “se aplica a tudo que possa apresentar características particulares, das coisas mais banais e concretas às mais altas criações artísticas...” (MARTINS, 2011, p. 17)

De acordo com Lapa, o segredo do estilo de cada escritor está na escolha da palavra que melhor expressa seu pensamento. No caso de Manoel de Barros, quando essa palavra certa não existe, ele cria uma que possa efetivamente dizer aquilo que ele quer exprimir, ou seja, ele cria neologismos que são “Esses novos meios de expressão, inventados por quem fala e escreve um idioma [...]” (LAPA, 1998, p. 44).

Os neologismos aparecem desde a primeira página do primeiro livro de Manoel de Barros: “Vai *disrremelar* esse olho, menino! ” (BARROS, 1937, p. 51, grifo nosso) e persistem por toda a sua obra, delimitando o estilo do autor. De acordo com Biderman, bons escritores e poetas utilizam a linguagem de forma inovadora, fazendo associações e criando termos que surpreendem o leitor. Para a estudiosa:

Os bons escritores e poetas utilizam, com frequência, associações vocabulares e valores de significação inéditos na *norma léxica* da língua. É exatamente essa a razão porque a sua linguagem soa como uma criação nova de formas e palavras. (BIDERMAN, 1978, p. 22)

Neste capítulo, com base nos autores Biderman (1978), Barbosa (1981), Carvalho (1984), Basílio (1987), Alves (2007), Sandmann (1991), Lapa (1998), Martins (2011), entre outros, conceituaremos neologismo e o processo de formação de palavras por derivação.

Não incluiremos neste estudo as palavras formadas pelos processos de derivação regressiva e derivação imprópria, pois em ambos os casos não há acréscimo de afixos, uma vez que na derivação regressiva as palavras são formadas a partir do radical de um verbo e uma vogal temática (-a, -e, -o), e no segundo caso, de acordo com Martins, trata-se de fato semântico-sintático, uma vez que a palavra não sofre alteração formal, apresentando mudança de sentido, de emprego e de classe.

2.1. FORMAÇÃO DOS NEOLOGISMOS

No processo de comunicação, apesar da grande variedade de possibilidades que a língua oferece, o usuário necessita constantemente de novas palavras para uma ação efetiva de comunicação, já que lhe seria quase impossível guardar em sua memória um termo diferente para cada realização da fala.

Basílio (1987) considera que, muitas vezes, formamos palavras sem nos darmos conta de que são neologismos criados por nós em função de uma necessidade de comunicação. Uma vez que ele é individual e único, a nova palavra, ou *neologismo*, passa a compor o enunciado e, caso a base semântica faça parte do vocabulário ativo do ouvinte/leitor, não lhe causa estranheza nem dificuldade de entendimento.

Biderman define neologismo como uma criação vocabular nova, incorporada à língua. Como o léxico de uma língua é um sistema aberto, que não se completa a não ser que ela desapareça, a ampliação é um processo ativo, que se realiza incessantemente.

Carvalho, além de definir *neologismos* como *novas palavras*, observa que são formados a partir da necessidade do homem de nomear suas inovações em diversos ramos, além de apresentar a composição híbrida da palavra *neologismo*:

São eles os neologismos, termos que significam novas palavras, compostos híbridos do latim *neo* (novo) e do grego *logos* (palavra). Estão os neologismos ligados a todas as inovações em diversos ramos da atividade humana, seja arte técnica, ciência, política ou economia. (CARVALHO, 1984, p.8)

De acordo com Alves, o acervo lexical de uma língua se renova sempre, enquanto algumas palavras caem no esquecimento, outras são criadas pelos falantes. Para a estudiosa, “Ao processo de criação lexical dá-se o nome de neologia. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado neologismo.” (ALVES, 2007, p. 5)

Sandmann (1991) observa que o processo de criação de palavras é possível porque o usuário da língua abstraiu de outras palavras a regra que lhe permite formar novas palavras pelo mesmo processo. Vale ressaltar que algumas regras são altamente produtivas como o uso do prefixo “des-”, recorrente em Manoel de Barros, que, quando acrescentado a um substantivo, adjetivo ou verbo, apresenta uma ideia de negação ao sentido da base, como em “deslimite”, “descomeço”, enquanto outras são pouco produtivas, como a formação de adjetivos a partir de substantivo com o acréscimo do sufixo “-udo”, como em “barrigudo”.

Para Lapa (1998), as criações absolutas são raríssimas, uma vez que os neologismos se referem, normalmente, a palavras criadas a partir de outras de acordo com os processos usuais na língua, que podem subsistir ou não. De acordo com o autor, a linguagem científica e a propaganda comercial são os maiores propulsores da criação de neologismos, sem contar as criações individuais de cada escritor.

O estudioso cita Fialho de Almeida, escritor português (1857-1911), que criou neologismos como *nuvezinhado*, *nevrostizar*, *chafra-nafra*, *transfazer-se*, *independentizar*, *vortilhões*, *emotival*, etc., sendo que poucos continuaram a ser utilizados.

Martins observa que os processos de formação de palavras, essenciais ao enriquecimento lexical, atendem às necessidades expressivas dos falantes e que, desde o século XV, escritores obtiveram efeitos humorísticos utilizando-se da derivação. Para a autora: “No modernismo acentua-se o gosto pelos neologismos derivados e compostos, chegando-se ao auge com Guimarães Rosa. (MARTINS, 2011, p. 145)

Vale ressaltar que a criação de uma palavra não indica que ela permanecerá como parte do léxico, para que isso aconteça, três etapas são necessárias: a criação, processo individual e criativo; a pós-criação, que consiste na absorção do termo pelo sistema linguístico e a dicionarização, quando a palavra passa a fazer parte efetiva do léxico daquela língua.

A seguir, exporemos a classificação dos neologismos de acordo com Biderman (1978), Barbosa (1981) e Alves (2007). Nesta pesquisa, adotaremos a classificação apresentada por Alves (2007) por oferecer suporte teórico ao desenvolvimento de nosso trabalho.

2.2 CLASSIFICAÇÃO DOS NEOLOGISMOS

Biderman distingue dois tipos de neologismos: 1) *neologismo conceptual*, que “[...] trata de uma acepção nova que se incorpora ao campo semasiológico de um significante qualquer.” (BIDERMAM, 1978, p. 158), ou seja, uma nova acepção é incorporada ao campo semântico de uma palavra; 2) *neologismo formal*, que corresponde a palavras novas acrescentadas ao léxico de uma língua, podendo ser um termo vernáculo ou um empréstimo estrangeiro.

A estudiosa cita as gírias como exemplo de formações vernáculas neológicas de uma língua. De curta duração e de criação popular, a gíria pode indicar maior desejo de expressividade ou empenho para dificultar o entendimento, como no caso da utilização por determinados grupos, como ladrões, que objetivam ter um código secreto e costumam substituí-la assim que passam a ser de conhecimento da sociedade.

Quanto aos empréstimos, a autora cita a grande influência da língua inglesa e da cultura americana no mundo, em virtude de seu reconhecido domínio tanto na economia quanto na sociedade. De acordo com Biderman:

Nos tempos contemporâneos o inglês pode ser considerado uma língua franca universal. E assim, os bens, os conceitos, inventos americanos, com a sua nomenclatura inglesa, vão sendo absorvidos pelas outras culturas. O português brasileiro, como todas as demais línguas do mundo, vem incorporando ao seu Léxico, centenas de palavras inglesas. (BIDERMAN, 1978, p. 162)

Alves considera que, de acordo com o estudo da história da língua portuguesa, o léxico português “[...] basicamente de origem latina, tem ampliado seu acervo por meio de mecanismos oriundos do latim, a derivação e a composição. ” (ALVES, 2007, p. 5), tendo este acréscimo acontecido por herança de outros sistemas linguísticos, resultado do contato de falantes de língua portuguesa com outros povos e empréstimos culturais.

A estudiosa apresenta os seguintes processos de formação neológica no português do Brasil: 1) neologismos sintáticos, 2) neologismos fonológicos, 3) neologismos semânticos, 4) conversão, 5) outros processos, entre os quais cita a truncação, a palavra-valise, a reduplicação, a derivação regressiva e, 6) neologismos por empréstimo, que englobam os decalques e os estrangeirismos.

Na sequência, apresentaremos, de forma resumida, os neologismos sintáticos, os neologismos fonológicos, os neologismos semânticos, os neologismos por empréstimo, a conversão e os demais processos de formação de palavras. Os neologismos sintáticos formados pelo processo de derivação, tema desta pesquisa, serão abordados na sequência.

2.2.1 Neologismos sintáticos

De acordo com Alves, os neologismos sintáticos “[...] supõem a combinatória de elementos já existente no sistema linguístico português. ” (ALVES, 2007, p. 15) e se classificam em: a) *derivados*, b) *compostos*, formados pela “justaposição de bases autônomas e não-autônomas. ” (ALVES, 2007, p. 41), c) *compostos sintagmáticos*, quando ocorre a junção de dois termos que apresentam uma estreita relação sintática, morfológica e semântica de modo a constituírem um significado, e d) *compostos formados por siglas ou acronímicos*, que são constituídos pelas iniciais dos elementos componentes do sintagma.

De acordo com a autora são chamados de *sintáticos* porque a combinação de seus membros constituintes não se dá exclusivamente ao âmbito lexical, mas aparece também ao nível frásico.

Os neologismos sintáticos *derivados*, tema desta pesquisa, serão abordados em um capítulo à parte.

2.2.2 Neologismos fonológicos

Para Alves (2007), a neologia fonológica é um mecanismo de criação de palavras extremamente raro, uma vez que a lexia deve ser inédita, mas precisa ser entendida pelo ouvinte/leitor. Uma sequência aleatória de letras que não permite a atribuição de um significado não pode ser considerada um neologismo fonológico, como por exemplo *abcdefg*.

Para a autora, os neologismos fonológicos se dividem em: 1) criação onomatopaica, processo bastante produtivo, que procura reproduzir um ruído ou gritos e 2) recursos fonológicos. Estes, por sua vez, são formados a partir de: a) transformações ao nível do significante, b) variações no significante em consequência de uma relação analógica, e c) transformação apenas gráfica do significante.

2.2.3 Neologismos semânticos

Temos um *neologismo semântico* ou *conceptual* quando um significante passa a ter um novo significado, isso indica que não há a inserção de uma nova palavra ao léxico, que

permanece inalterado quanto ao número, mas enriquecido quanto à possibilidade de expressão, ou seja, passamos a ter uma nova forma de manifestar um pensamento.

De acordo com Barbosa (1981), se a língua é um instrumento vivo, que muda de acordo com as necessidades de seus usuários, é previsível que surjam novos sentidos para uma mesma palavra, como se observa em:

As neologias semânticas aparecem, quando se empregam signos já existentes no código, em combinações inesperadas ou inéditas com outros signos do enunciado. O neologismo surge, então, como resultado de uma combinação sêmica (BARBOSA, 1981, p.203).

Segundo a estudiosa, “o processo de enriquecimento de semas continuará, à medida que a lexia for sendo atualizada em novos contextos”. (BARBOSA, 1981, p.206), uma vez que, de todos elementos que compõem o código linguístico, “o significado é o que está mais sujeito a mudanças” (BARBOSA, 1981, p.244).

2.2.4 Conversão

Também denominada *derivação imprópria*, a conversão consiste na utilização de uma unidade léxica em outra distribuição sem que haja manifestação de mudanças formais. Temos, por exemplo, adjetivos e verbos empregados como substantivos.

2.2.5 Neologismo por empréstimo

O neologismo por empréstimo é resultado, segundo Alves (2007), do contato entre as comunidades linguísticas e divide-se em dois processos de criação neológica: 1) estrangeirismo e 2) decalque.

Temos o estrangeirismo quando um termo que ainda não pertence ao acervo lexical do idioma é utilizado em outra comunidade linguística. Em um segundo momento, acontece a *integração do neologismo por empréstimo*, quando o termo é incorporado à língua, podendo ocorrer uma adaptação gráfica, morfológica ou semântica.

O decalque, processo de difícil reconhecimento, constitui uma outra forma de integração de uma palavra estrangeira a um sistema linguístico. Nesse caso, ocorre a versão literal do termo estrangeiro para a língua receptora.

2.2.6 Truncação, Palavra-valise, Reduplicação e Derivação regressiva

A *truncação* constitui um tipo de *abreviação*, pois, segundo Alves (2007), uma parte da sequência lexical, geralmente a final, é eliminada. (Euro, forma reduzida de europeu)

Também chamado *cruzamento vocabular*, *palavra portmanteau*, *contaminação*, entre outros, nos neologismos formados por meio do processo denominado *palavra-valise*, ocorre um tipo de redução, “[...] duas bases – ou apenas uma delas – são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item léxico: uma perde sua parte final e outra, sua parte inicial.” (ALVES, 2007, p. 69)

Processo pouco produtivo no português contemporâneo, a *reduplicação* dá nome a palavras formadas através da repetição da mesma base duas ou mais vezes a fim de constituir um novo item léxico.

Por *derivação regressiva* entendemos o processo no qual um novo item léxico é formado pela supressão de um elemento, considerado de caráter sufixal.

Neste item apresentamos, de forma resumida, os processos de formação de neologismos de acordo com Biderman (1978) e Alves (2007) por também serem recursos utilizados por Manoel de Barros em seu trabalho com a linguagem.

Na sequência, apresentaremos os neologismos sintáticos formados pelo processo de derivação, tema deste trabalho.

2.3 NEOLOGISMOS SINTÁTICOS FORMADOS PELO PROCESSO DE DERIVAÇÃO

Formamos palavras pelo processo de derivação, quando acrescentamos um afixo a uma palavra base. Se o afixo é colocado no início dessa palavra base, recebe o nome de

prefixo e ao processo chamamos *derivação prefixal*; se o afixo é colocado no final da palavra base, recebe o nome de *sufixo* e o processo é chamado de *derivação sufixal*.

A seguir apresentaremos algumas particularidades dos prefixos e sufixos utilizados por Manoel de Barros para formar novas palavras, segundo Basílio (1987), Lapa (1998), Alves (2007) e Martins (2011).

2.3.1 DERIVAÇÃO PREFIXAL

De acordo com Basílio (1987), formamos palavras com o acréscimo de um prefixo quando queremos obter outra semanticamente relacionada que apresente uma diferença semântica específica em relação à palavra-base.

Lapa (1998) relata que as palavras formadas pelo acréscimo de um prefixo já foram classificadas como compostas, uma vez que partículas como *com*, *contra*, *ante*, etc. eram vistas como verdadeiros vocábulos justapostos a outros, fato que não se sustentou pela existência de prefixos com autonomia mais discutível como *des-*, *in-*, *re-*, etc., sendo consideradas como derivadas as palavras formadas pelo acréscimo desses termos. Segundo o estudioso, o que importa é verificar a mudança que o prefixo acrescenta à palavra a que se junta e o uso que escritores criativos fazem desse recurso em seus versos.

Consoante Alves (2007), não há unanimidade, na língua portuguesa, quanto ao número e à natureza dos morfemas prefixais, fato que a levou a tratar “[...] como prefixos as partículas independentes ou não-independentes que, antepostas a uma palavra-base, atribuem-lhe uma ideia acessória e manifestam-se de maneira recorrente, em formações em série.” (ALVES, 2007, p. 15)

Martins (2011) ressalta que o acréscimo dos prefixos não muda a classe das palavras a que se ligam, sendo menos intensa a alteração que acarretam, o que não impede que escritores criativos elaborem formações originais e sugestivas.

2.3.1.1 Os prefixos

No *corpus* utilizado nesta pesquisa, observamos que Manoel de Barros, ao criar seus neologismos, utilizou os prefixos “a-”, “anti-”, “des-” (“dis-”), “in-”, “en-” (“em-”) e “pré-”. Apresentaremos algumas observações gerais sobre esses prefixos de acordo com Lapa (1998), Alves (2007) e Martins (2011). Nossas observações sobre a formação de neologismos pelo poeta Manoel de Barros aparecem nas fichas organizadas no capítulo 3, no campo *Comentários*.

1. *A-*. Presente em algumas palavras da língua, o prefixo *a-*, também chamado como *a prostético*, foi utilizado para formar novas palavras. Usada na língua antiga, repudiada pela língua moderna, a partícula tem sido utilizada por escritores atuais num tom vagamente humorístico, como neste passo de Teixeira- Gomes: “Pus-me a caminho, e logo o espírito se alimpou dos requentados azedumes.” (LAPA, 1998, p. 90)

Em Manoel de Barros:

Estou anivelado com a copa das árvores. (LI, p. 35)

2. *ANTI-*. De acordo com Alves (2007), o prefixo *anti-* denota o valor opositivo de *contrário a alguma coisa* ou *alguém*, ao justapor-se a bases substantivas, como observamos nos neologismos criados por Manoel de Barros com o acréscimo desse prefixo.

Em Manoel de Barros:

Ela me encontrara sadio, apolítico, antiapocalíptico anticristão e talvez campeão de xadrez. (P, p. 39)

Anti-salmo por um desherói (GEC, p. 17)

3. *DES-*, *DIS-*. De origem e evolução confusas, os dois prefixos foram usados indistintamente durante o Classicismo. Atualmente o prefixo *dis-*, com significado de *dispersar*, *separar* está em recuo, mas ainda tem preferência na linguagem técnica, com sentido piorativo: “dispepsia = má digestão, dispneia = respiração difícil, etc. Tem, nestes casos, origem grega” (LAPA, 1998, p. 91)

Sobre o prefixo *des-*, Martins acrescenta “[...] indicativo de múltiplas ideias – negação, oposição, separação, afastamento, divisão, supressão, e em alguns vocábulos até de intensificação (*desinfeliz*), é com certeza o prefixo mais produtivo, mais popular, e

desde as cantigas de escárnio já revelava a sua vitalidade. ” (MARTINS, 2011, p. 153). A autora também cita o prefixo em formas expressivas criadas pelo povo e pelas crianças: *desviver, descomer, desnascer, descasar, desengordar, despreferência*, etc. (MARTINS, 2011, p. 153)

De acordo com Alves (2007), o prefixo *des-* junta-se a bases de natureza substantival, adjetival e verbal e manifesta, principalmente, o valor de *separação* da base a que se associa, como em *desideologização* e *demalufar*.

Em Manoel de Barros:

Falo sem desagero. (LI, p. 39)

No descomeço era o verbo. (LI, p. 17)

Não havendo nenhum descomportamento nisso senão que alguma experiência linguística. É apenas um descomportamento semântico. Mas isso é apenas um descomportamento linguístico que não ofende a natureza dos passarinhos nem das grotas. (EF, p. 61-62)

Um monge descabelado me disse no caminho: Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. (EF, p. 31)

Pierrô é desfigura errante,
Andarejo de arrebol. (APA, p. 18)

Desinventar objetos.
O pente, por exemplo.
Dar ao pente funções de não pentear. (LI, p. 13)

Anti-salmo por um desheroí. (GEC, p. 17)

Os deslimites da palavra (LI, p. 33)

[...]sentindo precisão de escuros para seu desmusgo. (GEC, p. 30)

Gostava de desnomear (LI, p. 81)

Produzi desobjetos, 35, mas pode que onze. (EF, p. 45)

Urubus desplanam (P, p. 63)

Era um sujeito desverbado que nem uma oração desverbada. (EF, p. 31)

Mário-Maria do lado de fora fica dando pontapés no vento
- disilimina esse, Cabeludinho! (PCSP, p. 52)

- Vai disrremelar esse olho, menino! (PCSP, p. 51)

4. *IN-*, *EN-* (*EM-*). Os dois prefixos são confundidos principalmente na língua falada. O prefixo latino *in* ainda conserva seu significado de origem – ideia negativa. A variação *in/im*, para efeitos fonéticos, segue as normas do prefixo *com*, assim: *inútil*, *infeliz*, *impróprio*. Também apresenta sentido de *direção*, *movimento para dentro*: *irromper*, *ingerir*, *implantar*; sendo nesse caso, muitas vezes, substituído pelo prefixo *en/em*: *embarcar*, *encovar*, *enterrar*.

Em Manoel de Barros:

Muitos anos o poeta se empassarou de escuros até ser atacado de árvores. (GEC, p. 39)

A imarcescível puta preta
que me arrastou na adolescência
me ensaruou de sua concha. (APA, p. 54)

Mudando de passarinhos entardecentes. (GEC, p. 40)

O poema é antes de tudo um inutensílio. (APA, p. 23)

Os bens do poeta: um fazedor de inutensílios, um travador
de amanhecer (APA, p. 26)

Sete inutensílios de Aniceto (APA, p. 44)

5. *PRE-* De acordo com Alves (2007), o prefixo “pré-” indica *temporalidade anterior*.

Em Manoel de Barros:

Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes,
podem ser pré-musgos. (EF, p. 23)

2.3.2 DERIVAÇÃO SUFIXAL

Basílio (1987) observa que o fato de os afixos apresentarem funções sintático-semânticas definidas delimita os possíveis usos dos sufixos na formação de novas palavras. A estudiosa cita a negação, o grau, a designação de indivíduos ou entidades como generalidade bastante produtivas na formação de novas palavras com o acréscimo de um sufixo em oposição a processos com menos generalidade, como a formação de adjetivos a partir de substantivos pelo acréscimo do sufixo *-udo*.

De acordo com Lapa (1998) e Martins (2011), para a Estilística, o estudo dos sufixos é mais importante que o estudo dos prefixos, visto que:

Estes acrescentam quase sempre à palavra simples uma ideia puramente intelectual: de lugar (*antecâmara*), de tempo (previsão), de companhia (concorrer), de negação (defeito, impuro), de repetição (relembrar), etc. (LAPA, 1998, p. 92)

É a sufixação o processo de maior vitalidade, quer pelo grande número de sufixos da língua (mais de uma centena), quer pela variedade de conotações que muitos deles permitem sugerir. (MARTINS, 2011, p. 145)

Lapa (1998) elenca seis derivados para a palavra *livro* (livrinho, livreto, livreco, livrório, livralhada, livresco) e observa que apenas dois não têm significado afetivo – *livreto*, pequeno livro e *livreiro* – o que trata com livros, os demais têm mais ou menos valor sentimental, o que comprova a importância dos sufixos na nossa língua como forma de acrescentar às palavras sentimentos como ternura, apreciação, simpatia, ou o oposto, depreciação, desprezo, etc.

Martins (2011) lembra que o efeito de escolha do sufixo não está apenas nesse, mas na sua combinação com o lexema, o que demonstra que um mesmo sufixo pode sugerir valores diversos.

Sobre os sufixos, Martins observa:

Dos que podem acrescentar (não obrigatoriamente, insistimos) um tom pejorativo, jocoso, pitoresco, um tom de recriminação, lembramos ice, -ismo, -agem, -ança, -ção (ação repetida), -dade, -mento, [...] (MARTINS, 2011, p. 148-149)

Para Martins (2011), a derivação sufixal é o processo de maior vitalidade, quer pelo grande número de sufixos, quer pela variedade de conotações que muitos deles permitem sugerir, como por exemplo o diminutivo que pode apresentar ideias positivas como apreciação e carinho ou depreciação e ironia. O mesmo acontecendo com o aumentativo, que tanto pode indicar tamanho maior que o normal quanto depreciação.

De acordo com Alves (2007), o sufixo acrescenta à palavra-base uma ideia acessória e, frequentemente, muda sua classe gramatical, recurso que tem se mostrado bastante produtivo na imprensa contemporânea.

2.3.2.1 Os sufixos

No *corpus* utilizado nesta pesquisa, observamos que Manoel de Barros, ao criar seus neologismos, utilizou os sufixos “-ado”, “-al”, “-ância”, “-ar”, “-ário”, “-ego”, “-eiro”, “-ejo”, “-ência”, “-ente”, “-ento”, “-ez”/ “-eza”, “-ino”, “-mente” “-mento”, “-nte”, “-oso”, “-ura”. Apresentaremos algumas observações sobre esses sufixos de acordo com Bechara (1982), Cunha (1997), Lapa (1998), Alves (2007) e Martins (2011), considerando o sentido atribuído ao neologismo criado pelo poeta.

Alguns neologismos, como *desverbado*, *empassarar*, entre outros, são formados pelo acréscimo de um prefixo e de um sufixo, motivo pelo qual a abonação aparece nos itens referentes ao prefixo e ao sufixo.

1. *-ADO*. Este sufixo nominal forma adjetivo e substantivo a partir de outro substantivo para indicar *que se assemelha* ou *provido* ou *que tem o caráter de*.

Em Manoel de Barros:

Era um sujeito desverbado que nem uma oração desverbada. (EF, p. 31)

2. *-AL*. Este sufixo nominal forma substantivos a partir de outros substantivos e adjetivos a partir de substantivos para indicar *relação*, *pertinência*. De acordo com Cunha (1997), este sufixo era mais comum no antigo português na formação de palavras como *divinal* e *eternal*, representando um processo de derivação pleonástico, uma vez que seu acréscimo não altera os significados dos adjetivos.

Em Manoel de Barros:

Noto que às vezes sou desvirtuado a pássaros, que sou desvirtuado em árvores, que sou desvirtuado para pedras. mas que essa mudança de comportamento gentil para animal vegetal ou pedral É apenas um descomportamento semântico. (EF, p. 65)

Borboletas me convidaram a elas.
O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu. (EF, p. 59)

rã de luaçal (APA, p. 25)

[...]ferrugem de sol nas crianças raízes
de escória na boca do poeta beira de rio
que é uma coisa muito passarinhal! (APA, p. 25)

3. -ÂNCIA, -ÊNCIA-. Estes sufixos nominais formam substantivos para indicar *ação ou resultado dela, estado, qualidade*, de acordo com Bechara (1982).

Em Manoel de Barros:

É no mínimo alguém que sabia dar cintilância aos
seres apagados. (EF, p. 35)

Agora estou varado de entremências. (LI, p. 25)

Ninguém que tenha natureza de pessoa pode esconder/ as suas natências.
Não fui fabricado de pé. (LI, p. 37)

4. -ANTE. Este sufixo nominal forma adjetivos a partir de verbos para indicar *ação, qualidade, estado*.

Em Manoel de Barros:

Um verso se revela tanto mais concreto quanto seja seu
criador coisa adejante (APA, p. 30).

Na sequência o poeta explica a palavra entre parênteses: (Coisa adejante, se infira, é o sujeito que se quebra até de encontro com uma palavra) (APA, p. 31).

Esse nome [urna consolata] não tinha nenhuma ciência brivante. (LI, p. 87)

5. -AR. Este sufixo verbal forma verbos a partir de substantivos ou de adjetivos preferentemente com o acréscimo de prefixos e denota a ideia de *ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa, ação repetida, ação pouco intensa, início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade*.

Os neologismos “desinventar”, “desnomear” e “disrremelar” não constam entre os exemplos de criações neológicas formadas a partir do acréscimo do sufixo -ar, porque os verbos *inventar*, *nomear* e *remelar* constam no *corpus* de exclusão, constituindo neologismos apenas as formações desses verbos aos quais foram acrescentados os

prefixos des-/dis- tendo sido registrados como exemplo desses prefixos no item 2.3.1.1.

Incluímos os termos “femeiam” e “brejava” entre os exemplos de neologismos formados a partir do acréscimo do sufixo *-ar* por serem formas flexionadas dos verbos *femear* e *brejar*, formados por meio do processo de derivação sufixal a partir dos substantivos fêmea e brejo.

Em Manoel de Barros:

Excitadas se femeiam por baixo dos/balseiros. E ali se aleluiam. (LI, p. 93)

Agora biguás prediletam bagres. (LI, p. 53)

Nossa maçã é que come Eva
Estrela que tem firmamento
Mas se estrela fosse brejo, eu brejava. (APA, p. 29)

6. *-ÁRIO*. Este sufixo forma substantivos de cunho erudito, a partir de outros substantivos portugueses, para indicar *ocupação, ofício, profissão e lugar onde se guardam diferentes objetos*.

Em Manoel de Barros:

O chão tem gula de meu olho por motivo que meu olho possui um coisário de nadeiras. (LI, p. 101)

7. *-EGO*. Este sufixo nominal forma substantivos a partir de substantivos com valor diminutivo ou pejorativo.

Em Manoel de Barros:

Assim desabrocham como os bestegos (APA, p. 53)

Usava um Dicionário de Ordinário
com 11 palavras de joelhos
inclusive bestego. (APA, p. 57)

8. *-EIRA, -EIRO*. Este sufixo forma substantivos de cunho popular a partir de outros substantivos para indicar *lugar onde se guardam diferentes objetos ou árvore frutífera ou planta ornamental*.

Em Manoel de Barros:

Este ermo não tem nem cachorro de noite.
É tudo tão repleto de nadeiras. (LI, p. 67)

O pirizeiro estava sempre carregado de passarinhos... (PCSP, p. 63)

Debaixo de um tarumeiro. (PCSP, p. 61)

9. *-EJO*. Este sufixo nominal aparece documentado, predominantemente, na formação de diminutivos.

Em Manoel de Barros:

Pierrô é desfigura errante,
andarejo de arrebol. (AA, p. 18)

10. *-ENTE*. Este sufixo forma adjetivos derivados de verbo para indicar *ação, qualidade* ou *estado*.

Em Manoel de Barros:

Mudando de passarinhos entardecentes. (GEC, p. 40)

O poeta substituiu o sufixo *-eza* na formação do neologismo “nobrementes”.

Não organizo rutilâncias
Nem venho de nobrementes. (LI, p. 43)

11. *-ENTO*. Este sufixo nominal forma adjetivo a partir de substantivo para indicar *que tem o caráter de, que se assemelha a*.

Em Manoel de Barros:

Só as crianças e as putas do jardim entendiam a sua fala de furnas brenhentas.
(PCSP, p. 58-9)

A fala de furnas brenhentas de Mário-Pega-sapo era nua. (MP, p. 20)

12. *-EZ/EZA*. Este sufixo forma substantivos de cunho popular e/ou semierudito para indicar *qualidade, propriedade*.

Em Manoel de Barros:

Nascera engrandecido de nadezas. (LI, p. 83)

*Que me enche de flores, calores insetos, e
me entorpece até a paradeza total dos reatores. (APA, p. 30)*

Quero haver a umidez de uma fala de rã. (LI, p. 65)

13. *-INO*. Este sufixo nominal aparece em adjetivos formados no próprio latim (como *adulterino*), aparece na formação de alguns adjetivos portugueses e eruditos e/ou semieruditos para indicar *relação, natureza, origem*.

Em Manoel de Barros:

Em cima das casas um menino avino as
sobria de sol! (GEC, p. 38)

14. *-MENTE*. Este sufixo adverbial forma advérbios a partir de adjetivos para indicar *modo*. De acordo com Lapa (1998), se compararmos o uso do advérbio, do adjetivo e do advérbio terminado em “-mente”, como em: O carro anda *devagar / vagaroso / vagarosamente* (LAPA, 1998, p. 220) observamos que o uso do advérbio constituído pelo adjetivo e pela terminação “-mente” é o mais expressivo, indicando não apenas uma noção de tempo, mas ainda de modo, continuação e movimentação.

Para Martins (2011), o sufixo adverbial “-mente”, originário de um substantivo, na linguagem normal forma advérbios a partir de adjetivos, sendo utilizado, na linguagem de intenção expressiva para formar advérbios a partir de substantivo.

Em Manoel de Barros:

Mas o que existe em cada um de nós
de desmedidamente sórdido,
felizmente as mulheres não percebem (FI, p. 36)

(Tem dia o sapo anda estrelamente!) (APA, p. 24)

Eu precisava ficar pregado nas coisas vegetalmente e
achar o que não procurava. (LI, p. 103)

(Rabelais já havia afirmado antesmente que poesia é / uma virtude do inútil.
(EF, p. 35)

15. *-MENTO*. Este sufixo nominal forma substantivo a partir de verbo para indicar *ação ou resultado da ação expressa pelo verbo, instrumento da ação e coleção*.

Em Manoel de Barros:

Confesso meus bestamentos.
Tenho vanglória de niquices. (LI, p. 53)

Sombra-Boa ainda ouve nestes lugares conversamentos de gaivotas. (LI, p. 83)

Não havendo nenhum descomportamento nisso
senão que alguma experiência linguística.
É apenas um descomportamento semântico.
Mas isso é apenas um descomportamento linguístico que
não ofende a natureza dos passarinhos nem das grotas. (EF, p. 61-62)

Estou deitado em compostura de águas.
Na posição de múmia me acomodo.
Não uso morrimentos de teatro. (LI, p. 59)

Meu nome é Seo Adejunto – e dantes cabo-adjunto
por servimentos em quartéis. (LI, p. 37)

17. -OSO. Este sufixo forma adjetivos a partir de substantivos para indicar *provido de*. Segundo Martins “Dos *sufixos adjetivais* o mais produtivo talvez seja “-oso”, quer com valor referencial, quer com valor expressivo (saposo, paquidermoso, milmaravilhoso) (MARTINS, 2011, p. 149)

Em Manoel de Barros:

O homem de lata/é resto anuroso/de pessoa. (GEC, p. 25)

Caminhoso em meu pântano, / dou num taquaral de pássaros (APA, p. 15)

É vezo de dizer-se então que capivara é um bicho / insetoso. (LI, p. 93)

Limbo é seu entardecer. (APA, p. 24)

Parou no ralo do bueiro, olhoso, como um boi que botaram no sangradouro dele
(APA, p. 17)

Que um homem riachoso escutava os sapos
E o vento abria o lodo dos pássaros. (MP, p. 21)

Voz
pelada de peixe dia
de estar riachoso (APS, p. 49)

18-URA. Este sufixo forma substantivo para indicar *qualidade, propriedade, maneira de ser*.

Em Manoel de Barros:

As mulheres tratavam-nos com uma bundura extraordinária (MP, p. 46)

2.4 DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA

A *derivação parassintética* consiste em acrescentar, simultaneamente, um prefixo e um sufixo a um radical. De acordo com Alves (2007), este não é um processo muito produtivo, uma vez que é preciso que prefixo e sufixo sejam incorporados ao mesmo tempo à base para que a palavra tenha um significado.

De acordo com Martins: “O valor expressivo dos verbos assim formados está mais no próprio lexema ou no seu sentido conotativo, mas a transferência da categoria nominal para a verbal acrescenta as potencialidades significativas da flexão verbal.” (MARTINS, 2011, p. 154). A pesquisadora chama a atenção para a formação de dois ou mais verbos a partir da variação de afixos com um mesmo lexema por diferentes processos de derivação ou pelo mesmo processo, que criarão verbos com matizes significativas especiais, como em *raivar/enraivecer*, *branquear/embranquecer*, etc.

Para Basílio (1987):

A derivação parassintética é um processo complexo de formação, não só morfológicamente, mas também semanticamente, já que acopla a função semântica do prefixo com a função sintática e/ou semântica do sufixo. Essa complexidade é bastante nítida em casos como *desalmado*, onde a função de *-ado*, que caracteriza um ser como possuidor virtual do que é expresso na base, é contrariada pela função semântica do prefixo *des-*, resultando da combinação o sentido "sem alma" para o adjetivo. (BASÍLIO, 1987, p.45)

Na produção neológica de Manoel de Barros, encontramos palavras formadas pelo acréscimo de um prefixo e um sufixo ao mesmo tempo, ou, como afirma Basílio (1987), palavras às quais foi acrescentado um sufixo e depois um prefixo ou o contrário, como em *descomportamento* (*des-* + *comportamento*) e *desconstrução* (*des-* + *construção*), que não se caracterizam como derivação parassintética, nem como derivação prefixal e sufixal. Podemos

inferir que o prefixo *des-* foi acrescentado às palavras *comportamento* e *construção*, às quais já haviam sido acrescentados os sufixos *-ção* e *-mento*, respectivamente.

Em Manoel de Barros:

Muitos anos o poeta se empassarou de escuros até ser atacado de árvores
 . (GEC, p. 39)

A imarcescível puta preta
 que me arrastou na adolescência
 me ensaruou de sua concha. (APA, p. 54)

Era um sujeito desverbado que nem uma oração desverbada. (EF, p. 31)

No caso do termo “desverbado”, temos o acréscimo do sufixo “des-” à base *verbado*, ao mesmo tempo temos o acréscimo do sufixo “-ado” ao radical “verb-”, o que nos dá um neologismo formado pelo processo de derivação parassintética, assim como nos termos *empassarar* e *ensaruar*.

Neste capítulo, com base nos autores Biderman (1978), Carvalho (1984), Basílio (1987), Barbosa (1981), Alves (2007), Lapa (1998), Martins (2011), entre outros, conceituamos estilística, estilo, neologismo e o processo de formação de palavras por derivação. Detivemo-nos nas palavras formadas pelo acréscimo de um afixo, com base nos estudos de Alves (2007) visto ser este o objeto de estudo desta pesquisa.

3. APRESENTAÇÃO DOS NEOLOGISMOS

Este trabalho de pesquisa, parte integrante do projeto que está sendo desenvolvido pela Prof.^a Dr.^a Kelcilene Grácia-Rodrigues, da Universidade Federal de Mato Grosso do sul, intitulado *A (re) invenção lexical em Manoel de Barros*, teve início com a escolha do *corpus*, definida de acordo com dois critérios: 1) um livro por década, de 1937 a 2010, publicado por Manoel de Barros e, 2) opção pelo livro com um número significativo de neologismos, caso tenha sido publicado mais do que um título na década, ficando o *corpus* assim delimitado: *Poemas concebidos sem pecado* (1937), *Face imóvel* (1942), *Poesias* (1956), *Gramática expositiva do chão* (1969), *Matéria de poesia* (1974), *Arranjos para assobio* (1982), *O livro das ignoranças* (1993) e *Ensaaios Fotográficos* (2000).

Após a delimitação do *corpus*, efetuamos a leitura das obras do poeta assinalando os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios, possíveis neologismos presentes em cada livro, quase todos cópias da primeira edição. Em seguida, para confirmação de que os termos assinalados não estavam dicionarizados, recorremos a dois dicionários gerais de língua portuguesa, *Novo Dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, por ser um material de referência entre os dicionários da língua portuguesa falada no Brasil e pelo *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2009), organizado por Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, por apresentar ferramentas que proporcionaram maior precisão ao trabalho, como por exemplo datação e etimologia, para confirmação dos neologismos selecionados para análise.

Sempre que necessário, visando constatar se o termo assinalado não era um arcaísmo ou uma palavra inusual, recorremos à versão eletrônica do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva (1755-1824).

A escolha do dicionário de autoria de Antonio de Moraes Silva se fez pelo uso pelo poeta, verbalizado em: “Pelo menos uma vez por dia me vou no Morais / ou no Viterbo - / A fim de consertar a minha ignorança, / mas só acrescenta.” (BARROS, 1994, p. 29).

Com o intuito de dar maior precisão ao nosso trabalho, intentamos utilizar o programa de computação *Folio Views*, o que não foi possível devido à falta de acesso a ele. Contatamos alguns estudiosos que fizeram uso do programa e empresas relacionadas na internet, mas não obtivemos sucesso em nossa busca, mesmo do site www.loggos.com.br/crbs

para o qual enviamos diversos e-mails na tentativa de adquirir o programa, não recebemos resposta. Como recurso, optamos pelo programa de computador *Word 8.1*.

Após digitalizarmos o conteúdo dos oito títulos do poeta Manoel de Barros relacionados no *corpus*, marcamos a opção *Revisão*, o que nos permitiu confirmar os neologismos, uma vez que os itens neológicos apareciam sublinhados em vermelho, e localizar o número de ocorrências através da ferramenta *Localizar*. Também efetuamos a contagem de palavras utilizadas por obra, com o auxílio da ferramenta *Revisão – Contar palavras*, porém percebemos que qualquer sinal na página ou alteração datilográfica, visto se tratarem de primeiras edições, prejudicavam a precisão do trabalho, motivo pelo qual não apresentamos os resultados.

De posse da lista de neologismos, com base nos estudos de Alves (2007), entre outros, iniciamos o fichamento dos termos neológicos.

Primeiro efetuamos, no campo 1, o registro, em ordem alfabética, das criações neológicas no gênero masculino e no número singular, com exceção de algumas lexias encontradas apenas no gênero feminino, seguidas da classe gramatical. Todos os verbos foram anotados no infinitivo.

No campo 2, apresentamos uma provável base lexical para o termo neológico com base nos dicionários utilizados como *corpus* de exclusão.

No campo 3, apresentamos um sentido provável para o neologismo de acordo com a abonação e após o trabalho de manipulação da linguagem efetuado pelo poeta Manoel de Barros. Como a pesquisa não teve parâmetro lexicográfico, neste campo aparece um sentido provável e não uma definição.

No campo 4, apresentamos o número de ocorrências do neologismo no *corpus* analisado.

No campo 5, apresentamos a abonação, sendo utilizado o sinal * em caso de mais de uma abonação para a mesma criação neológica. A abreviatura da obra e a indicação de página aparecem depois de cada uma das abonações.

Caso o trecho seja composto por dois ou mais versos, os mesmos estão separados por uma barra (/).

Caso o trecho seja composto por versos pertencentes a mais de uma estrofe, eles aparecem separados por duas barras (//).

No campo 6, apresentamos a formação do neologismo e um comentário sobre o sentido denotado pelo afixo e/ou uma inferência sobre o uso pelo poeta.

As fichas ficaram assim organizadas:

Campo 1	
Campo 2	
Campo 3	
Campo 4	
Campo 5	
Campo 6	

Ao final do trabalho, transcrevemos as palavras que compõem as fichas separadas por título do autor Manoel de Barros no Apêndice A, e as palavras separadas de acordo com a classe gramatical e por obra no Apêndice B.

3.1 FICHAS DOS NEOLOGISMOS

Ficha 1	Unidade Lexical: adejante. adj.
Base lexical provável: adejar	
Sentido: aquele que fica voejando em torno de um mesmo ponto.	
Ocorrências: 2	
Abonação: <i>Um verso se revela tanto mais concreto quanto seja seu / criador coisa <u>adejante</u> (APA, p. 30). * Na sequência o poeta explica a palavra entre parênteses: (Coisa <u>adejante</u>, se infira, é o sujeito que se quebra até de encontro com uma palavra) (APA, p. 31).</i>	
Comentário: A palavra <i>adejante</i> (adejar + -ante), formada pelo acréscimo do sufixo “-ante” com ideia de “agente”, indica o poeta em seu trabalho incansável de busca pela perfeição, no caso de Manoel de Barros, o trabalho pela busca da palavra imaculada, aquela que ainda não foi contaminada pelo uso, que se encontra no seu estado original.	

Ficha 2	Unidade Lexical: andarejo. subst.
Base lexical provável: andar	
Sentido: aquele que anda muito, andarilho.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Pierrô é desfigura errante, / <u>andarejo</u> de arrebol.</i> (APA, p. 18)	
<p>Comentário: Na formação do adjetivo <i>andarejo</i> (andar + -ejo), Manoel de Barros substituiu o sufixo “-ilho” (andarilho = andar + -ilho) pelo sufixo “-ejo”, formador de diminutivos, muitas vezes, com sentido pejorativo, para indicar a desimportância, a pequenez de Pierrô, caracterizado anteriormente como “desfigura errante”. De acordo com o eu lírico, a personagens vive escondida, movimentando-se ao amanhecer ou anoitecer, buscando não ser vista.</p>	

Ficha 3	Unidade Lexical: anivelado. adj.
Base lexical provável: nível	
Sentido: aquele que se equipara a algo.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Estou <u>anivelado</u> com a copa das árvores.</i> (LI, p. 35)	
<p>Comentário: A palavra <i>anivelado</i> (a + nível + ado) aparece no primeiro poema da segunda parte, intitulada “Os deslimites da palavra” e, segundo o texto “Explicação Desnecessária” (LI, p. 33), compõe a desarrumação de frases de autoria do canoero Apuleio feita pelo poeta a partir de papéis encontrados na Biblioteca do Centro de Criadores da Nhecolândia, em Corumbá.</p> <p>O canoero se encontra deslizando sob as águas e se equipara à copa das árvores que, algumas vezes, permanece fora d’água durante a enchente, assim como ele está na superfície da água, em sua canoa. Homem e árvore se encontram equiparados, tronco e canoa estão parte submersos, parte emersos, homem e copa aparecem acima desse nível: o primeiro sobre a canoa, a segunda, sobre o tronco.</p> <p>O uso do prefixo <i>a-</i> também chamado como <i>a prostético</i>, utilizado na língua antiga,</p>	

aproxima o falar do canoneiro Apuleio do falar local do homem pantaneiro.

Ficha 4	Unidade Lexical: antesmente.adv.
Base lexical provável: antes	
Sentido: anteriormente, em tempo anterior.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Rabelais já havia afirmado <u>antesmente</u> que poesia é / uma virtude do inútil.</i> (EF, p. 35)	
Comentário: A palavra <i>antes</i> é um advérbio que significa “em tempo anterior” e mantém seu significado após o acréscimo do sufixo adverbial “-mente” (antes + -mente). A abonação apresenta uma definição para poesia atribuída a Rabelais (1495 – 1553), escritor, padre e médico francês do Renascimento, “nosso pensador”, segundo o eu lírico, que, ao ver o doido que andava pelas ruas de Paris vivendo entre a realidade de uma sociedade parisiense e a imaginação de poder apregoar pregos enferrujados, daria a Rabelais a ideia de alguém que é capaz de dar valor ao que é inútil.	

Ficha 5	Unidade Lexical: antiapocalíptico. adj.
Base lexical provável: apocalíptico	
Sentido: aquele que se mostra difícil de ser compreendido.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Ela me encontrara sadio, apolítico, <u>antiapocalíptico</u> / anticristão e talvez campeão de xadrez.</i> (P, p. 39)	
Comentário: O eu lírico caracteriza o modo como “ela” o encontra com uma sequência de quatro adjetivos que culmina em uma dúvida: “talvez campeão de xadrez” (P, 39). Ele começa pelo adjetivo <i>sadio</i> , que denota a ideia de que está consciente de seu comportamento e da forma como se apresenta, quando se mostra em oposição às regras sociais, o que pode ser inferido pelos adjetivos <i>apolítico</i> , <i>antipocalíptico</i> (anti- +	

apocalíptico), *anticristão*, aos quais o prefixo “anti-” acrescenta a ideia de negação, oposição.

Ficha 6	Unidade Lexical: anti-salmo. subst.
Base lexical provável: salmo	
Sentido: resposta a um salmo.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Anti-salmo por um desherói</i> (GEC, p. 17)	
<p>Comentário: O termo <i>anti-salmo</i> (anti- + salmo) compõe o título do poema de número 5, no qual o eu lírico apresenta um homem simples, que não realizou atos heroicos nem tem a admiração da sociedade, mas que vive em comunhão com a natureza. O prefixo “anti-” acrescenta a ideia de oposição ao termo “salmo”.</p> <p>O dicionário A. registra o termo “anti-sátira” como “sátira feita em réplica de outra”, o que nos permite pensar em um salmo feito em réplica a outro salmo, não a um herói, mas a um “desherói”.</p>	

Ficha 7	Unidade Lexical: anuroso. adj.
Base lexical provável: anuro	
Sentido: semelhanto aos anuros.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>O homem de lata/é resto anuroso/ de pessoa.</i> (GEC, p. 25)	
<p>Comentário: Na descrição do homem de lata (GEC, p. 21,22,23,24,25), Manoel de Barros o integra ao reino vegetal (“O homem de lata/arboriza por dois buracos/no rosto”), ao reino mineral (“O homem de lata/ empedra em si mesmo/ o caramujo”) e ao reino animal (“O homem de lata/ é resto anuroso/ de pessoa”); ele permanece um homem, mas nele estão incorporados seres dos reinos animal, vegetal e mineral. A escolha do substantivo anuro para criação do neologismo “anuroso” retifica a preferência do poeta pelos seres do chão,</p>	

como os sapos.

A ausência da cauda se justifica por ser um homem e, nos anuros adultos, esta já está ausente. O adjetivo “anuroso” é formado pelo acréscimo do sufixo “-oso” à base “anuro”.

Ficha 8	Unidade Lexical: avino. adj.
Base lexical provável: ave	
Sentido: que se assemelha a uma ave.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Em cima das casas um menino <u>avino</u> as / sobia de sol!</i> (GEC, p. 38)	
<p>Comentário: Os versos “Em cima das casas um menino avino as/ sobia de sol!” pertencem ao poema “A máquina de chilrear e seu uso doméstico”, do livro <i>Gramática expositiva do chão</i> (1969), numa alusão a um quadro de Paul Klee (1879-1940), pintor e poeta francês, no qual podem ser vistos pássaros que parecem cantar sobre uma máquina acionada por uma manivela.</p> <p>Assim como os pássaros estão sobre a manivela, o menino <i>avino</i> (ave + -ino) está sobre as casas pelas quais passa. O sufixo “-ino” acrescenta a ideia de relação ao termo “ave”.</p>	

Ficha 9	Unidade Lexical: bestamento. subst.
Base lexical provável: bestar	
Sentido: insignificância, besteira.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>No ermo o silêncio encorpa-se. / A noite me diminui. / Agora biguás prediletam bagres. / Confesso meus <u>bestamentos</u>. / Tenho vanglória de niquices.</i> (LI, p. 53)	
<p>Comentário: Na formação do termo <i>bestamento</i> (bestar + -mento), Manoel de Barros substituiu o sufixo “-eira” (besteira) ou o sufixo “-agem” (formador do regionalismo <i>bestagem</i>) pelo sufixo “-mento”. De acordo com Martins (2011), este sufixo pode indicar um tom pejorativo, jocoso, pitoresco, um tom de recriminação. Associado aos termos</p>	

“niquices”, “silêncio” e “noite”, verificamos a insignificância dos bestamentos que são confessados. O sufixo “-mento” apresenta a ideia de coleção ao neologismo.

Ficha 10	Unidade Lexical: bestego. subst.
Base lexical provável: besta	
Sentido: insignificante; insignificância.	
Ocorrências: 2	
<p>Abonação: <i>Antes diria que usam de uma transubstanciação: paredes/ emprestam seu musgo aos caramujos-flores/ e os caramujos-flores às paredes sua gosma / Assim desabrocham como os <u>bestegos</u> (APA, p. 53) * Usava um Dicionário de Ordinário/ com 11 palavras de joelhos/ inclusive <u>bestego</u>. (APA, p. 57)</i></p>	
<p>Comentário: Na primeira abonação, temos a relação dos caramujos-flores com as paredes sujas, na qual o primeiro empresta sua gosma às paredes e estas, seus musgos aos caramujos-flores, que assim desabrocham como os <i>bestegos</i> (besta + -ego), os seres simples da natureza, moradores dos escombros, das paredes sujas, insignificantes.</p> <p>Na segunda abonação, o contexto não nos permite inferir o sentido da palavra <i>bestego</i> (besta + -ego), uma vez que ela aparece como sendo uma das 11 palavras de um Dicionário de Ordinário. Por analogia, podemos considerar a formação da palavra <i>burrego</i> (burro + -ego) e inferir o sentido como sem importância, insignificante, pois aparece associada a termos como “esterco”, “bêbado”, “sarjeta”, “podre”, “fome” e, novamente, a palavra “ordinário”, agora com letra minúscula, o que denota sua desimportância enquanto sujeito, frente ao <i>Dicionário de Ordinário</i>, com letra maiúscula.</p>	

Ficha 11	Unidade Lexical: brejar. v.
Base lexical provável: brejo	
Sentido: transformar-se em um brejo.	
Ocorrências: 1	
<p>Abonação: <i>Nossa maçã é que come Eva / Estrela que tem firmamento / Mas se estrela</i></p>	

fosse brejo, eu brejava. (APA, p. 29)

Comentário: O poeta parte de uma certeza expressa pelo uso do presente do indicativo do ver *ter*: “*Estrela é que tem firmamento*”, ou seja, ela está fixa, presa, firme em sua forma; o poeta não, se houvesse a possibilidade de a estrela se soltar e transformar-se em um brejo, ele também se transformaria e seria integrado à natureza do brejo, ou seja, ele *brejava* (do verbo brejar = brejo + -ar).

Ficha 12	Unidade Lexical: brenhento. adj.
Base lexical provável: brenha	
Sentido: que não se pode entender, confusa.	
Ocorrências: 2	
<p>Abonação: <i>Dos viventes da Draga era um o meu amigo Mário-pega- / sapo. / Se arrastava de noite pela beira das casas como um / caranguejo trôpego. / A procura de velórios. / Gostava de velórios. / Os bolsos de seu grande casado andavam estufados de / gias. / Ele esfregava no rosto as suas barriguinhas frias. / Geléia de sapos! / Só as crianças e as putas do jardim entendiam a sua fala de furnas brenhentas.</i> (PCSP, p. 58-59) * <i>A fala de furnas brenhentas de Mário-Pega-sapo era nua.</i> (MP, p. 20)</p>	
<p>Comentário: As duas ocorrências da palavra <i>brenhenta</i> (brenha + -enta) caracterizam a fala de furnas de Mario-pega-sapo. O sufixo “-ento” acrescenta a ideia de semelhança ao termo “brenha”.</p> <p>O adjetivo “brenhentas” se refere ao substantivo “furnas”, que indica “caverna, lugar de difícil acesso”. Como apenas as crianças e as putas do jardim, locução adjetiva que qualifica as putas, mas retoma o termo criança, em referência ao Jardim da Infância, frequentado por ela, podemos entender que a fala de Mário-pega-sapo, apesar de confusa, era compreendida por pessoas simples como ele, que dispunham de tempo para escutá-lo: as crianças e as putas do jardim.</p> <p>Os dicionários A. (2004) e H. (2009) registram o termo <i>brenhoso</i> com a acepção “confuso”, “indecifrável”.</p>	

Ficha 13	Unidade Lexical: brivante adj.

Base lexical provável: brivia
Sentido: bíblico.
Ocorrências: 1
Abonação: <i>Esse nome [urna consolata] não tinha nenhuma ciência <u>brivante</u>. (LI, p. 87)</i>
<p>Comentário: O dicionário A.M.S. registra o termo “brivia” com uma única acepção: <i>bíblia</i>.</p> <p>Em seu poema de número 6, ao se referir a urna consolata, Manoel de Barros diz que esse nome não tinha nenhuma ciência <i>brivante</i> (brivia + -ante), mas que se pôs a causar incêndio a dois, o que nos reporta ao início da criação, quando ainda eram dois os seres humanos, Adão e Eva, responsáveis por povoar o mundo, de acordo com a tradição bíblica.</p>

Ficha 14	Unidade Lexical: bundura subst.
Base lexical provável: bundo	
Sentido: qualidade de bundo, deselegância.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>As mulheres tratavam-nos com uma <u>bundura</u> / extraordinária / Tudo se resolvia com cambalhotas. (MP, p. 46)</i>	
<p>Comentário: O dicionário A. registra o termo “bundo” com a acepção “Maneira incorreta de exprimir-se; linguagem estropiada”, o que nos leva a inferir que <i>bundura</i> (bundo + -ura) corresponde àquele que tem qualidade de bundo, ou seja, apresenta comportamento deselegante, grosseiro.</p> <p>A análise do contexto nos permite propor um sentido contrário ao termo “bundura”: como tudo se resolvia em cambalhotas, podemos inferir que o neologismo tem um sentido positivo, ou seja, os garotos eram tratados de forma educada.</p>	

Ficha 15	Unidade Lexical: caminhoso. adj.
Base lexical provável: caminho	

Sentido: que tem caminhos, ideias, imaginação.
Ocorrências: 1
Abonação: <i>Caminhoso em meu pântano, / dou num taquaral de pássaros</i> (APA, p. 15)
Comentário: Manoel de Barros substituiu o sufixo “-eiro” (caminheiro) ou o sufixo “-nte” (caminhante) pelo sufixo “-oso”. O sufixo “-oso” junto ao substantivo “caminho” indica um ser “provido de”, ou seja, que está cheio de caminhos. Esses caminhos são em seu próprio pântano, seu interior, lugar alagadiço e de difícil acesso, ideia abstraída pelo uso do pronome possessivo “meu” (pântano). Enquanto divaga, ele dá em um taquaral, lugar no qual deveria haver um aglomerado de taquaras, mas o taquaral do poeta está repleto de pássaros, realidade e imaginação se misturam, o mundo imaginário do eu lírico se sobressai à realidade.

Ficha 16	Unidade Lexical: cintilância. subst.
Base lexical provável: cintilar	
Sentido: que tem brilho.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Rabelais chegaria a imaginar assim: / Quem atinge o valor do que não presta é, no mínimo, / Um sábio ou um poeta. / É no mínimo alguém que sabia dar <u>cintilância</u> aos / seres apagados. / Ou alguém que possa frequentar o futuro das palavras.</i> (EF, p. 35)	
Comentário: Na formação do termo <i>cintilância</i> (cintilar + -ância), Manoel de Barros substituiu sufixo “-ção” (cintilação = cintilar + ção) pelo sufixo “-ância”. Para Silva (2004), ao ignorar o bloqueio na criação de novas palavras por meio de uma troca de sufixos, Manoel de Barros causa um estranhamento no leitor e desperta sua atenção. De acordo com Martins (2011), este sufixo pode indicar um tom pejorativo, jocoso, pitoresco, um tom de recriminação. Aos seres apagados é dada “cintilância” como um reconhecimento menor que “cintilação”, indicado para os heróis, aqueles que tem o reconhecimento da sociedade por seus feitos. Para o poeta Manoel de Barros, os seres que não prestam, encontram-se à margem da sociedade, são esquecidos, “apagados”, sendo considerados sábios ou poetas aqueles que reconhecem seu valor. Sábios porque conseguem compreendê-los, e poeta porque conseguem frequentar o futuro das palavras, aquelas que ainda nem foram criadas.	

Ficha 17	Unidade Lexical: coisário. subst.
Base lexical provável: coisa	
Sentido: lugar onde se guardam coisas.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>O chão tem gula de meu olho por motivo que meu olho/ possui um <u>coisário</u> de nadeiras.</i> (LI, p. 101)	
Comentário: Nos versos da abonação, encontramos dois neologismos: <i>coisário</i> (coisa + ário) e <i>nadeiras</i> (nada + -eira). Observamos que as palavras se completam: um “coisário” para guardar “nadeiras”, ou seja, um lugar indefinido onde estão guardados seres também indefinidos. Tudo aquilo que não tem existência própria e reconhecida cabe em um “coisário”, o uso do sufixo -ário acrescenta a ideia de <i>lugar onde se guardam diferentes objetos</i> . Para o eu lírico, o chão tem um desejo ardente por seu olho (no singular) por ele ser repleto de coisas insignificantes, consideradas como inexistentes, uma das características do próprio chão, que também é repleto de objetos e seres sem valor para a sociedade.	

Ficha 18	Unidade Lexical: comparamento. subst.
Base lexical provável: comparar	
Sentido: comparação.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Comparamento</i> (EF, p. 21)	
Comentário: Na formação do termo <i>comparamento</i> (comparar + -mento), Manoel de Barros substituiu o sufixo “-ção” (comparar + ção) pelo sufixo “-mento”. Para Silva (2004), ao ignorar o bloqueio na criação de novas palavras por meio de uma troca de sufixos, Manoel de Barros causa um estranhamento no leitor e desperta sua atenção. De acordo com Martins (2011), este sufixo pode indicar um tom pejorativo, jocoso, pitoresco, um tom de recriminação. O neologismo “comparamento” é título de um poema no qual o eu lírico compara os trombolhos (palavra utilizada pelo próprio poeta) aos	

sentimentos que as palavras recebem na formação de um poema.

Ficha 19	Unidade Lexical: conversamento. subst.
Base lexical provável: conversar	
Sentido: ato ou efeito de conversar, conversação.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Sombra-Boa ainda ouve nestes lugares <u>conversamentos</u> de gaivotas.</i> (LI, p. 83)	
<p>Comentário: Na formação do termo <i>conversamento</i> (conversar + -mento), Manoel de Barros substituiu sufixo “-ção” (conversar + ção) pelo sufixo “-mento”. Para Silva (2004), ao ignorar o bloqueio na criação de novas palavras por meio de uma troca de sufixos, Manoel de Barros causa um estranhamento no leitor e desperta sua atenção.</p> <p>De acordo com Martins (2011), este sufixo pode indicar um tom pejorativo, jocoso, pitoresco, um tom de recriminação. Como são gaivotas conversando que <i>Sombra-Boa</i> ouve, o resultado da ação de conversar torna-se, para os homens, desimportante, insignificante diante das preocupações do mundo.</p>	

Ficha 20	Unidade Lexical: desagero. subst.
Base lexical provável – agerasia	
Sentido: sem gosto pelas coisas do passado, saudosismo.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Falo sem <u>desagero</u>. / Desculpe a delicadeza. / Meu olho tem aguamentos</i> (LI, p. 39)	
<p>Comentário: A palavra <i>desagero</i> (des- + agerasia) aparece no terceiro poema da segunda parte, intitulada “Os deslimites da palavra” e, segundo o texto “Explicação Desnecessária” (LI, 33), compõem a desarrumação de frases de autoria do canoeiro Apuleio feitas pelo poeta a partir de papéis encontrados na Biblioteca do Centro de Criadores da Nhecolândia, em Corumbá.</p>	

O canoeiro conversa com alguém a quem chama *meu amo* e narra sua chegada ao local onde se encontra, como tendo acontecido há muito tempo, porém diz falar sem “desagero”. Se considerarmos como sendo “agerasia” a base lexical da neologia “desagero”, podemos apreender o sentido como sendo de alguém, que mesmo na velhice, encontra-se vigoroso e fala sem exagero de seu tempo.

Ficha 21	Unidade Lexical: descomeço. subst.
Base lexical provável: começo	
Sentido: Tempo anterior ao início, ao princípio.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>No <u>descomeço</u> era o verbo.</i> (LI, p. 17)	
<p>Comentário: A palavra <i>descomeço</i> (des- + começo) aparece no primeiro verso do sétimo poema da primeira parte do livro <i>O livro das ignoranças</i>, intitulada “Didática da invenção”, composta por vinte e um poemas apenas numerados, a partir do verso “<i>No descomeço era o verbo.</i>”</p> <p>Manoel de Barros utiliza o termo “descomeço” para nomear um período anterior ao princípio de tudo. Para Landeira, a formação do neologismo “descomeço” apresenta dois sentidos: negação em relação à palavra começo e reforço, quando o começo é confirmado e fortalecido e o verbo ganha uma dimensão humana e objetiva” (LANDEIRA, 2009, p. 102).</p>	

Ficha 22	Unidade Lexical: descomportamento. subst.
Base lexical provável: comportamento	
Sentido: alterar o comportamento	
Ocorrências: 3	
<p>Abonação: <i>Não havendo nenhum <u>descomportamento</u> nisso/ senão que alguma experiência linguística. / É apenas um <u>descomportamento</u> semântico. / Mas isso é apenas um <u>descomportamento</u> linguístico que / não ofende a natureza dos passarinhos nem das grotas.</i> (EF, p. 61-62)</p>	

Comentário: Manoel de Barros utiliza três vezes o neologismo *descomportamento* (des- + comportamento) em um mesmo poema, cujo título é “Comportamento” (EF, 65,66), com três acepções diferentes: 1. Ao inventar comportamento para as coisas, o poeta estaria fazendo experiência linguística, o que não significa um “descomportamento” para alguém que escreve poesia. 2. Ao perceber que, às vezes, muda de comportamento humano para comportamento animal, comportamento vegetal ou comportamento mineral, o poeta utiliza o mesmo adjetivo “desvirtuado” seguido de três preposições diferentes: “*Noto que às vezes sou desvirtuado a pássaros, que / sou desvirtuado em árvores, que sou desvirtuado / para pedras.*” (EF, 65), sendo que as três preposições dão ideia de conformidade e, segundo o poeta, isso é apenas uma alteração semântica. 3. O poeta afirma que mudar o sentido de uma palavra para lhe dar nova finalidade ou ação a ser praticada está apenas fazendo uma alteração linguística que não muda a essência dos seres (passarinho) nem das coisas (grota).

Ficha 23	Unidade Lexical: desconstrução. subst.
Base lexical provável: construção	
Sentido: ato de desfazer algo.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Um monge descabelado me disse no caminho: Eu que- / ria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é / uma desconstrução.</i> (EF, p. 31)	
Comentário: O título do poema no qual aparece o termo <i>desconstrução</i> (des- + construção) é “Ruína”, campo semântico que se completa com as palavras “tapera”, “abrigar”, “abandono”, “ponte”, “beco”, ‘cubículo’, ‘canto’, “vazia”, “monturo”. No texto, um monge descabelado queria construir uma ruína, mesmo sabendo que é uma “desconstrução”, para abrigar o abandono ou mesmo uma palavra vazia de gente como AMOR, que está quase vazia. Para o monge, a “desconstrução” seria possibilidade de reconstruir um sentimento que está se perdendo e que poderia renascer.	

Ficha 24	Unidade Lexical: desfigura. subst.
Base lexical provável: figura	

Sentido: ser inexistente.
Ocorrências: 1
Abonação: <i>Pierrô é <u>desfigura</u> errante, / andarejo de arrebol</i> (APA, p. 18).
Comentário: O poema de número IV, dedicado a um <i>Pierrô de Picasso</i> , inicia-se com a caracterização de Pierro como “desfigura errante”, dois termos que se complementam e se reforçam; o acréscimo do prefixo “des-” ao substantivo “figura” (des- + figura) reforça o sentido da palavra e a pouca importância de Pierrô, o adjetivo “errante” indica seu caminhar sem rumo, que não é percebido por ninguém, aparecendo sempre nos arrebóis, quando a pouca luminosidade faz com que sua imagem figure entre a realidade e a fantasia.

Ficha 25	Unidade Lexical: desinventar. v.
Base lexical provável: inventar	
Sentido: Atribuir novas utilidades a um objeto	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Desinventar</i> objetos. <i>O pente, por exemplo. / Dar ao pente funções de não pentear.</i> (LI, p. 13)	
Comentário: De acordo com o poeta, <i>desinventar</i> (des- + inventar) corresponderia a deixar o objeto em seu estado mais puro, sem função específica a fim de que ele possa assumir outras formas como pertencer ao reino vegetal, por exemplo (“ser uma begônia”).	

Ficha 26	Unidade Lexical: desherói. subst.
Base lexical provável: herói	
Sentido: pessoa comum, que não realizou feitos heroicos.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Anti-salmo por um desherói</i> (GEC, p. 17)	

Comentário: O acréscimo do prefixo “des-” ao substantivo “herói” (des- + herói) indica uma negação ao sentido expresso pela palavra herói, visto como “indivíduo que desperta enorme admiração; ídolo”, de acordo com o dicionário H. Já o termo “desherói” nomeia o ser que não praticou nenhum ato heroico, que vive com simplicidade, sem o reconhecimento da sociedade por seus feitos. Ele existe, mas não é visto, suas ações não interferem no fluxo da vida cidadina.

Ficha 27	Unidade Lexical: deslimite. subst.
Base lexical provável: limite	
Sentido: ausência de limites.	
Ocorrências: 1	
Abonação: “ <i>Os deslimites da palavra</i> ” (LI, p. 33)	
<p>Comentário: A abonação representa o título da segunda parte de <i>O livro das ignoranças</i> (1993) e do primeiro poema que aparece logo após “Explicação desnecessária” (LI, 33), na qual o poeta afirma ter encontrado um caderno com cerca de 200 frases soltas que ele desarrumou. O acréscimo do prefixo “des-” ao substantivo “limites” (des- + limite) indica a amplitude do limite, aquilo que abrange o real e o imaginário, o poder da palavra, através da qual tudo é possível de existir. Para Camargo (1996), ao utilizar termos como “deslimite”, o poeta reinventa a linguagem perdida a fim de reescrever o mundo.</p>	

Ficha 28	Unidade Lexical: desmedidamente. adv.
Base lexical provável: desmedida	
Sentido: de modo desmedido, exageradamente	
Ocorrências: 1	
Abonação: “ <i>Mas o que existe em cada um de nós/ de desmedidamente sórdido, / felizmente as mulheres não percebem</i> ” (FI, p. 36)	
<p>Comentário: O neologismo <i>desmedidamente</i> (desmedida + -mente) amplia de forma</p>	

ilimitada o sentido do termo sórdido a que ele se remete. O eu lírico se refere aos sentimentos que cada um carrega dentro de si e ficam mascarados pela aparência externa. O adjetivo aparece em oposição ao termo higiênico (a), repetido duas vezes no poema, primeiro para caracterizar a tarde, depois para caracterizar o espaço. O tempo e o espaço estão livres da sujeira, sórdido é o que está dentro do homem, que as mulheres não percebem.

Ficha 29	Unidade lexical: desmusgo. subst.
Base lexical provável: musgo	
Sentido: ato de unir-se ao musgo.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Parece que / a lagarta grávida se investe nas funções de uma pedra seca / passando setembro / e / sentindo precisão de escuros para seu <u>desmusgo</u> / se encosta / em uma lapa úmida / e ali desova / ninguém sabe. / (GEC, p. 30)</i>	
Comentário: A abonação para a palavra <i>desmusgo</i> (des- + musgo) aparece como parte da nota de rodapé do poema sem título da parte III intitulada Páginas 13, 15 e 16 dos “29 escritos para conhecimento do chão através de S. Francisco de Assis (GEC, 27). A formação neológica retoma o tema abordado no poema: a reprodução. Ao relatar como acontece a desova da lagarta, o poeta apresenta uma possibilidade expressa por “parece que” e uma sequência de ações: a lagarta e a pedra se unem, ela precisa de escuro, encosta-se em um abrigo e ali desova. O termo “desmusgo” é semelhante à “desova”, acontece no momento em que a lagarta se encosta em um abrigo úmido, cheio de musgos, para se preparar para a postura dos ovos, por mimetismo, os ovos se assemelham ao musgo, logo, a lagarta “desmusga”.	

Ficha: 30	Unidade lexical: desnomear. v.
Base lexical provável: nomear	
Sentido: dar um novo nome	
Ocorrências: 1	

Abonação: *Gostava de desnomear: / Para falar barranco dizia: lugar onde avestruz / esbarra.* (LI, p. 81)

Comentário: A formação neológica *desnomear* (des + -nomear) aparece no poema de número 3 da 3ª parte intitulada Mundo Pequeno, de *O livro das ignorâncias* (1993), e se refere a uma ação de Felisdônio, homem que vive entre a realidade “peão de campo” e a imaginação “Desde o vilarejo em que nasceu podia alcançar o cheiro das árvores” (LI, p. 81). Felisdônio gostava de “desnomear”, para o eu lírico era um escorço de poeta, ou seja, ele via com os olhos da realidade e da imaginação, via o que havia para ser visto e nomeava de acordo com seus sentidos: barranco era lugar onde avestruz esbarra, rede era vasilha de dormir, letras eram desenhos de uma voz.

Ficha: 31	Unidade lexical: desobjeto. subst.
Base lexical provável: objeto	
Sentido: objeto que não utilidade	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Produzi desobjetos, 35, mas pode que onze.</i> (EF, p. 45)	
<p>Comentário: A formação neológica <i>desobjeto</i> (des + -objeto) aparece no poema “Auto-retrato” e apresenta o eu lírico enumerando suas ações, como morrer e escrever livros. Ele afirma que produziu 35 “desobjetos”, que podem ser 11 e cita “[...] um alicate cremoso, um abridor de amanhecer, uma fivela de prender silêncios, um prego que farfalha, um parafuso de veludo etc etc” (BARROS, 2000, p. 45) e logo depois confessa que noventa por cento do que escreve é invenção, só dez por cento é mentira, o que nos leva a inferir que seus “desobjetos” são utensílios (ou “inutensílios”?) que ele produz para o seu mundo imaginário, são objetos que precisam apenas ser, sem necessariamente ter uma utilidade.</p>	

Ficha: 32	Unidade lexical: desplanar. v.
Base lexical provável: planar	
Sentido: pousar.	

Ocorrência: 1
Abonação: <i>Urubus <u>desplanam</u> / e planam serenos...</i> (P, p. 63)
Comentário: Manoel de Barros acrescentou o prefixo “des-” à palavra “planam” (des- + planam) para indicar o movimento dos urubus sobre o cavalo morto na planície. Ora eles voam, ora pousam. O uso do presente do indicativo indica a continuidade da ação. Importante ressaltar que em meio à decomposição do animal, que está enorme e já se derrete, uma florzinha azul reponta e borboletas amarelam pousam, ambas em solidão. Uma característica do poeta: em meio ao fim, a vida renasce. Para Castro (1992), ao utilizar o termo “displanar”, o poeta resgatou palavras inusuais, mas ainda não retomou o processo neológico iniciado em seu primeiro livro, <i>Poemas concebidos sem pecado</i> .

Ficha 33	Unidade lexical: desverbado. adj.
Base lexical provável: verbo	
Sentido: 1.aquele que não utiliza a voz para se comunicar; 2.silencioso.	
Ocorrências: 2	
Abonação: <i>Bola Sete não botava movimento. / Era um sujeito <u>desverbado</u> que nem uma oração <u>desverbada</u>.</i> (EF, p. 33)	
Comentário: Na abonação, o termo <i>desverbado</i> (des- + verbado) aparece duas vezes, uma se referindo a Bola Sete e outra se referindo à oração. Ao se referir a Bola Sete, o acréscimo do prefixo “des-” (sentido de privação) à palavra “verbo” indica que ele não utilizava a fala para registrar suas ideias, fazia isso através das palavras escritas. Ao se referir à palavra oração, entendemos “desverbado” como silencioso, ou seja, Bola Sete era calado como uma oração silenciosa, aquela que é feita na solidão do próprio ser, que não precisa de palavras para ser dita, apenas sentida.	

Ficha 34	Unidade lexical: disiliminar. v.
Base lexical provável: eliminar	

Sentido: agarrar (a bola)
Ocorrências: 1
Abonação: <i>Uma negra chamou o filho e mandou comprar duzentos / de anil / -Vou ali e já volto já / Mário-Maria do lado de fora fica dando pontapés no vento / - <u>disilimina</u> esse, Cabeludinho! / plong plong bexiga boa / - Vou no mato passa um taligrama ... (PCSP, p. 52)</i>
Comentário: Na criação do neologismo <i>disilimina</i> (dis- + eliminar), Manoel de Barros acrescenta o prefixo “des-” ao verbo eliminar e substitui o <i>e</i> inicial pelo <i>i</i> , a fim de representar a forma de falar dos moradores da região de acordo com Castro (1992), como “taligrama”, que aparece na mesma abonação. Cabeludinho deve agarrar a bola fictícia que Mário-Maria finge chutar durante um jogo de bola que acontece no Porto de Dona Emília Futebol Clube. Para Castro (1992), ao utilizar o termo “disilimina”, o poeta aproveita o linguajar local por meio de termos ou expressões populares.

Ficha 35	Unidade lexical: disrremelar. v.
Base lexical provável: remelar	
Sentido: ação de tirar a remela dos olhos.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Sob o canto do bate-num-quara nasceu Cabeludinho / bem diferente de Iracema / desandando pouquíssima poesia / o que desculpa a insuficiência do canto / mas explica a sua vida / que juro ser o essencial // - Vai <u>disrremelar</u> esse olho, menino! / - Vai cortar esse cabelão, menino! Eram os gritos de Nhanhá. / (PCSP, p. 51)</i>	
Comentário: Na formação do neologismo <i>disrremelar</i> (dis- + remelar), Manoel de Barros acrescentou o prefixo “des-” ao verbo “remelar”, indicando ação contrária ao ato de remelar. Cabeludinho deve tirar a remela dos olhos. Percebemos no uso do neologismo “disrremelar” a representação do falar dos moradores da região em um momento familiar, uma vez que a frase “- Vai <u>disrremelar</u> esse olho, menino! ” (PCSP, p. 51) é dita por Nhanhá ao menino Cabeludinho. Para Castro (1992), ao utilizar o termo “disrremelar”, o poeta aproveita o linguajar local por meio de termos ou expressões populares.	

--	--

Ficha 36	Unidade lexical: empassarar. v.
Base lexical provável: pássaro	
Sentido: andar, ser visto andando.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Muitos anos o poeta se <u>empassarou</u> de escuros até ser atacado de árvores.</i> (GEC, p. 39)	
<p>Comentário: A abonação aparece no poema de número IV, intitulado “A máquina de chilrear e seu uso doméstico”, uma alusão ao quadro <i>Máquina de Chilrear</i>, de Paul Klee, datado de 1922, que apresenta um diálogo entre o poeta, que disse só querer trazer para o seu canto o que pode ser carregado como papel pelo vento, e seres da natureza, como a Lua, o Pássaro, o Córrego, o Mar, o Sol, a Estrela, entre outros, que expõem suas impressões sobre o poeta. O verso “<i>Muitos anos o poeta se <u>empassarou</u> de escuros até ser atacado de árvores.</i>” (GEC, 39) foi a segunda manifestação da Estrela (com ramificações de luar), que já havia dito “... e o silêncio escorava as casas!” (GEC, 38). Observamos o uso curioso do termo “ramificações” para se referir à Estrela, uma vez que ramificar significa de acordo com o dicionário H. “gerar ramos ou raízes ou subdividir-se em ramos ou raízes”.</p> <p>É possível inferir que a Estrela olhava o poeta do alto, à noite, quando o escuro domina a luminosidade do dia, e ele era visto como um andarilho noturno; sua visão não é confirmada pela visão do Córrego, para quem o dia todo o poeta ficava impregnado de árvores, para a Árvore, para quem até o chão se enraizava de seu corpo e do próprio poeta, para quem “Ele (o poeta) está contaminado de pássaros, de árvores, de rãs.” (GEC, p. 39).</p>	

Ficha 37	Unidade lexical: ensaruar. v.
Base lexical provável: saru	
Sentido: ato ou efeito de expulsar, de afastar	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>A imarcescível puta preta / que me arrastou na adolescência/ me <u>ensaruou</u> de sua concha.</i> (APA, 54)	
<p>Comentário: O poema “Imarcescível puta” (APA, p. 54) é composto por três versos: no primeiro temos a descrição da puta, “preta” e “imarcescível”; no segundo, uma lembrança</p>	

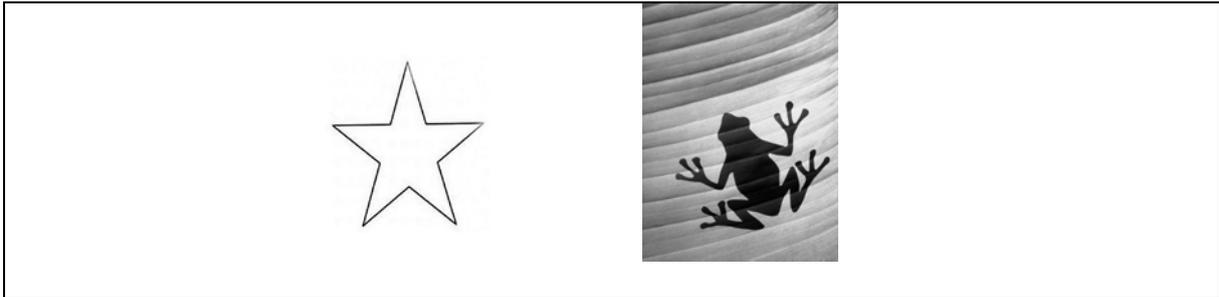
do eu lírico, e no terceiro, a presença do neologismo *ensaruou* (em- + saru + ar) associado ao termo concha, muito utilizado pelo poeta para se referir à vulva. Os dicionários A. e H. registram o termo saru como “ou coisa inutilizada ou perdida, por efeito maléfico” o que nos inferir em um afastamento entre o eu lírico e a preta pela passagem do tempo ou pela necessidade de distanciamento.

Ficha 38	Unidade lexical: entardecente. adj.
Base lexical provável: entardecer	
Sentido: que voa ao entardecer	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Mudando de passarinhos entardecentes.</i> (GEC, p. 40)	
<p>Comentário: Na criação da forma neológica <i>entardecentes</i> (entardecer + ente), Manoel de Barros substituiu o sufixo verbal “-ecer”, pelo sufixo -nte, transformando o verbo em um adjetivo. Para Silva (2004), ao ignorar o bloqueio na criação de novas palavras por meio de uma troca de sufixos, Manoel de Barros causa um estranhamento no leitor e desperta sua atenção.</p> <p>A abonação aparece no poema de número IV, intitulado “A máquina de chilrear e seu uso doméstico”, uma alusão ao quadro <i>Máquina de Chilrear</i>, de Paul Klee, datado de 1922, que apresenta um diálogo entre o poeta, que disse só querer trazer para o seu canto o que pode ser carregado como papel pelo vento, e seres da natureza, como a Lua, o Pássaro, o Córrego, o Mar, o Sol, a Estrela, entre outros, que expõem suas impressões sobre o poeta. A abonação se refere ao Córrego que apareceu “perdido de borboletas”, “apertado entre dois vagalumes”, “no alto de seus passarinhos” e “mudando de passarinhos entardecentes”, o que mostra a passagem do tempo, entre dia (borboleta) e noite (vagalumes), dia (passarinhos) e tarde (passarinhos entardecentes).</p>	

Ficha 39	Unidade lexical: entremência. subst.
Base lexical provável: entremear	
Sentido: espaço entre dois momentos	

Abonação: <i>Agora estou varado de <u>entremências</u>.</i> (LI, p. 25)
Ocorrências: 1
<p>Comentário: Na criação do termo neológico <i>entremências</i> (entremear + -ência), Manoel de Barros substituiu o sufixo verbal “-ar” pelo sufixo nominal “-ência” para formar um substantivo. Para Silva (2004), ao ignorar o bloqueio na criação de novas palavras por meio de uma troca de sufixos, Manoel de Barros causa um estranhamento no leitor e desperta sua atenção.</p> <p>O poema de número XVI, no qual se encontra a abonação, aparece na primeira parte de <i>O livro das ignoranças</i> (1993) intitulada “Uma didática da invenção”, composto por duas estrofes, apresenta, na primeira, um chamejamento de luxúria, referindo-se a um arrebatamento emocional, na qual ela (uma mulher ou a luxúria?) se deitará sobre o corpo do eu lírico em toda a espessura de sua boca. O eu lírico se sente atravessado de “entremências”, ele não é mais um ser completo, está dividido entre o chamejamento da luxúria e as incertezas “Sou pervertido pela castidade? Santificado pelas imundícias?” (LI, p. 25). Na segunda estrofe, apresenta uma conclusão composta por uma antítese: “Há certas frases que se <i>iluminam</i> pelo <i>opaco</i>.”, ou seja, a falta de luz iluminaria a frase, o que não está dito é o que deve ser entendido.</p>

Ficha 40	Unidade lexical: estrelamente. adv.
Base lexical provável: estrela	
Sentido: da forma de uma estrela	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>(Tem dia o sapo anda <u>estrelamente!</u>)</i> (APA, p. 24)	
<p>Comentário: Manoel de Barros criou o neologismo <i>estrelamente</i> (estrela + -mente) a partir do substantivo estrela, embora o sufixo adverbial “-mente”, na linguagem normal, seja comumente acrescentado a um adjetivo. De acordo com Martins (2011) “Na linguagem de intenção expressiva, o sufixo “-mente” é também acrescentado a um substantivo.” (MARTINS, 2011, p. 150) indicando a maneira como o fato acontece. Novamente realidade e imaginação se confundem, sabemos que estrelas não andam, mas são representadas com cinco pontas, assemelhando-se a um sapo, que possui a cabeça e quatro membros, sendo dois posteriores e dois anteriores, utilizados para saltar, assumindo a forma de uma estrela, analogia que pode ser verificada nas imagens abaixo.</p>	



Ficha 41	Unidade lexical: femear. v.
Provável base lexical: fêmea	
Sentido: acasalar	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Excitadas se <u>femeiam</u> por baixo dos/balseiros. E ali se aleluam.</i> (LI, p. 93)	
Comentário: A abonação é apresentada no poema de número VIII da primeira parte de <i>O livro das ignoranças</i> (1993), intitulada “Mundo pequeno”, e tem como tema as capivaras. De acordo com o eu lírico, são animais sensuais e pacíficos, que se esfregam nas árvores à tarde, antes do amor, amam-se sem necessidade de beijos, “femeiam-se” nas matas fechadas e se rejubilam.	

Ficha 42	Unidade lexical: gental. adj.
Provável base lexical: gente	
Sentido: relativo ou pertencente à gente.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Noto que às vezes sou desvirtuado a pássaros, que / sou desvirtuado em árvores, que sou desvirtuado para pedras. // mas que essa mudança de comportamento <u>gental</u> para animal vegetal ou pedral / É apenas um descomportamento semântico.</i> (EF, p. 65)	
Comentário: De acordo com o poema, o poeta é um ser completo, ora pertencente ao reino	

animal (pássaro), ora ao reino vegetal (árvore), ora ao reino mineral (pedras), e essa mudança de comportamento *gental* (gente + -al) está apenas no significado das palavras, todos fazem parte de um ser único, não há fronteiras entre os seres. De acordo com Martins (2011), “Na linguagem poética, o sufixo ‘-al’ é de largo emprego” (MARTINS, 2011, p. 149).

Ficha 43	Unidade lexical: insetal. adj.
Provável base lexical: inseto	
Sentido: relativo ou pertencente aos insetos.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Borboletas me convidaram a elas. / O privilégio <u>insetal</u> de ser uma borboleta me atraiu. / Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens / e das coisas.</i> (EF, p. 59)	
Comentário: De acordo com o eu-lírico, ter o privilégio <i>insetal</i> (inseto + -al) de ver o homem e as coisas pelos olhos de um inseto lhe deram a oportunidade de ver com os olhos da imaginação, um mundo livre aos poemas, nos quais árvores, tardes, águas e andorinhas exercem sua sabedoria com mais propriedade que os homens. Para Camargo (1999), ao utilizar termos como “insetal”, entre outros recursos, o poeta compõe o idioleto manelês archaico.	

Ficha 44	Unidade lexical: insetoso. adj.
Provável base lexical: inseto	
Sentido: cheio de inseto.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>É vezo de dizer-se então que capivara é um bicho / <u>insetoso</u>.</i> (LI, p. 93)	
Comentário: O sufixo “-oso” acrescentado ao substantivo <i>inseto</i> (inseto + -oso) indica um ser que está cheio de algo, no caso de insetos. Podemos considerar um recurso da língua que possibilita uma economia linguística pelo acréscimo de um sufixo.	

Ficha 45	Unidade lexical: inutensílio. subst.
Provável base lexical: utensílio	
Sentido: utensílios utilizados pelos poetas	
Ocorrências: 4	
<p>Abonação: <i>O poema é antes de tudo um <u>inutensílio</u>. (APA, 23) * Os bens do poeta: um fazedor de <u>inutensílios</u>, um travador/de amanhecer (APA, 26) * Sete <u>inutensílios</u> de Aniceto (APA, 44) * Estes <u>inutensílios</u> foram colhidos entre os Mitos Cadiuéus, narrados pelo Professor Darcy Ribeiro. (APA, p. 44)</i></p>	
<p>Comentário: No livro <i>Arranjos para assobio</i> (1982), Manoel de Barros utiliza quatro vezes o neologismo <i>inutensílio</i> (in- + utensílio). Na primeira abonação, temos o poema com um “inutensílio”, uma ferramenta na qual realidade e fantasia se misturam, pois é aconselhável que o poeta se dispa de sua trivialidade, que renasça, que tenha uma janela ou veia aberta por onde possam sair passar todas as suas potencialidades. Na segunda abonação, temos os bens do poeta, nos quais realidade e fantasia se misturam: um fazedor de “inutensílios”, que retoma a primeira abonação, na qual temos o próprio poeta em seu trabalho com as palavras, um travador de amanhecer, uma teologia do traste, entre outros bens, que são feitos para não serem utilizados. A terceira abonação aparece na enumeração “Sete inutensílios de Aniceto” e é apresentada pela quarta abonação, que está presente em uma nota de rodapé para explicar que os “inutensílios” foram colhidos entre os Mitos Cadiuéus.</p>	

Ficha 46	Unidade lexical: limboso. adj.
Provável base lexical: limbo	
Sentido: relativo a limbo.	
Ocorrências: 1	
<p>Abonação: <i><u>Limbo</u> é seu entardecer. (APA, p. 24)</i></p>	

Comentário: De acordo com Martins (2011), o sufixo “-oso” é um dos mais produtivos, quer com valor referencial, quer com valor expressivo. Na criação neológica *limboso* (limbo + -oso), Manoel de Barros substituiu o sufixo “-ico” pelo sufixo “-oso”, bastante expressivo para qualificar o entardecer do sapo, um momento que se mantém entre o real e o imaginário: o sapo é um ser que vive entre a terra e o céu.

Para Silva (2004), ao ignorar o bloqueio na criação de novas palavras por meio de uma troca de sufixos, Manoel de Barros causa um estranhamento no leitor e desperta sua atenção.

Ficha 47	Unidade lexical: luaçal. subst.
Provável base lexical: lua	
Sentido: multiplicação do reflexo da lua no brejo	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>rã de luaçal</i> (APA, p. 25)	
<p>Comentário: A abonação aparece no poema de número XI, que apresenta uma lista de “coisinhas” divididas em três partes separadas pelas palavras ACEITA-SE ENTULHO PARA O POEMA, em letras maiúsculas. Situadas entre o real e o imaginário, como “osso de borboleta” e “inseto globoso de agosto”, a lista de elementos inclui um moço que tinha seu lado principal caindo água e o outro lado mais pequeno tocando larvas! Nesse meio temos a <i>rã de luaçal</i> (lua + -al), no qual o termo neológico mostra a extensão da lua que se reflete no lago. Para Camargo (1996), ao utilizar termos como “luaçal”, o poeta reinventa a linguagem perdida a fim de reescrever o mundo</p>	

Ficha 48	Unidade lexical: morrimento. subst.
Provável base lexical: morrer	
Sentido: ato de morrer, morte intencional	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Estou deitado em compostura de águas. / Na posição de múmia me acomodo. /</i>	

Não uso morrimentos de teatro. (LI, p. 59)

Comentário: Na formação do termo *morrimento* (morrer + -mento), Manoel de Barros utilizou o sufixo “-mento” que, de acordo com Martins (2011), pode indicar um tom pejorativo, jocoso, pitoresco, um tom de recriminação. Além da palavra “morrimento”, o poeta utiliza “desfolhamentos” e “desmorrer”, indicando um fim que recomeça no jacinto que o enfeita, nas folhas que renascem, no desmorrer.

Para Silva (2004), ao ignorar o bloqueio na criação de novas palavras por meio de uma troca de sufixos, Manoel de Barros causa um estranhamento no leitor e desperta sua atenção.

Ficha 49	Unidade lexical: nadeira. subst.
Provável base lexical: nada	
Sentido: coisa nenhuma, silêncio.	
Ocorrências: 2	
Abonação: <i>Este ermo não tem nem cachorro de noite. / É tudo tão repleto de <u>nadeiras</u>.</i> (LI, 67) * <i>O chão tem gula de meu olho por motivo que meu olho/ possui um coisário de <u>nadeiras</u>.</i> (LI, p. 101)	
<p>Comentário: Na primeira abonação, o termo neológico “nadeiras” indica a ausência de vida, o antes e o depois se misturam, como as paisagens há mil anos, aromas de amanhã, coisas com efeito de antes, memórias enterradas.</p> <p>Nos versos da segunda abonação, encontramos dois neologismos: <i>nadeiras</i> (nada + -eira) e <i>coisário</i> (coisa + ário). Observamos que as palavras se completam: um “coisário” para guardar “nadeiras”, ou seja, um lugar indefinido onde estão guardados seres inanimados também indefinidos. Tudo aquilo que não tem um lugar definido cabe em um “coisário”. Para o poeta, o chão tem um desejo ardente por seu olho (no singular) por ele ser repleto de coisas insignificantes, consideradas como inexistentes, uma das características do próprio chão, que também é repleto de objetos e seres sem valor para a sociedade.</p>	

Ficha 50	Unidade lexical: nadeza. subst.
Provável base lexical: nada	

Sentido: coisa sem valor material
Ocorrências: 1
Abonação: <i>Sombra-Boa ainda fala de suas descobertas: / “Borboletas de franjas amarelas são fascinadas por / dejectos”. Foi sempre um ente abençoado a garças. / Nascera engrandecido de <u>nadezas</u>. (LI, p. 83)</i>
Comentário: O neologismo <i>nadezas</i> (nada + -eza) indica a integração de Sombra-Boa com a natureza. Ele não possui riquezas materiais, mas vive entre a realidade e a fantasia, entre rãs entardecidas e voz sem boca, fazendo poesia de suas descobertas.

Ficha 51	Unidade lexical: natência. subst.
Provável base lexical: nascer	
Sentido: origem, ato de nascer	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Ninguém que tenha natureza de pessoa pode esconder/ as suas <u>natências</u>. / Não fui fabricado de pé. (LI, p. 37)</i>	
Comentário: A neologia <i>natência</i> (nascer + -ência) indica o momento do nascimento, a origem do ser humano.	

Ficha 52	Unidade lexical: nobrementos. subst.
Provável base lexical: nobre	
Sentido: de origem nobre	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Não organizo rutilâncias/ Nem venho de <u>nobrementos</u>. (LI, p. 43)</i>	

Comentário: Na formação do termo *nobrementes* (nobre + -ente + -s), Manoel de Barros substituiu o sufixo “-eza” pelo sufixo “-ente”. Para Silva (2004), ao ignorar o bloqueio na criação de novas palavras por meio de uma troca de sufixos, Manoel de Barros causa um estranhamento no leitor e desperta sua atenção.

A utilização do neologismo foi feita, no poema, por Apuleio, canoeiro que ficou 3 dias e 3 noites por cima das águas. Esta personagem apresenta dons que não são próprios a pessoas comuns, como saber das iluminações do ovo e ser muito comum com pedras. Ele afirma que bandeiras não tremulam por ele, ele é sua própria bandeira e a negação do substantivo “nobrentemente” indica sua origem humilde, mas cheia de conhecimento de mundo.

Ficha 53	Unidade lexical: olhoso. adj.
Provável base lexical: olho	
Sentido: atento, vigiador	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Parou no ralo do bueiro, <u>olhoso</u>, como um boi que botaram no sangradouro dele</i> (APA, p. 17)	
Comentário: De acordo com Martins (2011), o sufixo “-oso” é um dos mais produtivos, quer com valor referencial, quer com valor expressivo. Na criação neológica de Manoel de Barros, atribuímos a <i>olhoso</i> (olho + -oso) um valor expressivo, uma vez que o besouro náfego está atento ao que lhe acontece, numa situação de perigo, como um boi que botaram no sangradouro.	

Ficha 54	Unidade lexical: paradeza.subst.
Provável base lexical: parada	
Sentido: desligamento, parada.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Natureza é uma força que inunda como/ os desertos. Que me enche de flores, calores insetos, e/ me entorpece até a <u>paradeza</u> total dos reatores.</i> (APA, p. 30)	

Comentário: Manoel de Barros cria o neologismo *paradeza* (parado + -eza) para se referir ao momento em que o eu-lírico morre para o mundo e nasce para a poesia. Ele deixa de reagir aos estímulos internos e passa a ser conduzido em seu trabalho por uma força maior (Paracleto).

Ficha 55	Unidade lexical: passarinhal. adj.
Base lexical provável: passarinho	
Sentido: Próprio dos pássaros, relativo a pássaro.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>ferrugem de sol nas crianças raízes/ de escória na boca do poeta beira de rio/ que é uma coisa muito <u>passarinhal!</u></i> (APA, p. 25)	
Comentário: O neologismo <i>passarinhal</i> (passarinho + -al) aparece no poema de número XI do livro <i>Arranjo para assobios</i> (1982) e qualifica a expressão “beira do rio”, local onde os pássaros ribeirinhos encontram seu habitat. Para Camargo (1996), ao utilizar termos como “passarinhal”, o poeta reinventa a linguagem perdida a fim de reescrever o mundo	

Ficha 56	Unidade lexical: pirizeiro. subst.
Provável base lexical: piri	
Sentido: árvore.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>O <u>pirizeiro</u> estava sempre carregado de passarinhos...</i> (PCSP, p. 63)	
Comentário: O termo neológico <i>pirizeiro</i> (piri + -eiro) indica uma árvore que deveria estar carregada de frutos, mas estava sempre carregada de passarinhos. O sufixo “-eiró” foi acrescentado à palavra-base (piri) que já indica uma árvore, seu sentido expressivo reforça o sentido da palavra. O dicionário H. registra o termo pirizal como “extenso aglomerado de piris em determinada área; junca”. Para Castro (1992), ao utilizar o termo “pirizeiro”, o poeta resgata o uso de termos do linguajar local.	

--

Ficha 57	Unidade lexical: pré-coisa. subst.
Base lexical provável: coisa	
Sentido: anterior às coisas, pertencente ao reino das imagens.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da / despalavra [...] Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo com as suas metáforas. / Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes, podem ser pré-musgos.</i> (EF, p. 23)	
Comentário: Manoel de Barros cria o neologismo <i>pré-coisas</i> (pré- + coisa) para nomear algo que ainda existe apenas na imaginação dos poetas, que permanece inominado, desconhecido, que é anterior ao que existe no tempo e no espaço, um mundo anterior ao “descomeço”, quando tudo ainda estava no seu estado mais puro, em formação, o mundo habitado por “pré-vermes”, e ornamentado por “pré-musgos”, os seres do reino “das coisas”, animal e vegetal em estado anterior à sua existência, no mundo da imaginação.	

Ficha 58	Unidade lexical: prediletar. v.
Base lexical provável: predileto	
Sentido: preferir, ter predileção.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Agora biguás <u>prediletam</u> bagres.</i> (LI, p. 53)	
Comentário: Manoel de Barros cria o neologismo <i>prediletam</i> (predileto + -ar) para indicar a mudança na ordem das coisas por ocasião da enchente que manteve o canoieiro Apuleio 3 dias e 3 noites sobre a superfície das águas. O canoieiro está só, os biguás, aves predominantemente diurnas, passaram a se alimentar de noite e a preferir os bagres, animais difíceis de serem localizados por viverem no fundo dos rios.	

Ficha 59	Unidade lexical: pré-musgo. subst.
Base lexical provável: musgo	
Sentido: período anterior ao aparecimento do reino vegetal	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da / despavbra [...] Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo com as suas metáforas. / Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes, podem ser <u>pré-musgos</u>.</i> (EF, p. 23)	
Comentário: Manoel de Barros cria o neologismo <i>pré-musgos</i> (pré-musgos) para nomear um período anterior à formação do reino vegetal, quando o mundo ainda estava no reino das imagens, um período anterior ao “descomeço”, um mundo puro, sem máculas, quando tudo ainda estava para ser formado, o mundo habitado por “pré-vermes”, e ornamentado por “pré-musgos”, os seres do reino “das coisas”, animal e vegetal em estado anterior à sua existência real, ainda no mundo da imaginação.	

Ficha 60	Unidade lexical: pré-verme.subst
Provável base lexical: verme	
Sentido: período anterior ao aparecimento dos vermes.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da / despavbra [...] Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo com as suas metáforas. / Que os poetas podem ser pré-coisas, <u>pré-vermes</u>, podem ser <u>pré-musgos</u>.</i> (EF, p. 23)	
Comentário: Manoel de Barros cria o neologismo <i>pré-vermes</i> (pré-verme) para nomear um período anterior à formação do reino animal, quando o mundo ainda estava no reino das imagens, um período anterior ao “descomeço”, um mundo puro, sem máculas, quando tudo ainda estava para ser formado, mundo habitado por “pré-vermes”, e ornamentado por “pré-musgos”, os seres do reino “das coisas”, animal e vegetal em estado anterior à sua existência real, ainda no mundo da imaginação.	

Ficha 61	Unidade lexical: riachoso. adj.
Provável base lexical: riacho	
Sentido: relativo a um riacho, que está próximo a um riacho e a ele se sente incorporado	
Ocorrências: 2	
Abonação: <i>Que um homem <u>riachoso</u> escutava os sapos / E o vento abria o lodo dos pássaros.</i> (MP, p. 21) * <i>voz/ pelada de peixe dia / de estar <u>riachoso</u></i> (APA, p. 49)	
<p>Comentário: De acordo com Martins (2011), o sufixo “-oso” é um dos mais produtivos, quer com valor referencial, quer com valor expressivo. Na criação neológica de Manoel de Barros, atribuímos a <i>riachoso</i> (riacho + -oso), na primeira abonação, um valor expressivo, uma vez que um homem “riachoso” indica alguém que, estando próximo a um riacho, incorpora-se a ele, não se diferencia dele, tornando-se um com ele, incapaz de assustar os sapos que ali coaxam.</p> <p>Na segunda abonação, o termo “riachoso” indica o momento de estar próximo a um riacho, integrado a ele.</p>	

Ficha 62	Unidade lexical: servimento. subst.
Provável base lexical: servir	
Sentido: prestar serviço.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Meu nome é Seo Adejunto – e dantes cabo-adjunto/por <u>servimentos</u> em quartéis.</i> (LI, p. 37)	
<p>Comentário: Na formação do termo <i>servimento</i> (servir + -mento), Manoel de Barros utilizou o sufixo “-mento” que, de acordo com Martins (2011), pode indicar um tom pejorativo, jocoso, pitoresco, um tom de recriminação. Sua utilização foi feita por Apuleio e aparece associada a outros termos como “sacramento”, “vulgo”, “dantes”, “natências”, num linguajar próximo ao falar de uma região.</p>	

Ficha 63	Unidade lexical: tarumeiro. subst.
Provável base lexical: tarumã	
Sentido: árvore	
Ocorrências: 1	
<p>Abonação: <i>Mariquinha-bezouro* desembarcou da lancha Iguatemi / num dia de aziago / Virou as costas para o rio, subiu a ladeira Cunha e Cruz, entrou na cidade xingando Deus e o mundo. / Até rolar pela barranqueira / E desaparecer. / Foi parar nos fundos de um precipício. / Lá onde branquejam os ossos do Sargento Aquino fu- / zilado na revolta de 1917/ Debaixo de um <u>tarumeiro</u>. (PCSP, p. 60-61)</i></p>	
<p>Comentário: A palavra tarumã, da qual deriva a palavra <i>tarumeiro</i> (tarumã + -eiro), está registrada no dicionário A. como “árvore da família das verbenáceas”. O sufixo “-eiró” acrescenta à palavra-base o sentido de “árvore frutífera ou árvore ornamental”, denotando um valor expressivo na formação do neologismo por Manoel de Barros, uma vez que a palavra-base, tarumã, já indica uma árvore.</p>	

Ficha 64	Unidade lexical: umidez. subst.
Provável base lexical: úmido	
Sentido: que tem umidade.	
Ocorrências: 1	
<p>Abonação: <i>Quero haver a <u>umidez</u> de uma fala de rã. (LI, p. 65)</i></p>	
<p>Comentário: Na formação do neologismo <i>umidez</i> (úmido + -ez), Manoel de Barros substituiu o sufixo “-dade” pelo sufixo “-ez”. A frase é atribuída ao canoero Apuleio, que ficou 3 dias e 3 noites, em uma enchente, sobre as águas. Sua fala denota a imaginação se misturando à realidade, o terceiro dia está entardecendo, o poeta tem muito a dizer, ele deseja a “umidez” de uma fala de rã e enxergar as coisas sem feito.</p> <p>De acordo com Cunha (1997), o sufixo “-ez” aparece em substantivos de cunho popular e/ou semierudito, com a noção de “qualidade”, “propriedade”.</p>	

Ficha 65	Unidade lexical: vegetalmente. adv.
Provável base lexical: vegetal	
Sentido: como uma planta, como um vegetal.	
Ocorrências: 1	
Abonação: <i>Eu precisava ficar pregado nas coisas <u>vegetalmente</u> e / achar o que não procurava.</i> (LI, p. 103)	
Comentário: Manoel de Barros criou o neologismo <i>vegetalmente</i> (vegetal + -mente) a partir do substantivo vegetal, sendo que o prefixo adverbial “-mente”, na linguagem normal, é comumente acrescentado a um adjetivo. De acordo com Martins: “Na linguagem de intenção expressiva, o sufixo “-mente” é também acrescentado a um substantivo. ” (MARTINS, 2011, p. 150) indicando a maneira como o fato acontece. O eu lírico, que viveu entre lugares decadentes, afirma que precisava ficar pregado nas coisas “vegetalmente”. Ficar pregado lhe dava a oportunidade de ver cuidadosamente o entorno, achar o que não procurava, enxergar o que não pode ser visto, como cigarras manterem o outono, começar a integrar-se à natureza, podendo ser encontrado no lodo, nos lagartos, nas pedras.	

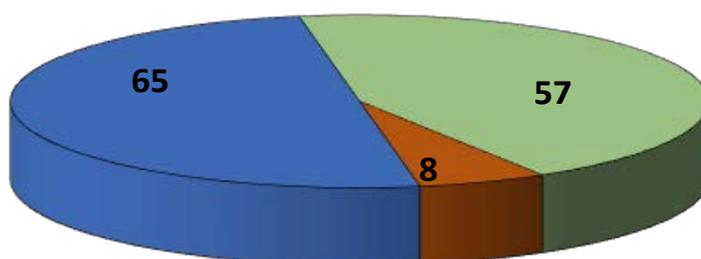
3.2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS NEOLOGISMOS

A leitura dos oito títulos do poeta Manoel de Barros, de acordo com o *corpus* selecionado para estudo, a saber: *Poemas concebidos sem pecado* (1937), *Face imóvel* (1942), *Poesias* (1956), *Gramática expositiva do chão* (1969), *Matéria de poesia* (1974), *Arranjos para assobio* (1982), *O livro das ignoranças* (1993) e *Ensaio Fotográficos* (2000), possibilitou-nos encontrar 65 neologismos formados pelo processo de derivação pelo acréscimo de afixos. Desses, 57 termos neológicos apresentaram uma ocorrência e 8 apresentaram duas ou mais ocorrências.

Dos 9 neologismos com mais de uma ocorrência, apenas “brenhento” aparece em livros diferentes (PCSP e MP), “adejante” (APA), “bestego” (APA), “descomportamento”

(EF), “desverbado” (EF), “inutensílio” (APA) e “nadeira” (LI) se repetem no mesmo livro, como se o poeta, ao criar seus neologismos, utilizasse a repetição para reforçá-los.

GRÁFICO 1 – Frequência de ocorrências dos neologismos encontrados no *corpus*



- Neologismos encontrados
- Neologismos com 1 ocorrência
- Neologismos com 2 ou mais ocorrências

Dos 65 neologismos criados por Manoel de Barros no *corpus* analisado, observamos que 21 foram formados pelo acréscimo de um prefixo, 41 foram formados pelo acréscimo de um sufixo e 3 foram formados pelo acréscimo de um prefixo e um sufixo ao mesmo tempo.

Para apresentar esta divisão, consideramos, como diz Basílio (1987), que na formação de uma palavra, há diferentes níveis de derivação:

Por exemplo, palavras como *insensatez* e *reconsideração* não são de derivação parassintética, mas formadas em dois diferentes níveis de derivação, um com sufixo e outro com prefixo. (BASÍLIO, 1987, p. 44)

Assim sendo, palavras como “*antiapocalíptico*” (anti- + apocalíptico), “*descomportamento*” (des- + comportamento) e “*desconstrução*” (des- + construção) foram relacionadas como palavras formadas pelo acréscimo de um prefixo, uma vez que as palavras “*apocalíptico*”, “*comportamento*” e “*construção*” constam no *corpus* de exclusão.

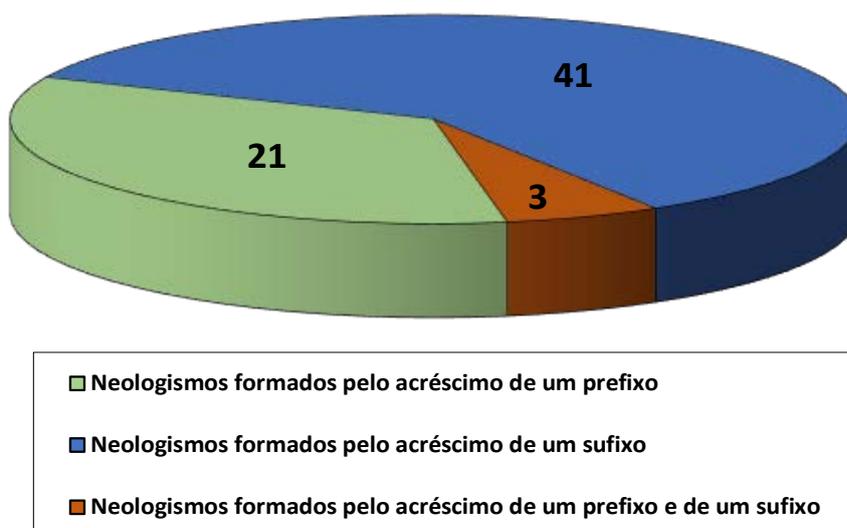
As palavras “*entardecentes*” (entardecer + -nte) e “*entremência*” (entremeio + -ência) foram relacionadas como palavras formadas pelo acréscimo de um sufixo, visto que as palavras “*entardecer*” e “*entremeio*” constam no *corpus* de exclusão.

As palavras “desverbado” (des- + verbo + -ado), “empassarar” (em- + pássaro + -ar) e “ensaruar” (em- + saru + -ar) foram relacionadas como palavras formadas pelo acréscimo de um prefixo e um sufixo ao mesmo tempo, porquanto a palavra-base aparece no *corpus* de exclusão antes do acréscimo dos afixos.

De acordo com Martins (2011), a derivação sufixal é um processo de grande vitalidade, tanto pelo número de sufixos, quanto pelo número de conotações que as combinações oferecem. Em seu trabalho de manipulação da linguagem, Manoel de Barros tanto forma palavras com o acréscimo de um sufixo, como em “insetal” e “insetoso”, como ignora o bloqueio que uma palavra já dicionarizada oferece para criar uma nova, como em “morrimento”, o que além de enriquecer o léxico da língua, surpreende o leitor e chama sua atenção para uma nova possibilidade. Segundo Camargo (1996), a consciência criadora de Manoel de Barros está sempre investigando as possibilidades de criação que a língua oferece.

Para Landeira (2000), o uso da derivação confere ao poeta um estilo único, além de revitalizar o acervo lexical do português, como podemos observar nos dois neologismos formados a partir do termo “nada”, “nadeiras” e “nadezas”, indicando, respectivamente coisa nenhuma e coisa sem valor material.

GRÁFICO 2 – Frequência de ocorrência de prefixos e sufixos na criação dos neologismos analisados



A reincidência do prefixo “des-”, vista por Camargo (1996) como uma forma de recuperar a linguagem perdida ou de reinventá-la a fim de reescrever o mundo; fica evidente quando analisamos o número de neologismos formados pelo processo de derivação prefixal e derivação parassintética. Dos 25 termos neológicos formados pelo acréscimo de um prefixo, 15 receberam o prefixo “des-” ou o seu alomorfe “dis-”. Dos 8 neologismos que possuem mais de uma abonação, dois são iniciados pelo prefixo “des-” (“descomportamento”, 3 ocorrências e “desverbado”, 2 ocorrências).

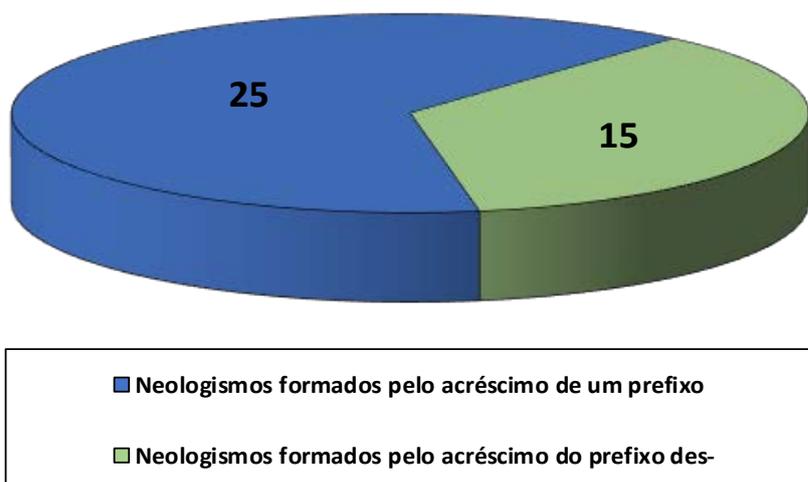
Para Silva (1998), Martins e Marinho (2002), Azevedo (2007), Cruz (2009) e Landeira (2009), entre outros estudiosos elencados na fortuna crítica, o prefixo “des-” é utilizado principalmente com função negativa ou com função de inverter a ação expressa pela palavra base.

Silva (2004) observa que, nostálgico, o poeta utiliza o prefixo “des-” para criar o seu próprio mundo, o mundo dos “desobjetos”.

Ao analisarmos os 15 neologismos formados pelo acréscimo do prefixo “des-” observamos a função de inverter a ação em “descomportamento”, a função negativa em “desherói” ou “desfigura” e a função de intensificar a ação como em “desmedidamente”.

Esses dados podem ser verificados no gráfico que segue.

GRÁFICO 3 – Frequência de ocorrências do prefixo “des-” na criação de neologismos

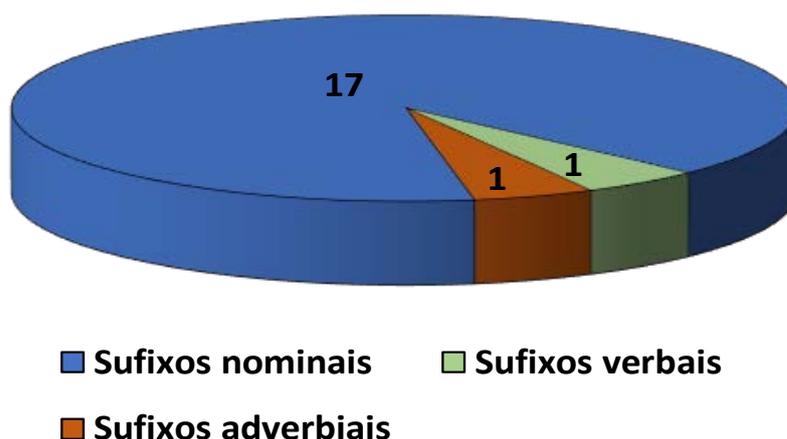


Manoel de Barros utilizou 19 sufixos diferentes, sendo 17 nominais, 1 verbal e 1 adverbial para formar novas palavras. Normalmente o sufixo adverbial “-mente” origina advérbios a partir de adjetivos, no *corpus* analisado, o poeta utilizou o sufixo “-mente” para formar três advérbios a partir de substantivos, como “desmedidamente” (desmedida + -mente), “estrelamente” (estrela + -mente) e “vegetalmente” (vegetal + -mente) e um advérbio a partir de outro advérbio “antesmente” (antes + -mente), sendo que o acréscimo do sufixo “-mente” não alterou o sentido do advérbio “antes”.

A reincidência do sufixo “-oso” é menos expressiva de que a do prefixo “des-”. Dos 44 neologismos formados pelo acréscimo de um sufixo, ou prefixo e sufixo ao mesmo tempo, 6 receberam o sufixo “-oso”, formador dos adjetivos “anuroso”, “caminhoso”, “insetoso”, “limboso”, “olhoso” e “riachoso”.

No campo 6 de cada ficha, intitulado Comentários, acrescentamos observações quanto à formação do neologismo e o sentido atribuído à nova palavra dentro do contexto.

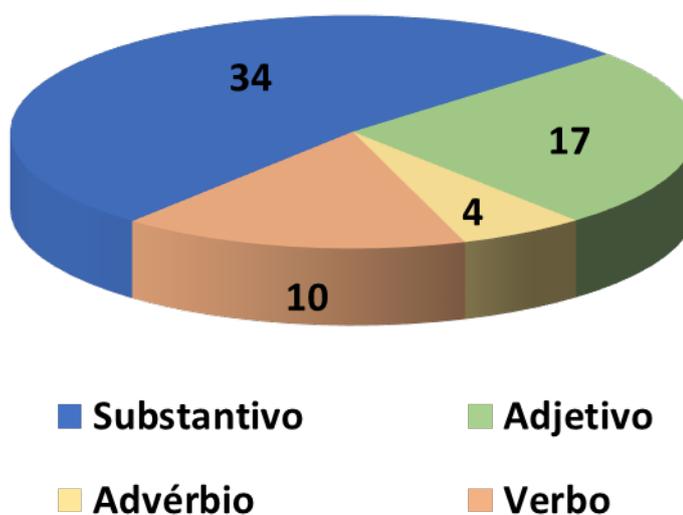
GRÁFICO 4 – Frequência de ocorrências de sufixos nominais, verbais e adverbiais na criação dos neologismos analisados



A análise dos neologismos criados por Manoel de Barros mostra que ele é um “poeta das coisas”, pois dos 65 neologismos utilizados, 34 são substantivos, 4 são advérbios, sendo

que 3 são formados a partir de substantivos; 10 são verbos, sendo que 5 são formados a partir de substantivos, 17 são adjetivos, sendo 14 são formados a partir de substantivos.

GRÁFICO 5 – Frequência de ocorrência de substantivos, adjetivos, advérbios e verbos



Os 34 substantivos criados por Manoel de Barros indicam, entre outras coisas, seres de importância desconsiderada pela sociedade, nomeados como *andarejo*, *desfigura* e *desherói*; coisas sem importância, como *bestamento*, *bestego*, *coisário*, *desconstrução*, *inutensílio*, *nadeira*, *nadeza* e *paradeza*; um mundo no qual as coisas ainda não existem como são, como *pré-coisas*, *pré-musgo*, *pré-verme*, *desmusgo*, *luaçal*, *tarumeiro*, *pirizeiro*, *cintilância* e no qual as ações que acontecem são nomeadas de outra forma, como: *comparamento*, *conversamento*, *descomportamento*, *servimento*, *morrimento*, *natência*.

É o próprio poeta quem ratifica nossas palavras: “Todas as coisas cujos valores podem ser / disputados no cuspe à distância / Servem para poesia (BARROS, 1974, p. 15)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou fazer um levantamento dos neologismos derivacionais criados por Manoel de Barros por meio do processo de derivação com o acréscimo de afixo e reuni-los em uma única obra, fato que atesta a sua relevância, uma vez que a leitura de parte da fortuna crítica do poeta nos permitiu perceber que, independente da vertente estudada, os pesquisadores sempre se referem ao trabalho ímpar que o poeta realiza com a linguagem, sua forma de dizer, ou melhor, de “desdizer”, torna seus textos objeto de estudo de inúmeros pesquisadores que buscam entender a complexidade existente por trás da aparente simplicidade de seus poemas. Nada é como parece.

Como já sabíamos qual o tema a ser desenvolvido: as criações neológicas de Manoel de Barros a partir do processo de formação de palavras derivação, uma vez que esta pesquisa é parte componente de um projeto maior denominado *A (re) invenção lexical em Manoel de Barros*, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Kelcilene Grácia-Rodrigues, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Três Lagoas, iniciamos nosso trabalho com a leitura de toda a obra de Manoel de Barros objetivando localizar os neologismos formados a partir do processo de derivação.

Enquanto buscávamos identificar os neologismos, procuramos conhecer um pouco da vida do poeta e sua fortuna crítica, como se observa no primeiro capítulo, quando apresentamos uma pequena biografia do autor seguida da apresentação de vinte e seis estudos que tratam principalmente do léxico na obra de Manoel de Barros, com o objetivo de subsidiar o nosso trabalho e o de outros pesquisadores.

A fundamentação teórica forneceu suporte para apresentarmos os conceitos de Estilística e estilo segundo Câmara Junior (1997), Lapa (1998) e Martins (2011); a definição e classificação dos neologismos segundo Biderman (1978), Barbosa (1981), Carvalho (1984) e Alves (2007) e o processo de formação de palavras *derivação* de acordo com Bechara (1982), Basílio (1987), Cunha (1997), Lapa (1998), Alves (2007) e Martins (2011).

Adotamos a classificação proposta por Alves (2007)⁴ ao analisar os neologismos encontrados na imprensa na década de 1970, visto ser um trabalho semelhante ao nosso, com a identificação e classificação dos neologismos com base no uso dos afixos, entre outros processos de formação de palavras.

⁴ Alves (2007) trata-se da 3ª edição, 1ª impressão, da obra publicada em 1970.

O estudo nos permitiu observar que, em Manoel de Barros, as criações neológicas nasceram com o poeta, já em seu primeiro poema do primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado* (1937) e, se foram escassas nos dois livros seguintes, *Face imóvel* (1942) e *Poesias* (1956), o uso do recurso se intensificou a partir do quarto livro.

Isso apenas confirmou nossa hipótese ratificada pelas ideias de Barbosa (1981), para quem:

Existe na criação neológica uma coerção intencional de emissor sobre receptor, uma intenção de atingi-lo em si mesmo, positivo ou negativamente e provocar uma reação de sua parte. Trata-se de uma criação consciente da parte do locutor, que estabelece uma espécie de cumplicidade entre ele e o destinatário do discurso. (BARBOSA, 1981, p. 93)

Para nós, assim como para Barbosa (1981), não há como ler um poema de Manoel de Barros e não se surpreender com o uso das palavras e as imagens criadas pela combinação delas. Podemos destacar a reincidência do prefixo “des-” e do sufixo “-oso”, ambos considerados por Martins (2011) os afixos de maior produtividade na língua, como em “desfigura” e “riachoso”, a criação de advérbios a partir de substantivos, como em “estrelamente”, a substituição de sufixos dicionarizados por outros capazes de tornar a língua mais próxima do falante regional, como em “conversamento”, a formação de adjetivos a partir de substantivos que oportunizam uma economia vocabular, como no caso de “olhoso”, o uso de verbos formados a partir de substantivos, como em “brejar” e a ideia de origem, período anterior ao tempo da criação como a conhecemos, como em “pré-musgo”, “pré-vermes” ou “pré-coisa”.

Para Sanches Neto (1997), a preferência pelo uso do prefixo “des-” revela uma poética de negação, alicerçado na valorização das coisas que não tem préstimo para a sociedade consumista, mas que servem de matéria para a poesia.

Utilizando o processo de formação de palavras derivação, Manoel de Barros surpreende o leitor, economiza palavras e enriquece a língua. Sua liberdade ao manipular as palavras torna a leitura de seus poemas um momento de enriquecimento da língua e das ideias. É preciso refletir, voltar ao “descomeço” para se chegar a um fim

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adris André de. *As raias da memória e da imaginação em Manoel de Barros*. 2012. Dissertação. (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis - SC

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

AULETE, Francisco J. Caldas; VALENTE, Antonio Lopes Dos Santos. Aulete Digital. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete*, 2006.

AZEVEDO, Cristiane Sampaio de. A “desutilidade poética” de Manoel de Barros: questão e poesia ou filosofia? *Revista.doc*. Rio de Janeiro. S. v. nº 3. 2007. P. 1-17
Disponível em: http://www.revistapontodoc.com/3_cristianesa.pdf. Acesso em 23 de setembro de 2014.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

BARROS, Manoel de. *Face imóvel*. Rio de Janeiro. Século XX, 1942. 53p.

_____. *Poesias*. São Paulo: Pongetti, 1956. 69p.

_____. *Gramática expositiva do chão*. São Paulo: Tordos, 1969. 60p.

_____. *Matéria de poesia*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974^a. 46p.

_____. *Poemas concebidos sem pecado*. In: _____. *Matéria de poesia*. Rio de Janeiro. Livraria São José, 1974b. p. 47-69.

_____. *Arranjos para o assobio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. 64p.

_____. *O livro das ignoranças*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994^a. 107p., 2000.

_____. *Ensaio fotográficos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. Com o poeta Manoel de Barros. Manoel de Barros. *Gramática Expositiva do Chão: Poesia quase toda*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 312-17. Entrevista concedida a Martha Barros em 1992

_____. Conversas por escrito. In: _____. *Gramática expositiva do chão* (Poesia quase toda). 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 305–343.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. Editora Ática, 1987.

Disponível em:

http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Margarida_Basilio_Teoria_Lexical.pdf. Acesso em 18 de março de 2015.

BASTOS, Luciete. Fazendeiro de Poesias: uma leitura do livro ensaios fotográficos de Manoel de Barros. *Letras de Hoje* – Estudos e debates de assuntos de linguística, literatura e língua portuguesa, v. 39, n. 2, 2004.

Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/fale/article/view/13825/9155> Acesso em 23 de setembro de 2014.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 15. ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1969.

BÉDA, Walquíria Gonçalves. *O inventário bibliográfico de Manoel de Barros ou “Me encontrei no azul de sua tarde”*. 2002. 271 f. + anexos. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística, quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico; Brasília: INL, 1977. 80 p.

CAMARA, Tania Maria Nunes de Lima. *O insólito no léxico de Manoel de Barros*. Conferências. 2011.

Disponível em:

http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/livro_pronto_conferencias.pdf#page=91 Acesso em 08 de agosto de 2014.

CAMARGO, Goiandira de F. Ortiz. *A poética do fragmentário. Uma leitura da poesia de Manoel de Barros*. 1996. 299 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. A lírica impertinente de Manoel de Barros. *Princípios*: revista teórica, política e de informação. São Paulo: Anita Garibaldi, n. 55, p. 68–75, nov. /dez. 1999.

Disponível em: http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo_50_157.pdf. Acesso em 12 de agosto de 2014.

CARVALHO, N. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984. 76p.

CASTRO, Afonso de. *A poética de Manoel de Barros: a linguagem e a volta à infância*. Campo Grande: FUCMT - Dom Bosco, 1992.

CEZAR, Pedro. Só dez por cento é mentira. A Desbiografia de Manoel de Barros. *Documentário*. 81 min. Colorido. Brasil. Artezanato Eletrônico. 2008.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa*. 2 ed, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997.

CRUZ, Wanêssa Cristina Vieira. *Iluminuras: a imaginação criadora em Manoel de Barros*. 2009. 136f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-7QRH3M/iluminuras_wan_sssa_cruz.pdf?sequence=1, Acesso em: 27 setembro de 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. 2. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.1836p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Aurélio On-line. *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Positivo, 2004.

GRÁCIA-RODRIGUES, Kelcilene. *De corixos e de veredas: a alegada similitude entre as poéticas de Manoel de Barros e de Guimarães Rosa*. Araraquara, 2006. 318 f. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado, Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=85720 Acesso em 22 de fev. 2015.

GRÁCIA-RODRIGUES, Kelcilene; MARTINS, Waleska. O neologismo como recurso pós-moderno na poética de Manoel de Barros. *Carandá*, v. 1, p. 33-47, 2009. Disponível em: <http://gpluizvilela.blogspot.com.br/2012/01/caranda-n-1.html>, Acesso em: 25 de setembro de 2014.

GRACIA-RODRIGUES Kelcilene; BELON, Antonio Rodrigues; Rauer. (Org.). *O universal e o regional*. Literatura em perspectiva. Campo Grande: UFMS, 2009

GUIZZO, José Otávio et al. Conversas por escrito. BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão: poesia quase toda*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 307-43, 1990. O tema da minha poesia sou eu mesmo. Entrevista concedida a André Luís Barros. <http://www.jornaldepoesia.jor.br/barros04.html> Acesso em 26.02.2014

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss Eletrônico*. Versão monousuário, v. 3, 2009.

ISQUERDO, Aparecida Negri e SPIRONELLI, Simone C. O vocabulário de Manoel de Barros: um estudo sobre os neologismos. In: RUSSEF, Ivan; MARINHO, Marcelo e NOLASCO, Paulo Sérgio (orgs.). *Ensaio farpados: arte e cultura no pantanal e no cerrado*. Campo Grande: Letra Livre/UCDB, 2004. p. 188–201.

LANDEIRA, José Luís. Linguagem, razão e transcendência: uma abordagem estilística da poesia de Manoel de Barros. *Revista Philologus*, Ano 15, N° 45. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 92 set./dez.2009

Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/45/06.pdf> Acesso em 05 de maio de 2014.

LANDEIRA, José Luiz Lopes. *A construção do sentido na poesia de Manoel de Barros: Estudo de elementos expressivos fonéticos e morfossintáticos*. 2000. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 275 p.

LIMA, Tânia. A travessia da palavra: algumas inutilidades em Manoel de Barros. *Encontros de vista*. S. v.s.n. p.47-

Disponível em: <http://ebookbrowse.net/a-travessia-da-palavra-algumas-inutilidades-em-manoel-de-barros-pdf-d46852142> Acesso em 24 de abril de 2014.

MARINHO, Marcelo et al. *Manoel de Barros: o brejo e o solfejo*. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2002. 88p
[http://www.academia.edu/2711498/Manoel de Barros o brejo e o solfejo](http://www.academia.edu/2711498/Manoel_de_Barros_o_brejo_e_o_solfejo)

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. 4. ed. rev.1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. (Acadêmica; 71)

MARTINS, Waleska e MARINHO, Marcelo. A obra poética de Manoel de Barros: o processo de criação de neologismos. In: MARINHO, Marcelo et al. *Manoel de Barros: o brejo e o solfejo*. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2002. p. 47–57.

MENEGAZZO, Maria Adélia. *Alquimia do verbo e das tintas nas poéticas de vanguarda*. Campo Grande: CECITEC/UFMS, 1991. 244 p.

MORAES, Paulo Eduardo Benites de. *Manoel de Barros: poeta antropófago*. 2014. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas / MS)

PEREIRA, André Almeida Alves; SILVA, Valdete Nunes. *Neologismos e metalinguagem: os (des)limites da palavra em Ensaios Fotográficos, de Manoel de Barros*. s.l: 2008.

Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp32/02.pdf>>. Acesso em 24 de agosto. 2014.

RAMIRES, Emanuela Maria G. e RUSSEF, Ivan. Aspectos semânticos e lexicais da obra poética de Manoel de Barros. In: RUSSEF, Ivan; MARINHO, Marcelo e NOLASCO, Paulo Sérgio (orgs.). *Ensaios farpados: arte e cultura no pantanal e no cerrado*. Campo Grande: Letra Livre/UCDB, 2004. p. 129–139.

ROLON, Renata Beatriz Brandespin. *A prosa poética de Manoel de Barros: lirismo, mitos e memórias*. 2006. 91p Disponível em:

<<http://www.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/65c29e1ab55b730fe7054c8f344547d9.pdf>>. Acesso em 06 de agosto de 2014.

SANCHES NETO, Miguel. *Achados do chão*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 1997. 78p

SANDMAN, Antonio J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1991.

Disponível em:

http://minhateca.com.br/Yuri_mf/Galeria/Portugu*c3*aas/Antonio+J+Sandmann+-+Morfologia+Lexical,10538601.rtf. Acesso em 25 de janeiro de 2015.

SANTOS, Suzel Domini. A metalinguagem em Manoel de Barros: uma tática da criação. *Estação Literária*. Londrina. v. 8. n° 1. 2011. p.158-165.

Disponível em: < <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8BArt16.pdf> >. Acesso em 11 de dezembro de 2013.

SILVA, Antônio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa* composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (Volume 1: A -K). 1755-1824.

Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00299210#page/1/mode/1up> Acesso em 15 de novembro de 2014.

SILVA, Antônio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa* composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (Volume 2: L - Z). 1755-1824

Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00299220#page/1/mode/1up> Acesso em 15 de novembro de 2014.

SILVA, Célia Sebastiana. Manoel de Barros: sem margens com as palavras. *Fragmentos de cultura*. Goiânia. v. 19. n° 7/8. 2009. p.541-550.

Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/1078/754>>. Acesso em 26 de agosto de 2014.

SILVA, Célia Sebastiana. *Manoel de Barros: lírica, invenção e consciência criadora*. FronteiraZ. São Paulo. v.5. n° 5. 2010. p. 211-220.

Disponível em:

<http://www4.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros_anteriores/n5/download/pdf/revista_fronteiraz5_impreso.pdf>. Acesso em 15 de fevereiro de 2014.

SILVA, Kelcilene Grácia da. *A poética de Manoel de Barros: um jeito de olhar o mundo*. 1998. 243 f. Dissertação (Mestrado em Letras). UNESP, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

SILVA, Márcio Sales da. Manoel de Barros, o poeta do devir. *E-scrita*, Nilópolis, v. I, nº1. 2010, p. 90-106. Disponível em:

<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&ved=0CDYQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.uniabeu.edu.br%2Fpublica%2Findex.php%2FE%2Farticle%2Fdownload%2F11%2Fpdf_8&ei=Ot58Uv6-C TC4AOH04DYDg&usg=AFQjCNEDI-4qgNvLXuhAqT1t4DQTIkdkDQ&sig2=oHxn9mO52kV_0-TvtRAR9Q>. Acesso em 28 de setembro de 2014.

SILVA, Silvana Augusta Barbosa Carrijo. A poética manoelina: travessuras lexicais. In: RUSSEF, Ivan; MARINHO, Marcelo e NOLASCO, Paulo Sérgio (orgs.). *Ensaios farpados: arte e cultura no pantanal e no cerrado*. Campo Grande: Letra Livre/UCDB, 2004. p. 151–172.

SOUZA, Elton Luiz Leite de. *Manoel de Barros: a poética do deslimite*. Rio de Janeiro, v. 7, 2010.

SPIRONELLI, Simone Cristina. *O vocabulário de Manoel de Barros: construindo sentidos por meio da expressividade das palavras*. 2002a. 151f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

SPIRONELLI, Simone Cristina. *Vocabulário de Manoel de Barros: questões estilísticas*. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO – GEL, 50, 2002. *Manual de resumo*, 2002b. Disponível em:

<<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/cc079.htm>>. Acesso em 28 de setembro de 2014.

SPIRONELLI, Simone Cristina. O vocabulário de Manoel de Barros: construindo sentidos por meio da expressividade das palavras. *Ave Palavra* (UNEMAT), Alto Araguaia, v. 1, p.

74-78, 2006. Disponível em:

<<http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/07/arquivos/SPIRONELLI.pdf>>, Acesso em 28 de setembro de 2014.

VIEIRA, Tania Regina e AGUIAR, Ofir Bergemann de. A (re)criação do idioleto mannelês. *Revista de Letras*, São Paulo, v.49. n.1. 2009. p. 09-28. Disponível em:

<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&cad=rja&uact=8&ved=0CD0QFjAD&url=http%3A%2F%2Fseer.fclar.unesp.br%2Fletras%2Farticle%2Fdownload%2F1746%2F1421&ei=6AYZU7KiMI_ykQe6u4DYCg&usg=AFQjCNEKBHkICy1Cz9wIT1TT_ITfO29p8A>. Acesso em 02 de março de 2014.

ZANARDI, Juliene Kely. O delírio do verbo: a agramática de Manoel de Barros. ANAIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, Vol. XV, Nº 5, t. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011 p. 2134-2141. Disponível em:

http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_3/178.pdf Acesso em 29 de julho de 2014.

ou

Disponível em:

http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/livro_pronto_conferencias.pdf#page=91 Acesso em 08 de agosto de 2014.

APÊNDICE A

LISTA DE NEOLOGISMOS POR OBRA

1. *Poemas concebidos sem pecado – 1937*

Brenhenta

Disiliminar

Disrremelar

Pirizeiro

Tarumeiro

2. *Face imóvel – 1942*

Desmedidamente

3. *Poesias – 1956*

Antiapocalíptico

Desplanar

4. *Gramática expositiva do chão – 1966*

Anti-salmo

Anuroso

Avino

Desherói

Desmusgo

Empassarar

Entardecente

5. *Matéria de poesia – 1974*

Brenhenta

Bundura

Riachoso

6. *Arrajos para assobio – 1982*

Adejante

Andarejo

Bestego

Brejava

Caminhoso

Desfigura

Ensaruar

Estrelamente

Inutensílio

Limbo

Luaçal

Olhoso

Paradeza

Passarinhal

Riachoso

7. *O livro das ignoranças –*

Bestamento

Brivante

Coisário

Conversamento

Desagero

Descomeço

Desinventar

Deslimite

Desnatura
Desnomear
Entremência
Femear
Insetoso
Morrimento
Nadeira
Nadeza
Natência
Nobrementes
Prediletam
Servimento
Umidez
Vegetalmente

8. *Ensaaios fotográficos – 2000*

Antesmente
Cintilância
Comparamento
Descomportamento
Desconstrução
Desobjeto
Desverbado
Gental
Insetal
Pré-coisa
Pré-musgo
Pré-verme

APÊNDICE B

LISTA DE NEOLOGISMOS POR CLASSE GRAMATICAL E OBRA

Substantivos	Adjetivos
1. Andarejo (APA)	1. Adejante (APA) (APA)
2. Anti-salmo (GEC)	2. Anivelado (LI)
3. Bestamento (LI)	3. Antiapocalíptico (P)
4. Bestego (APA), (APA)	4. Anuroso (GEC)
5. Bundura (MP)	5. Avino (GEC)
6. Cintilância (EF)	6. Brenhento (PCSP) (MP)
7. Coisário (LI)	7. Brivante (LI)
8. Comparamento (EF)	8. Caminhoso (APA)
9. Conversamento (LI)	9. Desverbado (EF)
10. Desagero (LI)	10. Entardecente (GEC)
11. Descomeço (LI)	11. Gental (EF)
12. Descomportamento (EF) (EF) (EF)	12. Insetal (EF)
13. Desconstrução (EF)	13. Insetoso (LI)
14. Desfigura (APA)	14. Limboso (APA)
15. Desherói (GEC)	15. Olhoso (APA)
16. Deslimite (LI)	16. Passarinhal (APA)
17. Desmusgo (GEC)	17. Riachoso (APA) (MP)
18. Desobjeto (EF)	
19. Entremência (LI)	
20. Inuntensílio (APA) (APA) (APA) (APA)	Advérbios
21. Luaçal (APA)	1. Antesmente (EF)
22. Morrimento (LI)	2. Desmedidamente (FI)
23. Nadeira (LI) (LI)	3. Vegetalmente (FI)
24. Nadeza (LI)	4. Estrelamente (APA)
25. Natência (LI)	

- 26. Nobremente (LI)
- 27. Paradeza (APA)
- 28. Pirizeiro (PCSP)
- 29. Pré-coisa (EF)
- 30. Pré-musgo (EF)
- 31. Pré-verme (EF)
- 32. Servimento (LI)
- 33. Tarumeiro (PCSP)
- 34. Umidez (LI)

Verbos

- 1. Brejar (APA)
- 2. Desinventar (LI)
- 3. Desnomear (LI)
- 4. Desplanar (P)
- 5. Disiliminar (PCSP)
- 6. Disrremelar (PCSP)
- 7. Empassarar (GEC)
- 8. Ensaruar (APA)
- 9. Femear (LI)
- 10. Prediletar (LI)